

Ainda a Conferência Internacional de Lisboa

O Presidente da República Portuguesa, general Ramalho Eanes, é um dos patronos da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente que hoje se inaugura, solenemente, em Lisboa. São patronos, também, desta importante reunião internacional os presidentes da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, da República do Botswana, dr. Quett Masire, da República Popular de Moçambique, marechal Samora Machel, da República Unida da Tanzânia, Julius Nyerere, da República da Zâmbia, dr. Kenneth Kaunda, os primeiros-ministros dr. Robert Mugabe, da República de Zimbábue e dr. Seabua Jonathan, do Reino do Lesotho. Dão igualmente o seu patrocínio à Conferência dois dirigentes políticos africanos que lideram movimentos de libertação de países directamente envolvidos na conflituosa problemática da África Austral: Sam Nujoma, presidente da SWAPO, Oliver R. Tambo, presidente do A.N.C. (Congresso Nacional Africano).

Este elenco de patrocinadores, e a presença de delegações de alto nível e de incontestável representatividade política, dão à Conferência de Lisboa uma relevância que não permite que as autoridades portuguesas governamentais e municipais a ignorem, que forças políticas respeitadoras dos interesses nacionais dela se desinteressem ou a hostilizem, que alguma imprensa a ataque. A Conferência acaba por constituir um teste ao bom senso, à inteligência dos problemas da política internacional e em particular da política africana, um teste ao patriotismo e ao critério de independência nacional de alguns homens políticos.

A Conferência veio dar-nos uma nova oportunidade para verificar como é entendida, e por quem é entendida, a contribuição do 25 de Abril para o novo relacionamento de Portugal com a África e com os países do Terceiro Mundo. E mostrou, mais uma vez, como se encaram situações que correspondem ao interesse e ao prestígio nacional, sob um ângulo estreito de visão partidária, de subserviência a interesses estrangeiros, de sectarismo. A Câmara Municipal de Lisboa não soube — pelo voto de

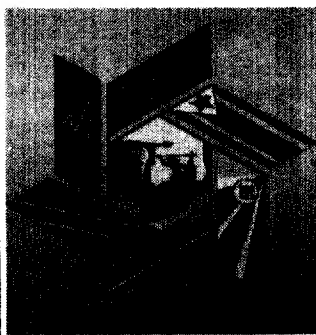
Continua na pág. 24

DL

**Hoje
'Ler/Escrever'**

Solidariedade com a linha da Frente

Pintasilgo presente em nome de Eanes



●Chissano contacta Governo português e Futscher Pereira dispõe-se a receber delegações

Lurdes Pintasilgo discursa na sessão inaugural da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, com início às 18 horas, de hoje, no Teatro São Luís. O nome de Lurdes Pintasilgo, que representa o Presidente da República, general Ramalho Eanes, não estava inicialmente incluído na lista dos oradores.

Recorde-se que, ontem, uma delegação da Conferência Preparatória da CISELF, presidida pelo

tenente-coronel Vítor Alves, se deslocou a Belém para convidar Ramalho Eanes a fazer-se representar na sessão inaugural. O Presidente designou Maria de Lurdes Pintasilgo para esse efeito. Esta tarde o Presidente Ramalho Eanes recebe vários participantes na CISELF, não estando, no entanto, agendado para hoje nenhum encontro nem com Joaquim Chissano nem com Paulo Jorge. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique,

Joaquim Chissano, declarou à AIM à partida do Maputo, que aproveitaria esta estadia em Portugal para contactos bilaterais com o Governo. Esta tarde, antes da sessão inaugural, será escolhido o Presidente da Conferência. A reunião, considerada de importância histórica, encerra no próximo domingo com uma sessão pública em «A Voz do Operário». O dia de amanhã será consagrado ao trabalho nas três comissões.

Pág. 24



Sentença conhecida esta tarde

Agente da PSP considerado culpado de assassinio de um homossexual

O agente da PSP António Silvestre foi ontem considerado culpado da morte de um homossexual de 29 anos, Abel da Silva, morto a tiro no

dia 1 de Julho de 1982, em Monsanto. Segundo consta da acusação, agora dada como provada, António Silvestre encontrou a vítima e

um seu amigo, João Vivelino, em Monsanto, cerca das duas horas da manhã. O réu, que se encontrava à paisana, ameaçou-os com uma pis-

tola, que mais tarde viria a disparar, acertando um dos tiros em Abel da Silva, que teve morte imediata. O guarda era ainda acusado de

ter obrigado os dois homossexuais a terem relações sexuais entre si e com ele próprio.

Pág. 9

Praia da Rocha vai perder cem mil dormidas

O turismo da Praia da Rocha poderá perder esta Verão cerca de cem mil dormidas, o que representa menos 500 mil contos de divisas entradas.

Trata-se de uma previsão com base no recuo dos operadores turísticos internacionais quanto a contratos já estabelecidos com unidades hoteleiras da Praia da Rocha.

O motivo desse recuo é simples: a zona está muito perturbada por um ritmo selvagem de construção civil, que provoca ruídos, poeiras e lama. Mais: as explosões para a abertura de caboucos podem atingir os turistas.

Soma-se a tudo isto a falta de balneários, sanitários, chuveiros públicos e parques de

estacionamento. Temos aí o quadro para que os turistas demandem outras paragens.

A resposta da Câmara de Portimão surge agora, dado o «aperto». Os construtores civis foram intimados a protegerem até 15 de Maio, com redes e tapais, os edifícios em construção.

A decisão foi anunciada pelo presidente da Câmara em reunião com os representantes das unidades hoteleiras da região. Mas a verdade é que ainda não há um regulamento da construção civil, naquele concelho. E ele terá de ser aprovado pela respectiva Assembleia Municipal.

Partidos "aceleram" para as urnas

A um mês da ida às urnas os principais partidos políticos multiplicam os contactos com o eleitorado, com destaque para os principais dirigentes que efectuam verdadeiras maratonas de fim-de-semana. É o que se passa já a partir de hoje, com Álvaro Cunhal (APU), no Algarve, Mota Pinto (PSD), no Porto, e Mário Soares (PS), em Lisboa. Escapam — até amanhã — os dois líderes do CDS, Lucas Pires e Adriano Moreira, pela simples razão de que a «sua» pré-campanha se alargou nos últimos dias ao estrangeiro: o primeiro passou pela Inglaterra e Bruxelas, o segundo foi até aos Estados Unidos. Mas ambos regressam hoje à capital.

Nesta «corrida ao voto», o secretário-geral do PCP bate todos os recordes: de hoje até domingo realiza 11 sessões de esclarecimento e preside a dois comícios, numa série de iniciativas que principia no Algarve (Portimão e Silves esta noite) e termina em Setúbal, passando por Beja. Outro «fundista» é Mota Pinto que depois de hoje, no Porto, ocupar a tarde com sucessivos contactos com autarcas, parceiros sociais, militantes sociais-democratas e jornalistas, e à noite com um jantar no Palácio de Cristal, segue amanhã para Braga, Barcelos, vila Nova de Famalicão e Fafe.

Mais comedido, Mário Soares, que ocupa a noite de hoje com um jantar com sindicalistas e trabalhadores socialistas, em Paio Pires, estará amanhã na área do Porto reunindo com militantes do seu partido. Comedidos, também, serão os recém-regressados Lucas Pires e Adriano Moreira, que não abandonam Lisboa: os dois dirigentes ocupam o dia de amanhã e o domingo com o Encontro Nacional de Candidatos centristas, marcado para um hotel da capital.

1.º DE MAIO NA URSS

Viagem de 26.4 a 10.5 (2 semanas) visitando Moscovo, Minsk, Leninegrado, Vladimir, incluindo pensão completa, todos os transportes, visitas a museus e um espectáculo

— 1.º de Maio (dia do trabalhador) em Leninegrado
— 9 de Maio (dia da vitória) em Moscovo

Preço da viagem: Esc.: 58 750\$00

AGITURISMO

RUA DA GLÓRIA, 43 (JUNTO AOS RESTAURADORES)
TEL. 367202 — LISBOA

PROMARCAS

AO 1.º EMPREGO

Se estiver disposto a iniciar uma carreira, a Promarcas, empresa jovem — apoiada em forte organização nacional — proporciona a sua preparação como técnico de informação para os seus quadros.

CONDIÇÕES EXIGIDAS:

- Idade mínima 20 anos.
- Deveres militares cumpridos.
- Habilitações mínimas 9.º ano.
- Possuir carta de condução, como condição preferencial.

CONDIÇÕES OFERECIDAS:

- 1 — Durante a formação 15 contos de compensação.
- 2 — Se for aprovado, garantia mensal de 20 contos + comissões.

Resposta ao apartado 1458 — Lisboa — Codex



Município de Lisboa

EDITAL N.º 28/83

EMPREITADA N.º 150/4.ª/0/82 — «OBRAS DE BENEFICIAÇÃO NA ESCOLA N.º 151, SITA NA RUA FERNANDO PESSOA»

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à Empreitada acima referida, com a base de licitação de 2 097 184\$00. (Processo n.º 11/83/DSTE).

O depósito provisório é de 52 430\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea 10.5 da parte 10.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na Direcção dos Serviços de Obras — 4.ª Repartição — Conservação de Obras Municipais, sita na Rua da Palma, N.º 169, das 9.30 às 12 e das 14.30 às 17.30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. (O Sábado não é considerado dia útil.)

Paços do Concelho de Lisboa, em 11 de Março de 1983.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,
SUBSTITUTO
Lívio Borges

Com a entrada em função dos novos governadores A oposição passa a dirigir os principais Estados do Brasil

Charles Vanhecke Serviço exclusivo «Le Monde»-DL

Um novo colosso era-nos prometido lá longe, do outro lado do Atlântico. Nascido com ferros — repressão e capitalismo selvagem — crescia ano após ano ameaçando o mundo industrial e os seus produtos. Ei-lo, após tantos outros, ceifado pela crise, obrigado a ajoelhar-se perante os seus credores e a rever os trabalhos de Hércules que tinha programado: grandes barragens e minas faraónicas. Cheio de dúvidas, menos rico do que julgava, ei-lo, de súbito, a titubear.

UMA ditadura militar parecia ter-se enraizado. Generais mais inteligentes do que em outros países, tinham evitado criar um Perón ou um Pinochet, e tinham conservado a permanência de um sistema, fugindo aos banhos de sangue e ao estado de graça de um caudillo. Praticavam, a seu modo, a alternância: um general presidente sucedia a outro escolhido no segredo dos estados-maiores. Uma mão de ferro abatia-se sobre a oposição, outra, menos rude, estendia-se para os que aplicavam as regras do jogo, embora contestando-as.

E depois, eis que em alguns anos a ditadura toma aparências — e mesmo um pouco mais — de democracia: os exilados são amnistiados e regressam ao país, os partidos que tinham sido proscritos, ressuscitam; a imprensa é, de novo livre; já não se é preso por delito político. O regime continua, no entanto, a ser repressivo, sobretudo onde é contestado pela Igreja, porque põe a polícia e o exército ao serviço dos grandes proprietários, que expulsam das suas terras milhões de esfomeados.

No passado dia 15 de Novembro, novo progresso: os brasileiros — visto que é deles que se trata — elegem pela primeira vez nos últimos dezasseis anos os seus governadores, ao mesmo tempo que os seus representantes nas assembleias locais e nacionais — de uma república demasiado vasta para não ser descentralizada, e que adoptou um sistema federal semelhante ao dos Estados Unidos.

Um projecto comum

Embora condicionado por toda a espécie de ratoeiras, o escrutínio revela aquilo que já se sabia há vários anos: a oposição é maioritária, no país. É o número de vozes e mesmo em número de deputados. Se não o é em número de governadores — dez em vinte e dois — os Estados onde se implanta correspondem, de qualquer modo, a uma maioria, visto agruparem 60% da população e fornecerem 75% do PNB do país.

Dez governadores de temperamentos diversos mas que têm um projecto comum: introduzirem um pouco de ordem e de justiça numa sociedade que nunca foi igualitária, é certo, mas que se inclinou para os extremos, e que cresceu na anarquia. Os próprios brasileiros dizem da sua nação que ela é uma espécie de Bélgica encravada numa espécie de Índia: uma minoria dos seus 125 milhões de habitantes vive segundo os standards europeus (alto poder de compra e angústias «existenciais») enquanto que a maioria se debate nas misérias do quotidiano.

Lionel Brizola (Rio de Janeiro) promete alimentar e educar as crianças das favelas (bairros de lata), a fim de preparar a geração de amanhã, «a que fará, diz ele, aquilo que não podemos ou não sabemos fazer». Franco Montoro (São Paulo) rodeou-se de economistas brilhantes e de defensores dos direitos do homem a fim de disciplinar e humanizar a metrópole mais industrial e caótica do continente. Tancredo Neves (Minas Gerais) já aparece fiel à tradição política



Leonel Brizola, governador do Estado do Rio de Janeiro

da sua região, como homem chave do diálogo que os militantes julgam necessário haver com as diversas componentes da sociedade, sobre tudo num momento em que estão em dificuldades.

Os serviços secretos: um «monstro»

Claro que os governadores brasileiros não têm os mesmos poderes que antes. O absolutismo dos generais e o tecnicismo do sistema conjugaram-se para concentrar o essencial das decisões e dos recursos em Brasília. Os novos governadores terão mesmo menos prerrogativas que os seus predecessores, visto o presidente Figueiredo lhes ter retirado a responsabilidade da política e da polícia militar. Isto não impede que a data de 15 de Março seja capital na evolução do regime. Pela primeira vez desde 1964, os militares aceitam — finalmente — partilhar o poder.

Como chegaram eles aí? Os realistas afirmam que não foi por convicção democrática nem para responder a uma exigência da sociedade. Se os senhores do sistema se resignaram a liberalizá-lo foi «para resolver os seus próprios problemas», diz o sociólogo Luciano Martins. Eles tinham, com efeito, problemas. Tinham brincado aos aprendizes de feiticeiro criando aquilo a que no Brasil se chama a «comunidade de informações», que engloba os vários serviços de informação e de repressão encarregados de «segurar» o país. Porque a criatura escapou a pouco e pouco ao seu criador. Os oficiais da informação manipularam muitas vezes a informação destinada aos seus superiores. Estes montaram um aparelho tanto mais terrível quanto era clandestino e servia para espiar os próprios militares, cujas promoções dependiam das

fichas secretas redigidas sobre eles.

«Criámos um monstro», confessavam alguns altos dirigentes no fim dos anos 70. «Uma SS», diziam mesmo certos oficiais, envergonhados com as torturas praticadas durante a repressão. Mas o general Geisel chega à presidência em 1974, levando consigo chefes militares mais esclarecidos. O seu conselheiro mais próximo, o general Golbery põe em funcionamento a «abertura gradual e controlada» do regime. Esta servirá aos governantes para diminuir a força — oculta — dos serviços secretos e para suprimir a tortura dos presos políticos. Permitir-lhe-á também diminuir o controlo exercido pelos oficiais. Em breve se desenha um sistema ambíguo «onde, como diz o sociólogo francês Alain Rouquié, o presidente depende do apoio dos militares, mas onde os militares obedecem ao presidente.»

Os estrategos da «abertura» também compreenderam que o regime, para ser eficaz devia ser transparente. Restabelecem a liberdade de imprensa para contrabalançar a desinformação praticada pelos serviços secretos, e saber o que se passa no país. Eles aceitam a ideia de que os opositoristas são menos perigosos «dentro» do que «fora» isto é, são menos perigosos na legalidade do que na clandestinidade. Enfim — explicação maquiavélica para a «abertura» — não lhes desagradava em tempo de crise compartilhar algumas responsabilidades com a oposição.

As pressões da sociedade também têm o seu papel: as da Igreja, que se indigna com a ordem existente, as da imprensa rebelde à censura, as da «intelligentsia» do milhã de estudantes que todos os anos saem das universidades. Os movimentos populares nos «barridos», nos bairros, nas comunidades de

base, que parecem ter surgido com a liberalização, precederam-na, na realidade. As grandes greves de 1978 e 1980, em São Paulo foram fruto de uma organização sindical já existente.

Se essa pressão social se mantiver, pode favorecer uma verdadeira democratização. De momento, os analistas só vêem nas etapas percorridas a liberalização de um sistema que continua autoritário, visto a alternância não ter sido aceite e as leis continuarem a ser modificadas ao gosto do Governo. Tudo é possível dizem eles: tanto o retrocesso como a democracia.

Os militares atingiram, em todo o caso, um dos objectivos que há décadas se tinham fixado: impediram que um partido populista ou popular se tornasse maioritário no país, acordando assim os «demónios» por eles tão receados do castrismo ou do comunismo. Os governadores do P. M. D. B. (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), a principal formação de oposição, são, com efeito, moderados.

Outra observação formulada no dia seguinte ao escrutínio: o Governo conseguiu meter no seu Partido o P. D. S. (Partido Democrático Social), homens modernos e competentes que não têm grande coisa a ver com os servidores zelosos que até então tinham sido seus representantes. O «aggiornamento» político do poder e a moderação da oposição fazem com que alguns observadores digam que no Brasil já se opera uma «conjunção dos centros», no seio de um bipartismo reconstituído sobre as cinzas do que foi abolido em 1980.

O futuro dirá se um país socialmente arcaico pode incarnar-se duravelmente nos partidos centristas. O que presentemente pesa mais, é a tormenta económica e monetária em que o Governo do general Figueiredo se debate.

Um Governo «desmoralizado»

Há algumas semanas que este parece desmoralizado. Pela segunda vez em menos de um ano, Delfim Neto, ministro do Plano e homem-orquestra da economia, apresentou uma demissão que foi recusada. Os dirigentes foram obrigados a inclinar-se perante o F.M.I. depois de ter pedido o seu auxílio para pagar uma dívida a curto prazo que equivale a três quartos das receitas de exportação. Em Fevereiro, tiveram de consentir numa «maxidesvalorização» do cruzeiro em 30%, o que prejudicou duramente uma população já empobrecida.

Facto inédito, o chefe do Estado foi obrigado a explicar-se na televisão. Atribuiu aos países industrializados a responsabilidade de uma crise que os brasileiros sabem muito bem que se deve em grande parte, à política do «salto em frente» seguida até agora, e que levou no terceiro ano consecutivo à recessão (-3,5% previstos em 1983). O general Figueiredo pediu uma «treva política» a fim de ultrapassar as dificuldades da hora presente. Se a situação económica não influir até agora na evolução política do regime, parece que, desta vez, a crise tem a sua lógica: leva os militares à democratização.

Evocar um homem

Helena Cidade Moura

DIFÍCIL será evocar Seíça Neves sem sentir o aperto das suas mãos torturadas pela doença, a alegria, a fraternidade, o mundo de esperança e o horizonte de futuro que elas abriam.

Ao fim deste ano de ausência, o potencial transformador que era a sua voz serena, determinada, onde a tolerância colocava uma tão bela e tão forte sonoridade, soa ainda clara, límpida penetrante aos nossos ouvidos.

Neste tempo de espera e de urgência é um privilégio podermos acolher sob a sua tutelar coragem, a sua exemplar inteireza e a sua profunda humildade intelectual.

O aniversário da sua morte coincide com o necessário reagrupamento das forças democráticas e evocá-lo é reflectirmos nós próprios na missão histórica que nos cabe.

Em Portugal, a procura de soluções faz parte do quotidiano do homem honesto, que vive colectivamente. A humildade intelectual é uma fonte de saber e uma grande alavanca do progresso.

No momento em que só os partidos políticos, mas sobretudo os homens que os formam, se vão dirigir ao povo português, pedindo-lhe o seu parecer e as suas opções, bom será que: a humildade das realizações concretas ultrapasse as fantasmagorias eleitoralistas, que a humildade dos raciocínios claros assentes nos problemas autênticos supere a tentação da retórica. No momento em que os homens se preparam para agir, bom será que essa obrigatoriedade da acção seja assumida por aquele que a profere e não relegada para as esferas governamentais hipotéticas, fora do controlo da grande maioria, que vai exercer o seu direito de escolha.

Neste momento, os homens que entre nós detêm o poder estão isolados: o discurso político dificilmente se liga a um consenso social; e a tecnocracia, por muito que se esforce, não consegue aumentar o nível de satisfação das populações, cujos valores culturais e aspirações sociais ultrapassaram, em muito, o seu campo de acção.

Nestes dois últimos anos, um espaço cheio de espanto e de receio foi aberto, para muitos portugueses que vivem do seu trabalho. Necessário se torna preenchê-lo com os esquemas reais de participação, excepcionalmente avançados, que a Revolução de Abril fez florescer.

Por isso cabe-nos evocar aqui um outro atributo de Seíça Neves: a sua exemplar inteireza. Ela será hoje um modelo- aquele homem que ninguém sabe distinguir do político, o político que ninguém sabe distinguir do homem.

As populações ainda mal enguidas do fascismo, e logo enganadas pelos projectos da mudança, terão de encontrar à sua frente homens e mulheres capazes de darem no concreto e no quotidiano a clara imagem da sua própria vida.

Para o democrata não existem nem jogos de corredor nem de sala, existem as ruas, a praça pública e o olhar directo do cidadão que o enfrenta. Para ele a democracia exige a verdade nas relações entre as pessoas, entre grupos, entre partidos, entre governo e governados.

O pacto social é só este; ele terá de mergulhar as suas raízes nos próprios padrões sociais e será expressão da vontade de um Povo.

Os grandes problemas que herdámos do passado, e que foram agravados no presente, necessitam para a sua resolução da confiança daqueles que trabalham. Essa confiança nasce na inteireza e na verdade.

Nós vimos logo no início da Revolução de Abril como a dinâmica de construção nacional e da justiça social foram expressas pelo nosso povo. Vimos também como o sentido dinâmico da Pátria foi quebrado por esquemas institucionais, embrulhados em democracia, e enforcados na realidade pelo peso dum poder não dialogante, pelos jogos do superpoder, pela mentira em nome da verdade, pelo obscurantismo em nome da participação.

Tal como Seíça Neves fez, é urgente assumirmos na íntegra a inteireza da vida. Evocámos ainda a sua coragem.

Não pensávamos na coragem pontual e necessariamente

agressiva, mas na coragem de todos os dias, naquela que transporta em si a segurança individual e gera a liberdade colectiva. Porque a liberdade não é dom gratuito, ela nasce da confrontação na prática da acção, nasce da comunicação, do diálogo com os outros homens.

A liberdade, que temos que retomar em pleno, é a base da Democracia e do Progresso: ela tem que permitir a tomada de consciência individual e tornar possível que as aspirações pessoais e colectivas meçam a distância que as separa da realidade presente.

É a consciência do esforço necessário para a realização de cada indivíduo, de cada grupo que gera a dinâmica colectiva.

Sem essa consciência, assumida ao nível da coragem de vencer, é impossível gerar-se entre a vida pessoal, a vida do grupo e a vida da sociedade a interacção que alimenta as transformações sociais.

Foram as fortíssimas tensões entre os cenários desejados e a tendência reprodutora dum esquema repudiado que, interpretadas por um governo-guardião, geraram entre nós os últimos acontecimentos.

Não é possível entender o filme dos factos políticos, a insensatez das afirmações governamentais, o ridículo das atitudes e os malabarismos fantásticos dos partidos fora do desconforto do quadro social causado por tensões não resolvidas e agudizadas.

Graças à coragem, à persistência, à coerência democrática um novo espaço social se abre ao esclarecimento, à reflexão, à ponderação, à reconstrução da sociedade e à de cada um de nós.

É neste momento de procura dum novo caminho que a liberdade e a tolerância são necessárias.

A liberdade e a tolerância são atributos da coragem. Só é livre quem tem a certeza de prosseguir criticamente e corajosamente o caminho da vida. Só é tolerante quem aculturo em si próprio o objectivo último do seu trajecto e ele lhe aparece tão seu, como o seu próprio corpo e a sua própria alma.

Dar a mão a outro é tão natural

como respirar. Qualquer ideia de sectarismo, por mais lógica que ela se apresente e mais justificada, é sempre uma mancha escura no caminho da Democracia. O sectarismo opõe-se à dinâmica transformadora e seca a criatividade social.

Seíça Neves escolheu o caminho da tolerância e da Unidade porque tinha uma concreta ideia da prática política e uma alta noção dos objectivos da Democracia.

A Democracia, tal como ele a concebeu, e tal como nós a concebemos, não é uma corrida para chegar à meta antes do outro.

A Democracia para nós é o caminho conjunto, crítico, quotidiano, alicerçado no trabalho e no esforço, no qual damos a mão ao maior número de pessoas possível para que a remoção dos obstáculos que nele encontramos constantemente seja, ao mesmo tempo, um acto de fraternidade e uma vitória. Acreditamos no trabalho conjunto e acreditamos que cada um tem de ter condições para que se realize individualmente no interesse colectivo.

A coerente acção política não é para nós um conjunto de máximas, é um conjunto de práticas que nos obriga a uma acção cívica e cultural.

Quando Seíça Neves falava, mesmo agora pouco tempo antes de nos deixar, era visível o ritmo colectivo que ele imprimia às suas palavras amplas e abertas por mais forte e convicção que fosse o seu pensamento.

Nunca o ouvimos fechar numa análise circunstancial, sempre o seu raciocínio se dirigia para lá dos acontecimentos.

Era um pedagogo, tinha a sensibilidade para as relações entre os homens e sentia que as transformações políticas, económicas e sociais duradouras necessitam da mobilização das vontades, da criatividade e da alteração das mentalidades. Tarefas impossíveis de realizar fora do espírito de unidade, de liberdade e tolerância.

Foi assim que à sua volta sempre se juntaram aqueles que têm fome de justiça e fome de futuro e para quem a vida de todos os dias só vale a pena ser vivida numa dimensão colectiva.

* Intervenção na sessão evocativa no 1º aniversário da morte do dr. Álvaro Seíça Neves, realizada em 19 de Março de 1983 em Aveiro.

ponto a ponto



O general Ramalho Eanes visitou ontem a Cooperativa Militar cujas instalações foram recentemente renovadas. Falando na altura, Eanes situou esta sua visita no campo dos estímulos necessários para que a Cooperativa possa cumprir melhor as suas funções. A Cooperativa Militar conta presentemente com 17.500 sócios. Durante a visita Ramalho Eanes foi acompanhado pelo presidente da Cooperativa, general Theodoro Barata.



A Comissão Permanente da Assembleia da República deverá apreciar em 28 de Abril o relatório sobre a questão de Camarate. A Comissão Permanente, que se mantém em funções até à posse da Assembleia saída das eleições de 25 de Abril, não se pode reunir durante o período eleitoral e o mandato para apreciação do relatório verifica-se até 23 do próximo mês. Deste modo, a Comissão «só eventualmente deverá apreciar o assunto» três dias depois do acto eleitoral. O mandato para seguir as investigações sobre o modo como morreram em 1980 Sá Carneiro e Amaro da Costa, foi consignado a uma comissão eventual, cujos poderes, após a dissolução do Parlamento, passaram para a Comissão Permanente.



O chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) Garcia dos Santos, afirmou no Porto que «Portugal é porventura o único país membro da NATO sem uma política definida a nível das Forças Armadas». «Por outro lado — acrescentou — não temos representação nas agências especializadas daquela organização, encarregadas da investigação para a Defesa. Garcia dos Santos fez estas afirmações durante a cerimónia de encerramento da Quarta Semana da Arma de Transmissões que se efectuou no Quartel da Escola Prática de Transmissões, no porto. O CEME, antigo oficial da Arma de Transmissões, declarou que «o Exército está empenhado em levar a cabo transformações estruturais no sentido da qualidade».



O Presidente Eanes entregou ao chefe do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, duas mensagens dirigidas à comunidade portuguesa e ao governador geral da Austrália. Alberto João Jardim, que partiu hoje para a Austrália, a convite da comunidade portuguesa ali residente e também do governador-geral australiano, disse que o seu encontro de ontem com Eanes esteve relacionado com a preparação desta deslocação. Jardim informou Eanes dos assuntos que iria tratar com a comunidade e tomou conhecimento do «dossier» sobre Timor, provavelmente a ser abordado nas conversações com as autoridades australianas, que até ao momento têm defendido uma posição diferente da de Portugal.



PINTO BALSEMÃO aceitou o convite para estar presente, como «um dos fundadores do PSD», no Terceiro Congresso dos sociais-democratas daquela região, em Novembro. A informação foi prestada por Alberto João Jardim no final de um encontro com o Primeiro-Ministro durante o qual foram abordados temas relacionados com a situação política. A propósito da situação, diria Jardim: «ser optimista, os políticos do continente estão demasiado optimistas e creio que a festa vai continuar».



A Comissão Nacional de Eleições ainda não tinha recebido ontem as listas de candidatos a deputados de oito dos 22 círculos eleitorais — os círculos em falta são Aveiro, Beja, Braga, Faro, Leiria, Setúbal, Porto e Vila Real. As listas deverão ser todas entregues até segunda-feira, data prevista para o sorteio dos tempos de antena.



O dr. Álvaro Seíça Neves, pelo braço de sua mulher, rodeado de amigos. Na foto, reconhecem-se o professor Oscar Lopes, da Universidade do Porto, o poeta Joaquim Namorado, José Bernardino

CIP disse ao PSD: a AD é a melhor solução

“Democracia não é tolerância dos desmandos”

— afirmou Mota Pinto no Pavilhão dos Desportos

Pela primeira vez — e perante um pavilhão com milhares de pessoas — a «troika» esteve junta para apresentação aos militantes sociais-democratas. Falou, primeiro, Nascimento Rodrigues, depois Eurico de Melo e o comício foi encerrado por Mota Pinto. Frequentemente interrompido pelas palavras de ordem dos sociais-democratas, Eurico de Melo exigiu alterações estruturais da economia portuguesa e «a anulação dos conceitos e leis gonçalvistas que ainda perduram». Quanto à solução para a crise, veio ao de cima o «empresário do Norte»: «Quando há crise, responde-se à crise trabalhando». Falando de improviso durante mais de 15 minutos, Eurico de Melo, acentuou que o PSD deve manter-se atento «às manobras sub-reptícias e ardilosas dos que tentam introduzir novos conceitos de corporativismo em Portugal». Eurico de Melo manifestou ali, publicamente, o seu apoio inequívoco na liderança de Mota Pinto.

Seria, no entanto, Mota Pinto, que a assistência aplaudiu com mais frequência: é o «líder» do PSD, a «troika» foi apenas um remedeio para o Congresso. Defendendo a iniciativa privada, o prof. Mota Pinto advertiu que ela deve ser desenvolvida «dentro de uma concepção da economia ao serviço do Homem». Por isso — disse — «os empresários dinâmicos e competentes são sempre bem recebidos no partido, ao contrário dos que forem especuladores». «Não é verdade que a democracia seja permissividade e tolerância de todos os desmandos», é ainda Mota Pinto que o diz, para justificar a «defesa da autoridade democrática em vez do autoritarismo».

Alianças pós-eleitorais? Mota

Pinto repetiu o já conhecido discurso: se se repetirem os resultados de 79 e 80 (com o PSD à frente) então o PSD proporá coligação com o CDS. Caso isso não aconteça, e o PS ganhe as eleições, retirará daí as ilações, podendo ser celebrado um «acordo global de regime» com o CDS e o PS.

PSD/CDS: cartas na mesa...

Chegou ontem à sede do CDS a resposta à carta de Lucas Pires ao PSD. Tal como foi divulgado, Lucas Pires afirmava: «... não obstante concorrerem separados às próximas eleições, os nossos partidos deveriam ter uma posição clara sobre a subsistência ou não da Aliança Democrática e a possibilidade da sua renovação na base de um novo acordo». O presidente do CDS lembrava mesmo que «não nos foi comunicado oficialmente pelo PSD a denúncia do acordo em causa ou a mera constatação da sua caducidade». O dirigente centrista adiantava que, caso a resposta fosse negativa, «permitir-nos-emos tirar daí as necessárias ilações em termos eleitorais e para o efeito da elaboração de um programa de Governo». A esta carta responde o PSD com a enumeração das intenções de alianças já conhecidas publicamente.

«O PSD está disponível, caso alcance uma votação que se possa considerar um sucesso eleitoral, a colaborar na formação de uma maioria democrática de legislatura, no quadro de um acordo de defesa do regime» — diz a carta enviada a Lucas Pires.

«Se os resultados eleitorais reafirmarem os sinais das elei-

ções de 1979 e 1980, o PSD proporá este acordo, em primeira linha, ao CDS» — acrescenta.

«Se — prossegue — as eleições não confirmarem uma vontade do eleitorado nesse sentido, e sempre no mesmo pressuposto de votação expressivamente forte no PSD, a nossa iniciativa dirigir-se-á quer ao CDS, quer ao PS».

«Por aqui se terá de deduzir que o projecto de mudança e o sentido nitidamente reformista contidos na proposta original da AD se mantêm, quanto a nós, válidos e continuam a ser assumidos pelo PSD» — refere a carta.

«E não é agora que o afirmamos, se se quiser recordar que uma das grandes decisões do último congresso do PSD apontou exactamente para a retoma da mudança que Francisco Sá Carneiro simbolizou com outros e protagonizou como ninguém».

«Por isso, defendemos que a AD foi e é um projecto nacional e patriótico, que não nacionalista. Foi e é um projecto de reforma que não de liberalismo económico-clássico. E conclui:

«O PSD deseja reiterar a sua concordância, que é aliás de sempre, com o propósito de procura das melhores relações entre os nossos dois partidos e com a vontade de manutenção de um diálogo político positivo no futuro em termos de interesse nacional».

Uma demissão: PSD é conservador

«O PSD ganhou imparavelmente uma dinâmica liberal e conservadora, esquecendo os princípios sociais-democratas

que animam o seu programa» — afirma, em carta ao secretário-geral, António Capucho, o dirigente social-democrata António José Fernandes, professor assistente da Universidade do Minho.

«Depois do Congresso de Montechoro — prossegue — tem todas as condições para ser um partido ainda mais conservador e liberal do que já é: as forças liberais-conservadoras que representam o grande capital e os interesses das multinacionais, passaram a dominá-lo totalmente».

PSD recebe «parceiros» — excepto a CGTP

Entretanto, a Comissão Política do PSD e o próprio líder social-democrata Mota Pinto continuam a receber os parceiros sociais. Uma excepção: não foi convidada a CGTP-IN. A saída da reunião com a direcção do PSD, Torres Couto da UGT afirmou que os «convites» são da responsabilidade do próprio PSD, obviamente, mas acentuou: «O Governo saído das próximas eleições não pode, sem cometer um grave erro, ignorar que existe uma Central Sindical chamada CGTP».

Referindo-se aos resultados das próximas eleições, Torres Couto considerou que se o Governo que vier a ser formado «não dialogar com os trabalhadores, cairá mais depressa que o anterior». Confederação do Comércio e a CIP foram também recebidas pela direcção do PSD. A CIP considerou que a AD continua a ser a melhor solução para os problemas nacionais, sublinhando Pedro Ferraz da Costa, o presidente desta organização patronal, que a CIP via com «maus olhos» o afastamento do PSD da Aliança Democrática.

Gestor da Tabaqueira saneado por Sá Carneiro

Funeral de Trigo de Morais realizou-se hoje

Faleceu ontem em Lisboa, vítima de cancro, o engenheiro José Trigo de Morais, de 50 anos, membro da Comissão Nacional do Partido Socialista. Deixa viúva e cinco filhos.

Trigo de Morais pertencia à sensibilidade da Esquerda Laboral, era licenciado em Engenharia Civil pelo IST e diplomado em Gestão de Empresas em Lausana.

Nomeado para a Comissão Administrativa do Rádio Clube Português logo a seguir ao 25 de Abril, Trigo de Morais foi secretário de Estado da Indústria durante o 6.º Governo Provisório.

Teve actividade de destaque, como gestor, à frente da

empresa pública Tabaqueira, onde foi o grande incentivador da política de acordos internacionais seguidos recentemente por essa empresa. Em Fevereiro de 1980, Cavaco e Silva e Sá Carneiro sanearam Trigo de Morais da Tabaqueira, decisão essa que foi anulada, por ser ilegal em Junho passado pelo Supremo Tribunal Administrativo.

Em Agosto o eng. Trigo de Morais foi internado no Hospital Inglês, em Lisboa, onde faleceu. Depois de ter estado em câmara ardente na Basílica da Estrela, o corpo seguiu hoje para Vila Flor, em Trás-os-Montes, terra da naturalidade de José Trigo de Morais, onde se realiza o funeral.

Pré-campanha comunista

Cunhal no Algarve, Beja e Setúbal

A APU, através do PCP, desenvolve a partir de hoje e durante o fim-de-semana forte movimentação no Alentejo e nos distritos de Beja e Setúbal.

Álvaro Cunhal encontra-se já no Algarve onde hoje ainda estará presente numa sessão de esclarecimento em Silves. No sábado e no domingo presidirá a mais 12 iniciativas deste tipo que o conduzirão sucessivamente a Loulé, Tavira, Sertão de Monte Gordo, Orlhão, Faro, Almodôvar, Aldeia Fernandes, Ourique, Odemira, Aljustrel, Ferreira do Alentejo e Grândola. Com Cunhal, uma vez em iniciativas conjuntas, outras vezes em realizações paralelas, encontram-se Carlos Brito e Margarida Tenggarrinha.

Cunhal na RTP
Uma nota da Secção de Informação e Propaganda do PCP desmente «boatos» de origem não determinada que invocam que o secretário-geral do PCP

teria recusado participar num debate na RTP-1, no dia 31. Segundo a SIP do PCP o convite foi aceite «desde a primeira hora».

CCP falará com a APU

Alves Barata, presidente da Confederação do Comércio Português, admitiu o diálogo com os comunistas no âmbito dos contactos entre os partidos e as forças sociais.

O dirigente da Confederação disse: «Se a CCP fosse convidada pela APU para um encontro, não hesitaríamos em dialogar, porque para nós não há pre-conceitos».

«O PCP — declarou Alves Barata — afirma que a solução da crise não pode ser encontrada sem os trabalhadores, mas esquece-se de acrescentar que também não pode ser encontrada sem os empresários».

A afirmação do presidente da CCP foi feita após uma reunião com dirigentes do Partido Social Democrata, em Lisboa.



Câmara Municipal do Barreiro

EDITAL

— HÉLDER DA SILVA NOBRE MADEIRA, Presidente da Câmara Municipal do Concelho do Barreiro:

— FAZ PÚBLICO, que esta Câmara Municipal deliberou, em sua reunião ordinária de 9 de Fevereiro de 1983, desafectar do domínio público municipal para o seu domínio privado, as parcelas de terreno designadas pelas letras A e F, constantes da planta anexa ao respectivo processo, a fim de se dar seguimento à expropriação de terrenos para a construção dos novos arruamentos de acesso ao Hospital Distrital do Barreiro:

ÁREAS A DESAFECTAR DO DOMÍNIO PÚBLICO PARA O DOMÍNIO PRIVADO MUNICIPAL
PARCELA A DA PLANTA ANEXA 436 m²
PARCELA F DA PLANTA ANEXA 1472 m²

— Por este motivo se convidam os eventuais interessados a apresentarem o que tiverem por conveniente sobre a deliberação em referência, no prazo de 20 dias a contar da data da afixação deste edital, a fim de ser tomada deliberação definitiva sobre o assunto.

— Para conhecimento geral se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

— E eu, António Bizarro, Primeiro Oficial servindo de Chefe da Secretaria o subscrevi.

Barreiro e Secretaria da Câmara aos 24 de Fevereiro de 1983

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Hélder da Silva Nobre Madeira



Câmara Municipal do Barreiro

EDITAL

HÉLDER DA SILVA NOBRE MADEIRA, Presidente da Câmara Municipal do Concelho do Barreiro:

FAZ PÚBLICO, que esta Câmara Municipal deliberou, em sua reunião ordinária de 9 de Fevereiro de 1983, desafectar do domínio público municipal para o seu domínio privado a parcela de terreno identificada na planta anexa ao respectivo processo, sita na Urbanização da Quinta dos Arcos, e que se destina a resolver o problema das infra-estruturas inerentes ao Lote 49 daquela Urbanização:

ÁREA A DESAFECTAR DO DOMÍNIO PÚBLICO PARA O DOMÍNIO PRIVADO MUNICIPAL

PARCELA DE TERRENO COM A ÁREA DE 121,1985m²

Por este motivo se convidam os eventuais interessados a apresentarem o que tiverem por conveniente sobre a deliberação em referência, no prazo de 20 dias a contar da data da afixação deste edital, a fim de ser tomada deliberação definitiva sobre o assunto.

Para conhecimento geral se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

E eu, António Bizarro Primeiro Oficial servindo de Chefe da Secretaria o subscrevi.

Barreiro e Secretaria da Câmara aos 24 de Fevereiro de 1983

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Hélder da Silva Nobre Madeira

REUNIÃO GERAL DE ADVOGADOS E CANDIDATOS À ADVOCACIA

Na Ordem dos Advogados, dia 25 de Março, pelas 21 horas, para discussão do Projecto de Estatuto dos Advogados.

A Comissão Promotora

SE TEM BOM GOSTO e Boa situação económica

Passa pela AV. ALIBRANTE REIS, 125-A (ao lado do Centro Comercial Gália, a 30 metros da Pontal) Aberto Intermittentemente das 9.30 às 23 horas, incluindo domingos e feriados.

Ontem na Televisão

Cinco partidos marcaram diferenças

Os cinco mais pequenos partidos representados na Assembleia da República defenderam quinta-feira no programa televisivo «Primeira Página» a sua independência e autonomia ideológica dentro das coligações que integram na presente campanha eleitoral.

Os representantes do PPM, UDP, MDP, ASDI e UEDS encaixaram a sua identidade própria e capacidade de intervenção na vida política.

Ribeiro Teles, falando em nome do PPM disse que a sua participação no Governo se caracterizou por acção antipoder, que levou o seu partido a «engolir muitos elefantes vivos, evitando que fosse o povo a engolir-los».

Sobre o tema, o representante do PPM lembrou posições tomadas contra o Plano Energético Nacional, as centrais nucleares, as torres junto ao Tejo, frisando por outro lado que só «graças ao PPM foi criada a reserva agrícola nacional».

Furtado Fernandes da ASDI, afirmou que o seu partido possui um espaço político próprio — a social-democracia — pois o PSD não terá uma prática social-democrata e o PS não terá um programa assim definível.

A coligação eleitoral da ASDI com o PS foi explicada por Furtado Fernandes pelo facto de o PS ser o partido cuja prática mais coincide com a ASDI.

António Galhordas, do MDP, frisou uma diferença estratégica com o PCP no que respeita à forma de atingir a democracia socialista.

«O MDP, após os resultados eleitorais, é um grupo parlamentar autónomo», disse António Galhordas, recordando que o seu partido tinha apresentado na Assembleia da República um projecto próprio de revisão constitucional.

Lopes Cardoso afirmou, pelo seu lado, que a UEDS, ao incluir elementos seus nas listas do PS, tinha em vista reforçar o campo do socialismo democrático, que considerou a única alternativa para resolver a crise portuguesa.

«A única solução é criar ao PS, e às forças suas aliadas, condições para que governe sozinho, sem necessidades de alianças», disse.

Mário Tomé, pela UDP, frisou

que o seu partido é o único que é defensor de uma perspectiva revolucionária para solucionar a crise.

«A UDP é o único partido que defende uma ruptura do actual regime, o que só poderá ser feito pela força dos trabalhadores», disse.

A ideia de um bloco central foi recusada pela UDP, MDP e UEDS, defendendo a ASDI a necessidade de um «acordo social que permita reduzir as áreas de conflituosidade na sociedade portuguesa».

Ribeiro Teles disse ainda não estar arrependido de ter integrado o Governo AD, destacando a acção do seu partido na revisão da Constituição, e afirmou que a grande questão que se coloca «é inverter o processo de desenvolvimento de Portugal que vem do tempo de Marcelo Caetano».

Para o MDP, o essencial é dizer ao País com que alianças vão os partidos governar, pois «as soluções para a crise económica dependem das políticas que vão fazer».

Lopes Cardoso referiu, ao contrário, que primeiro é preciso «encontrar soluções programáticas para os problemas concretos que Portugal defronta e só depois procurar as formas políticas que as possam concretizar».

OCMLP

O primeiro candidato da OCMLP pelo círculo do Porto, Pedro Batista, pediu à Comissão Nacional de Eleições o cumprimento da Lei da Imprensa du-

rança a campanha eleitoral.

Pedro Batista, que é o primeiro secretário do Comité Central daquele partido, depois de referir que a lei estabelece um tratamento igualitário das diversas candidaturas, afirmou serem «largamente significativos os sintomas de que a maioria da Imprensa se prepara «para agir em contrário à lei».

O candidato da OCMLP pediu ainda à CNE para tornar públicas as medidas que vai tomar no sentido de impor o cumprimento da legislação.

A suspensão imediata dos despejos previstos para sexta-feira e dias seguintes no Porto foi também pedida ao Presidente da República e ao governador civil pelo primeiro secretário da OCMLP.

Aquele dirigente partidário fundamenta o seu pedido no «estado dramático da habitação no Porto» e no princípio de que «se não há casas, não pode haver despejos».

Tal princípio, afirma a OCMLP, constitui «uma regra de elementar justiça social».

O CAMIÃO
DO ANO
1982

FORD CARGO

agora, até 22 toneladas!



**Uma gama cada vez mais completa,
para um combate aos aumentos de custo
cada vez mais eficaz!**

O preço de um camião novo é apenas uma fracção do seu custo total. Há, também, o combustível, as revisões, a sua manutenção quando não está em serviço. E um camião parado é uma despesa enorme. Por outro lado, os custos sobem, sobem... Você sabe-o melhor do que ninguém.

Os camiões Ford Cargo apoiam-se na mais avançada tecnologia. O seu objectivo é a máxima produtividade. E os resultados obtidos confirmam-no plenamente.

Através dos elevados índices de robustez e resistência que caracterizam os Ford Cargo. Pela sua prolongada duração, experimentada em mais de 100 000 horas de duros testes no banco de ensaio e na estrada. Através da introdução de maior potência, tornando-os cada vez mais possantes.

Pela acentuada economia conseguida em combustível e manutenção. Em suma:

Ford dá-lhe mais!

Camiões Ford Cargo. Agora, até às 22 toneladas de peso bruto. Um combate aos aumentos de custo cada vez mais eficaz.

Contacte já o seu Concessionário Ford!

FORD CARGO



*Acesso
ao Ensino
Superior*

**Para quando
definição
de provas
de exame?**

O secretariado dos estudantes do décimo segundo ano das escolas de Lisboa protestaram ontem contra «a indefinição que ainda envolve o acesso ao ensino superior».

Em conferência de Imprensa os estudantes sublinharam que, a dois meses do fim do ano lectivo, «continuam sem saber exactamente como se vai processar a prova de seriação, quais as matérias que abarca e os processos de avaliação e as datas da sua realização».

Os estudantes afirmaram que as sucessivas declarações dos responsáveis do Ministério sobre este assunto, sem nunca tomar uma posição definida, os levam a «uma constante interrogação que perdura a mais de metade do ano lectivo».

O Secretariado estudantil do décimo segundo ano exigiu que o Ministério da Educação «tome rapidamente posições concretas que venham ao encontro das aspirações dos alunos e não contra estes, como tem sucedido até aqui».

Bragança • Bragança • Bragança • Bragança • Bragança • B

Um distrito demasiado longe dos diferentes Governos

Bragança já não é hoje um distrito com as marcas fatais de um subdesenvolvimento sem remédio, condenado à estagnação, sem perspectivas nem saída possível. As suas terras vão progredindo lentamente, apresentam outra face, mudadas essencialmente pelos emigrantes que por todo a parte incrementam a construção e substituem os velhos pardieiros onde nasceram por habitações, na maior parte de gosto duvidoso, mas, em todo o caso, habitáveis e reflectindo um salto qualitativo na vida das populações.

MAS é preciso que se diga que, praticamente, nada do que tem sido o lento progresso deste distrito se deve ao poder central. Esta região continua esquecida e os grandes projectos que para ela são definidos ou não se concretizam ou servem apenas para alimentar a demagogia de uns tantos políticos.

Do ponto de vista político, as coisas estão também a mudar. O poder dos caciques vai-se esbatendo e o seu prestígio junto das populações aparece cada vez mais comprometido.

Em todo o caso nada de significativo se vai alterar ainda nestas próximas eleições. O facto mais relevante poderá ser um possível apagamento do CDS e o reforço das posições do PSD e do PS, não em termos de aumento de deputados mas em votações globais.

O distrito continua a ser predominantemente agrícola. Indústria quase não existe, começando agora a emergir um sector de serviços com certa expressão, cuja origem está em grande parte na dinâmica que as remessas dos emigrantes vieram dar à actividade comercial.

Nos últimos anos começou a notar-se também um certo incremento de pequenas indústrias, a maior parte da iniciativa de refugiados das ex-colónias que vieram trazer vida nova a um distrito onde a população é constituída por gente envelhecida ou demasiado jovem, já que a maior parte da população activa está ainda emigrada.

Por todas estas razões, e apesar do aparecimento dessas pequenas indústrias, em termos de produção os índices continuam extremamente baixos. Os grandes projectos mineiros, agrícolas e industriais que poderiam mudar a face do Nordeste Transmontano continuam à espera dos resultados do choque dos grandes interesses exteriores à região.

PSD: força maioritária

Dois dos quatro deputados que o distrito elege são do PSD, que se afirma como a força maioritária do distrito, a grande distância do CDS. Esta correlação, a alterar-se, será a favor dos sociais-democratas, pelo que a grande incógnita das próximas eleições reside no PS.

Adérito Lhano, presidente da Comissão Distrital do PSD, não acredita, todavia, que a situação

possa virar-se a favor dos socialistas, embora reconheça que o desgaste natural do Governo e uma certa euforia de vitória do PS possam ter algum reflexo nos resultados.

«O PS, afirma, também já foi Governo e as pessoas sabem que não fez nada. E agora quanto a nós, está também em dificuldades com a saída dos elementos do ex-Secretariado que eram os seus melhores quadros. Entre as pessoas mais esclarecidas nota-se a influência deste tipo de problemas internos.»

A abstenção, que nesta região poderá vir a atingir percentagens elevadas, é uma das preocupações deste responsável social-democrata. A verificar-se, o PSD seria um dos partidos mais prejudicados.

Os objectivos do PSD visam um crescimento eleitoral no distrito, mas a manutenção dos dois deputados que já possui é também um resultado aceitável...

«Partindo para a campanha com uma dinâmica de aumentar o número de deputados, mas se conseguirmos manter já nos sentimos de certo modo satisfeitos.»

Na opinião de Adérito Lhano, o crescimento do PSD poderá verificar-se à custa do PS e do CDS, mas mais em prejuízo deste último.

Considera também «imaginária» a dinâmica de vitória de que socialistas falam. Contrapõe a isso a máquina bem organizada do PSD, com sedes abertas praticamente em todos os concelhos e uma actividade política efectiva.

«O PSD é um partido de bases, com pessoas de todas as camadas, o que lhe dá maiores possibilidades de mobilização.»

Para além dos problemas internos, que parece não terem deixado grandes marcas, a imagem de Sá Carneiro mantém-se ainda viva junto dos militantes e do eleitorado do PSD. Aliás, Bragança era um dos distritos que ele visitava com mais frequência e onde dispunha de forte apoio popular.

Subida percentual do PS

O PS tem, neste distrito, muito próximo dos 23 por cento e à volta de 23 000 votos, resultados que correspondem a um deputado.

Armando Vara, responsável distrital do PS, considera pouco provável que possam eleger o



segundo deputado, mas admite como possível uma grande subida percentual, provavelmente mesmo a mais elevada em todo o País.

O dirigente socialista sublinha que se nota por toda a parte, especialmente nos meios rurais, um certo descontentamento, mas ao mesmo tempo salienta que é muito difícil saber, até que ponto, este descontentamento poderá vir a influenciar o comportamento do eleitorado.

«Mas coisa que se nota é que as pessoas mais influentes estão descontentes. Nas últimas autárquicas houve freguesias que se passaram inteiramente para o PS. Numa freguesia próxima daqui, onde o PS tinha duas dezenas de votos, ganhou por maioria absoluta. No concelho de Miranda ganhou sete freguesias onde antes praticamente só concorria por concorrer.»

Outro aspecto que pode vir a alterar a situação política na região e a dar mais verdade aquilo que os eleitores efectivamente pensam e desejam é o comportamento da Igreja, onde parece haver alterações substanciais nos últimos tempos face ao bloqueamento a que chegou o País.

Armando Vara admite que da parte da Igreja estará a verificar-se um distanciamento muito maior em relação às forças políticas. Isto deve-se, talvez, ao facto de muitos responsáveis da Igreja terem verificado que aqueles a quem deram algumas benesses não foram capazes de resolver nada.»

Um dos problemas do PS no distrito, segundo Armando Vara, é a falta de meios humanos e materiais para uma cobertura suficiente do distrito. De resto acredita que Bragança tem condições para ser um distrito socialista, embora tenham sido cometidos muitos erros.

«Durante muito tempo o PS apareceu como um partido quase a ultrapassar o PC pela esquerda. Nós temos que nos demarcar da AD e dos partidos à nossa esquerda.»

Armando Vara afirma-nos também que quem faz girar o PS em Bragança é uma geração mais nova e que isso por vezes é susceptível de trazer alguns problemas com elementos mais antigos que muitas vezes não aceitam bem esta liderança.

Afirma também que há uma implantação grande da JS nos meios estudantis e na juventude em geral, sublinhando que a maioria dos novos eleitores vota PS. Isto traduzir-se-á, como primeira leitura, uma dinâmica de crescimento dos socialistas no distrito.

Mas em relação à questão fundamental, isto é, saber como irá reagir o eleitorado face à situação económica do País e àqueles que são apontados como responsáveis dela, saber em que direcção poderá deslocar-se o eleitorado, Armando Vara é menos optimista e afirma que o eleitorado não vai ter a mobilidade «que seria de desejar».

Aponta como razões que possibilitem aos partidos da AD conter a deserção do seu eleitorado, a previsão de que toda a máquina e todas as estruturas do poder que detém vão ser utilizadas na campanha eleitoral, nomeadamente nos meios rurais, através de técnicos agrícolas que mantêm contactos frequentes com as populações, quase em exclusivo «já que os técnicos do PS, que são os quadros mais competentes no campo da agricultura neste distrito, são sistematicamente marginalizados.»

Armando Vara salienta que o PS vai utilizar uma linguagem serena na sua campanha e abordar os grandes problemas da região.

«O PS poderá ser o protagonista das mais profundas reivindicações da região. Afirmamos que o desenvolvimento de Trás-os-Montes passa pelo PS.»

CDS - Subir para reformular a AD

O CDS só agora começa a mexer. Está numa fase de «arranque» para a campanha, como explica o dr. Hernani Moutinho, cabeça de lista e presidente da Assembleia Distrital do CDS. Salienta-nos, como contraste com o que se passou noutros partidos, que os candidatos do CDS foram todos eleitos por votações individuais.

«Isto poderá ter vantagens junto das populações porque os candidatos residentes ou ligados ao distrito são melhor aceites. É importante que os eleitores saibam que ao votar podem eleger uma pessoa de cá.»

O dirigente do CDS, que se afirma metido na política um pouco contra sua vontade, considera segura a eleição de um deputado, embora «a dinâmica eleitoral do CDS aponte para a eleição de dois».

Mas, perante tudo o que tem acontecido no interior dos partidos e na acção do Governo, em que sentido lhe parece que se desloca o eleitorado?

Neste momento parece-me, que flutua em dois sentidos. Antes dos Congressos, teria flutuado para o PS. Após os Congressos, penso que os descontentes da AD e os indecisos voltaram a inclinar-se outra vez para os partidos da AD pela afirmação de liderança que resultou desses Congressos.»

O dirigente centrista acha também que o CDS se saiu bem do Congresso, no Nordeste.

«Desapareceu a sensação de que o CDS iria parar e andar à deriva. Muita gente julgava mesmo impossível encontrar um sucessor para Freitas do Amaral.»

Quanto às vantagens possíveis do CDS nas próximas eleições, o dr. Hernani Moutinho aponta a fidelidade que o seu partido manifesta de «reformular a AD não só como coligação, mas como projecto de mudança, embora num circunstancialismo completamente diferente».

Considera também que o eleitorado do distrito «é pouco marcado ideologicamente» e que o desgaste do Governo «está a esbater-se e não tem na região o impacto que tem noutras».

No fundo o que o dirigente do CDS quer dizer — e isto poderia afirmar o responsável de qualquer outro partido — é que esta região recebe tão pouco dos governos que, quer eles governem bem ou mal, ali nem se sente.»

Augusto Vilela

Campanha eleitoral "a quanto obrigas"...

Freitas quebra o silêncio para ajudar o CDS

A poucos dias do início da campanha eleitoral, o CDS é notícia. Por um lado, devido à grande azáfama que reina naquele partido tanto a nível nacional como internacional. Por outro, porque segundo afirma o semanário «O Jornal», hoje publicado, Freitas do Amaral vai «romper o silêncio» e participar no tempo de antena do CDS.

Enquanto o n.º 2 dos democratas-cristãos, Adriano Moreira, voa para os Estados Unidos, para contactar com as comunidades de emigrantes ali radicadas, Lucas Pires vai bater a Bruxelas à porta da CEE e da NATO.

Ontem, uma delegação de 15 membros do CDS, chefiada por Lucas Pires, foi recebida pelo presidente da CEE, Lorenzo Natali.

Na reunião, foram tratadas questões relativas à adesão de Portugal ao Mercado Comum e aos problemas que se colocam no âmbito das negociações.

O CDS que faz da integração de Portugal na CEE um dos eixos fundamentais da sua política, viu reafirmada, segundo palavras de um membro da delegação à ANOP, a convicção de Bruxelas de que só com a progressiva «eliminação» das taxas proteccionistas correntes e «restauração» do funcionamento normal dos mecanismos de mercado em todos os países, será possível o relançamento da actividade económica e ultrapassar a crise internacional.

De acordo com a mesma fonte, a delegação disse aos responsáveis da CEE que «face à posição dos três partidos democráticos portugueses, as próximas eleições de 25 de Abril em nada deverão afectar a continuidade das negociações» para a adesão de Portugal à CEE e a sua conclusão a breve prazo.

Entretanto, Lucas Pires teve ontem igualmente em Bruxelas um encontro a sós com o secretário-geral da NATO, Joseph Luns.

Do lado da campanha eleitoral que o CDS prepara, surge a notícia de que Freitas do Amaral vai participar no tempo de antena do CDS e em outras iniciativas eleitorais do partido. O ex-líder e ainda primeira figura carismática dos democratas-cristãos intervirá, segundo se afirma, apenas na sua qualidade de militante.

Enquanto isso, o CDS já anunciou o perfil da campanha eleitoral que vai desenvolver. Campanha personalizada na figura de os líderes — Lucas Pires, Adriano Moreira, Basílio Horta, Morais Leitão, Azevedo Soares e Vieira de Carvalho, e que constituirá uma verdadeira «volta a Portugal». De acordo com informações chegadas às redacções, a maior parte do território será coberta pelos 900 contactos que os centristas já programaram. Contactos que, de acordo com o que o «DL» apurou, se iniciarão no Norte, mais precisamente em Aveiro.

Revelado ontem em Campo de Ourique

Soares quer mudar sistema eleitoral

Mário Soares quer rever o sistema eleitoral português, segundo anunciou ontem a militantes socialistas da FAUL, durante uma sessão partidária realizada no cinema Europa, em Campo de Ourique.

O secretário-geral do PS defendeu que o eleitorado pudesse fazer uma escolha mista: parte dos deputados seriam eleitos nacionalmente e os restantes pelos distritos mas com maior participação dos cidadãos eleitores. Sistema este que é parecido com o que está em vigor na República Federal da Alemanha e que, em

Portugal deverá obrigar a uma revisão constitucional.

Durante a sessão, Mário Soares afirmou também que os elementos da minoria do PS que se recusaram a participar nas listas do partido, poderão vir a integrar um futuro governo socialista.

Segundo o dirigente do PS, «eles não têm feito afirmações contra o partido e estão dispostos a participar na campanha». Isso explicou, «será um passo extremamente importante para a estabilidade e vitória do partido. Está aberto o caminho para um

futuro governo socialista, se assim o quiserem».

Nova esquerda apoia

Entretanto, um grupo de personalidades ligadas ao grupo Nova Esquerda, publicou hoje no semanário «O Jornal», um manifesto de apoio ao PS.

Afonso de Barros, Agostinho Roseta, Ferro Rodrigues, Joaquim Venâncio, Eduardo Graça e Vítor Wengorovius, todos ex-dirigentes do extinto MES, afirmam nesse texto: «Votaremos no PS convictos de que representa neste momento a única al-

ternativa eficaz e democrática às forças de direita».

Os subscritores do documento estiveram ligados ao surgimento do grupo Nova Esquerda, ao qual pertenciam também alguns dos 199 apoiantes do documento Pintasilgo e Acácio Barreiros; candidato a deputado do PS em Lisboa.

Naquele texto afirmam também que «votaremos no PS conscientes dos seus problemas internos e das suas fragilidades, mas convictos de que só ele poderá a prazo ser o partido de toda a Esquerda Democrática».

Maria Elisa

Entretanto na edição de ontem do «Acção Socialista», o director deste semanário do PS desmentiu a adesão de Maria Elisa Domingues, directora de programas da RTP, ao partido.

Num violento texto em que acusa o «Expresso» de fazer «jornalismo de intriga e de cano de esgoto», o director do «Acção Socialista» reclama a este semanário que «faça um jornalismo sério, minimamente digno e bem educado».

Plano Energético Nacional: que opções para o ano 2000?



António Mota Redol (*)

O Plano Energético Nacional constitui um instrumento de grande valor — pela sistematização realizada, pela metodologia de análise, pela possibilidade de se testarem alternativas e sensibilidades às variações de parâmetros técnicos e económicos — que atesta a capacidade dos técnicos nacionais, embora com intenso e qualificado apoio externo.

Mas também não é mais do que isso. Os seus resultados não podem ser encarados sem crítica. Eles dependem de certas opções tomadas, nomeadamente quanto a custos dos factores intervenientes.

Nesta perspectiva, não é admissível que certa comunicação social tenha propagandeado determinados resultados como absolutamente certos, em particular no que respeita à energia nuclear. A opção nuclear foi apresentada como conduzindo a custos de produção de energia eléctrica inferiores aos da opção-carvão. E logo se concluiu pelo interesse imediato de Portugal enveredar por tal via.

Ora, o próprio PEN indica os limites dos resultados obtidos neste domínio, quando explicitamente afirma que eles são válidos «nos cenários de preços adoptados».

Não deixa de ser interessante referir que nas «Conclusões e Recomendações Gerais» do Relatório-Síntese se aponta de maneira muito mais concludente para a alternativa nuclear do que no capítulo onde este problema é aprofundado.

Aparenta-se mesmo o horizonte de meados de 1984 para estarem concluídos estudos importantes, alguns dos quais no caminho crítico para a introdução do nuclear em Portugal. Ainda naquela data, deveria o Governo estar habilitado a decidir «sobre o tipo de reactor a considerar para o caso português». Como

pode o Governo tomar tal decisão sem que a Assembleia da República tenha tomado uma decisão de princípio?

Forçar o recurso à energia nuclear?

Estranho é ainda a fixação da mesma data para a publicação de «legislação e regulamentação necessárias ao licenciamento de centrais nucleares». Não se trata de preparação de diplomas legais para publicação, logo que uma decisão seja tomada é mesmo publicação.

Na mesma data, as «estruturas administrativas e laboratorial da Administração Pública» devem ter sido fortalecidas para o acompanhamento, fiscalização e controlo dos diferentes aspectos que a ela respeitam no desenvolvimento de um programa nuclear. E se for decidido não recorrer de imediato à energia nuclear para produção de energia eléctrica os numerosos técnicos entretanto contratados e preparados seriam remetidos ao desemprego, ou para outras actividades?

Parece que, mais uma vez, se pretende forçar o recurso à energia nuclear em Portugal, como sempre mais para benefício de empresas estrangeiras que necessitam de encomendas, do que para benefício nacional. Se em 1976 era a «opção alemã», agora é a «opção francesa»...

Por outro lado, no mesmo capítulo de «recomendações» do PEN, escreve-se: «prosseguir-se-á uma acção intensa e diversificada de informação do público sobre os vários aspectos da energia nuclear». Ora a experiência mostra, neste aspecto, que a tendência é para focar apenas alguns aspectos — os menos delicados — ignorando outros, os mais controversos.

Limites à opção nuclear estão contidos no próprio PEN

O PEN constitui um instrumento de grande valor, que atesta a capacidade dos técnicos nacionais, mas os seus resultados não podem ser encarados sem crítica, considera o engenheiro António Mota Redol na primeira parte do seu depoimento sobre o Plano Energético Nacional, que hoje publicamos.

Esta pressão, visando uma decisão apressada pela opção nuclear é inaceitável e assenta apenas no estudo económico do PEN, quando muitos outros estudos são indispensáveis e são ignorados.

Estudos indispensáveis são ignorados

São as questões relativas: Ao ciclo do combustível, nomeadamente a quantificação de factores intervenientes em cada fase do ciclo (principalmente o concentrado de urânio, serviços de enriquecimento e reproprocessamento) e o dimensionamento de unidades industriais portuguesas para programas nucleares mais ou menos intensos;

Ao tipo de reactor mais conveniente para o País, sob o ponto de vista do melhor aproveitamento do urânio nacional e da participação da indústria;

A participação evolutiva da indústria nacional nos diferentes domínios, à sua reestruturação de molde a elevar a sua capacidade negocial com os fornecedores estrangeiros e a poder concorrer no mercado externo;

À preparação de entidades nacionais vocacionadas para realizar estudos de sítio;

Ao aperfeiçoamento dos técnicos já existentes no domínio da segurança;

A realização e intensificação de actividades de investigação com vista a uma participação nacional crescente, etc.

Por que razão a EDP não estuda a via canadiana, a do reactor «Candu», que vem sendo adoptado em alguns países, mau-grado as pressões de toda a ordem que os construtores americanos e europeus exercem? As vantagens que têm sido apontadas justificam, pelo menos, o estudo. Se a EDP não está em condições de realizá-lo, porque não o encomenda a um dos seus consultores?

Os estudos atrás referidos

nunca foram realizados, ou foram abandonados, porque as equipas foram destruídas.

Estudo do PEN não é irrefutável

O resultado é que neste momento o País está em piores condições do que em 1977 ou 1978 para tomar uma decisão. É que, entretanto, a tecnologia nuclear evoluiu, a situação internacional é ainda confusa, a evolução continua no domínio da segurança especialmente influenciada pelo acidente de Three Mile Island, no capítulo dos custos a situação não é transparente, o número de encomendas de novos reactores continua a ser muito pequeno e continuam os congelamentos de programas.

Para além destes aspectos, interessa referir que mesmo o estudo económico contido no PEN não é irrefutável.

Assim, utilizam-se nesse documento custos por kW instalado das centrais a carvão em grupos de 300 mW, obtidos em Portugal na construção de Sines, os quais revelaram exceder em cerca de 20 por cento os custos europeus, enquanto para o nuclear se utilizam custos europeus. Verifica-se que o custo de um grupo nuclear de 900 mW construído em Portugal será então de mais 10 por cento, que o custo europeu, admitindo uma participação nacional directa de 50 por cento — considerada optimista — e de 70 por cento nas centrais a carvão — considerada pessimista —, pois no conjunto das centrais termoelectricas portuguesas, tem-se atingido os 80 por cento.

Em segundo lugar, os custos utilizados no PEN são coerentes com os apresentados em Portugal no início de 1979 pela EDP, agravados do índice de preços na OCDE até 1981, ignorando-se que o crescimento do custo do investimento nuclear tem sido em vários países superior ao crescimento daquele índice interno, porque as exigências no

domínio da segurança não têm cessado. Essa diferença, ou incremento, foi de 12 por cento nos EUA no período de 1967 a 1980, e cerca de 4 por cento nos EUA no período de 1967 a 1980, e cerca de 4 por cento na Europa em anos recentes.

Factores de utilização com valores optimistas

Em terceiro lugar, tomar um factor de utilização à volta dos 70 por cento para o nuclear e para o carvão, quando no caso nuclear para reactores de 950 mW, a UNIPED apresenta uma média de 60 por cento e nos EUA os valores divulgados são da mesma ordem de grandeza, não parece correcto. A existência de grupos nucleares com pouco tempo de vida não é suficiente para que a sua não consideração aumente muito aquele valor. Os casos em que se atinge cerca de 70 por cento, referem-se a reactores com recarga em marcha, como é o caso dos reactores de tipo canadiano. Também os reactores a urânio natural da linha francesa abandonada, apresentam tal nível de utilização.

Ora se em Portugal se apresentam taxas de indisponibilidade para as centrais termoelectricas muito mais elevadas que as médias europeias (40-45 por cento, contra 20 por cento), como imaginar que os reactores nucleares se conseguirá atingir melhores níveis internacionais?

Em quarto lugar, surge o problema da dotação para imprevistos. Tem-se tomado 5 por cento para os componentes estandarizados de fornecimento externo, e 10 por cento para os componentes de fabrico nacional. Tendo em conta que se trata do primeiro, ou dos primeiros reactores a construir em Portugal, dada a complexidade tecnológica e as incertezas em jogo, considera-se que pelo menos o segundo valor é baixo, tanto mais que coincide com o utilizado para a segunda central a carvão em Portugal, existindo já

a experiência de construção de Sines.

Estudo de competição nuclear-carvão

Corrigindo alguns destes pressupostos, realizámos um estudo económico da competição nuclear-carvão para valores médios de 1983.

Tomando os custos de construção de grupos nucleares terminados em 1979, os mais fiáveis de que dispomos, agravando-os do índice de preços da OCDE, sem ter em conta o incremento referido — é um critério ainda favorável ao nuclear, pois o incremento total acumulado de 1979 a 1983 seria superior a 16 por cento; entrando com a diferença de taxas de câmbio, considerando um custo médio do dólar americano em 1983 de 100,8 escudos, valor provavelmente baixo, mas que resulta do crescimento em cerca de 20 por cento do valor médio de 1982, o custo médio do kW nuclear em moeda constante de 1983, atinge 154 contos/kW, sem ter em conta o investimento na primeira carga de combustível.

Considerando um agravamento de custo de 10 por cento, pela razão que se assinalou existir nos grupos a carvão de 300 mW produzidos em Portugal, aquele custo sobe para cerca de 170 contos/kW, aproximando-se de valores internacionais divulgados recentemente por entidades especializadas.

Este montante inclui encargos directos e indirectos, isto é, para além do equipamento, construção civil e preparação do sítio, contabiliza os encargos em estudos, formação de pessoal, supervisão da construção, encargos administrativos e encargos com o licenciamento por parte da empresa de electricidade.

Mas não considera revisões de preços, nem encargos financeiros durante a construção.

(*) Engenheiro técnico de planeamento energético

(Subtítulo da responsabilidade da Redacção)

“Le Monde” propõe debate sobre os imigrantes

As últimas eleições francesas confirmam a necessidade de um grande debate sobre a situação dos emigrantes, afirma o diário «Le Monde» num artigo publicado na passada quarta-feira. Debate que é considerado por aquele jornal como um «verdadeiro desafio para a esquerda francesa», que deve demonstrar a sua aptidão para combater «dois perigos complementares: o medo que os emigrantes suscitem e o medo que sentem».

Segundo o artigo do «Le Monde», um dos factos novos registados na recente campanha eleitoral é o «aparecimento, nos discursos políticos, da linguagem confusa, assustada, e até odienta contra os emigrantes».

O jornal francês recorda o propósito que o candidato da extrema-direita, Le Pen, cuja campanha foi centrada no combate contra a imigração, foi eleito em Paris, e que o próprio ministro Gaston Defferre utilizou, para obter a reeleição em Marselha, o medo que suscitam os imigrantes numa parte do eleitorado.

Eanes esteve lá Cooperativa Militar precisa dos três ramos das F.A.

O Presidente da República visitou ontem a Cooperativa Militar instalada nas Portas de Santo Antão, durante hora e meia, convidando os seus responsáveis a fazerem um balanço dos problemas mais prementes e das medidas possíveis, na perspectiva do seu futuro desenvolvimento.

Ramalho Eanes agradeceu em nome da instituição militar o esforço que os trabalhadores e a equipa que a administra têm desenvolvido desde 1978 dentro do espírito que em 1893 presidiu à sua fundação. Hoje, a Cooperativa Militar conta com 17 500 sócios. Inicialmente, ocupou o edifício do antigo quartel-general do Governo Militar de Lisboa ao qual veio juntar, sob aluguer nos anos 40, o Palácio dos Condes de Magalhães, que mais tarde foi comprado pelo Ministério do Exército e integrado no seu património. Esta casa, de arquitectura fim de século, possui ricos tectos ornados com frescos e estuques artísticos da época, tendo

recentemente sofrido obras de restauro e beneficiação.

O general Themudo Barata é o actual presidente da direcção da Cooperativa Militar e, ontem, durante a recepção ao Presidente da República, focou os três mais importantes problemas com que se debate a Cooperativa, sobre a vivência e necessidade de campanha agressiva para a captação de novos sócios, modernização (actualmente em curso, com a remodelação completa do self-service e restaurante) e institucionalização.

A propósito, sublinhou a importância de que se revestia a visita do Presidente da República àquela casa da família militar e insistiu na necessidade do contributo e apoio dos responsáveis dos três ramos das Forças Armadas e do seu órgão máximo para impulsionar e dimensionar a cooperativa com a visão no futuro.

Themudo Barata fez um histórico de actividade da Cooperativa

desde a sua fundação, quando o rei D. Carlos era presidente da Assembleia Geral, salientando o importante papel que ela desempenhou nos anos 60 e até 1974/76 no apoio aos militares e famílias envolvidas na guerra colonial.

Nos seus 90 anos de existência a Cooperativa Militar não perdeu as suas características fundamentais de assegurar aos oficiais do quadro permanente o fornecimento de bens de consumo e a serviços de que se destaca uma Caixa Económica e de Crédito, lojas e supermercado, procuradoria para tratar problemas dos associados, serviços clínicos de todas as especialidades, bar e restaurante.

A actual direcção tem-se empenhado na modernização e restauração das instalações e vai, a curto prazo, accionar um plano para se retomarem as actividades culturais e recreativas, uma das finalidades que presidiu à sua fundação.

Trocas entre Portugal e China passam sempre por Macau

diz Almeida e Costa:

PORTO, 25 — O presidente da Câmara Municipal desta cidade comprometeu-se a apoiar todas as iniciativas tendentes a elevar as trocas comerciais e industriais entre Portugal e a China, de modo a «contribuir para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos dois povos».

Nesse sentido, Paulo Valada, que falava numa recepção que ofereceu nos Paços do Concelho do Porto em honra da missão comercial de Macau, chefiada pelo almirante Almeida Costa (que está de visita ao Norte do País), vincou que aquele território «é ainda hoje expressão dos interesses comuns entre a China e Portugal».

«Se entre nós se estabeleceram as relações comerciais e industriais com a dimensão que o mercado chinês merece e o caso especial de Macau, oferece, muito poderemos contribuir para a prosperidade dos povos portu-

guês e chineses» — disse o presidente da Câmara do Porto.

Valada recordou que, em oito séculos de história, Portugal criou sucessivos Estados e sublinhou a importância da cidade do Porto, enquanto entreposto comercial e espaço de manobra de mercadores.

O governador de Macau sublinhou que o território que administra é «uma feitoria cuja vocação de entreposto comercial deve ser mantida». Almeida e Costa referiu que a cidade do Porto tem ligada a si a «imagem do trabalho e de local de potencial prosperidade», e fez votos para que as contrapartidas económicas resultantes desta visita sejam imediatas.

Antes da recepção nos Paços do Concelho o almirante Almeida e Costa apresentara cumprimentos ao governador civil, do distrito do Porto e, à noite, participou num jantar no Palácio da Bolsa.

de ontem para hoje

Vêm aí os espanhóis

CENTENAS de milhares de espanhóis encaminhar-se-ão, a partir deste fim-de-semana, para a fronteira com Portugal, tendo por objectivo passar as férias da Semana Santa no nosso país.

As notícias confirmativas dessa tendência chegaram-nos de Espanha e são reforçadas pela recente desvalorização do escudo que foi acompanhada por igual movimento da peseta, por sua vez acompanhando o franco francês.

As condições portuguesas são, em resumo, boas para o bolso dos espanhóis. E as «invasões» a que temos assistido nos últimos anos repetir-se-ão uma vez mais.

Morte de comandante de bombeiros

O comandante dos Bombeiros Voluntários de Redondo, Numa Furtado, faleceu subitamente na passada semana — revelou aquela corporação do distrito de Évora.

Numa Furtado, há largos anos responsável por aquela corporação, exercia igualmente o cargo de secretário do Conselho de Inspecção dos Bombeiros da Zona Sul, estando indigitado para subinspector.

O falecido que foi a sepultar no cemitério local, exerceu igualmente durante a sua vida diversos cargos públicos, nomeadamente funcionário camarário e bancário e presidente da Câmara local, em regime provisório, logo após o 25 de Abril de 1974.

Norte vai ter aquário

O protocolo para a construção do aquário do Norte, orçado em cerca de 1,5 milhões de escudos, foi assinado esta semana na Câmara Municipal de Matosinhos.

O acordo foi firmado entre a associação do Aquário Público do Norte de Portugal (AQUANOR), responsável pela construção e futura administração do empreendimento e a edilidade matosinhense, que ofereceu um terreno com cerca de quatro mil metros quadrados, em Leça da Palmeira.

O projecto, da responsabilidade do arquitecto Pulido Valente e de um técnico federal-alemão, está a ser ultimado e o anteprojecto foi já entregue pela Direcção-Geral de Equipamento Regional e Urbano ao Ministério das Obras Públicas e Transportes que prometeu financiar 60 por cento do custo da obra.

Porto/Bragança no ano 2000

A via rápida Porto-Bragança, «nunca ficará pronta até 1985, conforme inicialmente anunciado» — disse à ANOP um técnico da Construtora da Niassa, empresa responsável pela obra.

«Por este ritmo nem no ano

2000 a via rápida estará concluída, se tivermos em conta que no percurso de 250 quilómetros apenas se fizeram oito nos últimos três anos, no troço Porto/Vila Real» — acrescentou o mesmo técnico, que pediu o anonimato.

Produtos impróprios no Porto

Os serviços médico-veterinários da Inspecção Sanitária da Câmara Municipal do Porto reprovaram e inutilizaram, em Fevereiro, 9899 quilos de produtos alimentares considerados impróprios para consumo.

Segundo informação divulgada pela Câmara do Porto, estes serviços inspecionaram, no mesmo período, 75 871 quilos de carnes verdes, salgadas e preparadas, 97 460 quilos de pescado e 11 309 unidades de criação.

As Brigadas de Fiscalização Sanitária efectuaram, em Fevereiro, 54 visitas a mercados e estabelecimentos da cidade do Porto.

Foi-se a «Tia Chica da Querida»

Uma das poucas centenárias alentejanas, Francisca Rita Sim-Sim, faleceu no passado fim-de-semana na sua terra natal, Alcáçovas, distrito de Évora.

Conhecida naquela localidade por «Tia Chica da Querida», a falecida tinha completado os cem anos de idade no passado dia 27 de Fevereiro, facto que foi então assinalado com uma festa a que se associou toda a população da vila.

Francisca Sim-Sim, que ficou sepultada no cemitério local, era viúva, teve oito filhos e deixa 15 netos e 25 bisnetos.

Três mil contos de electrodomésticos

O assalto a um armazém de electrodomésticos situado no Paço do Lumiar, em Lisboa, rendeu aos seus autores cerca de três mil contos em mercadoria.

O roubo foi concretizado através de arrombamento da porta do armazém, na madrugada de terça para quarta-feira. Ruidos de automóveis por volta das cinco da manhã confirmam as suspeitas.

A mercadoria roubada consistia em aparelhos de televisão, aparelhagens de alta fidelidade e «vídeo tapes».

«Bananeiro» morto em Chaves

A Guarda Fiscal do posto de Chaves abateu a tiro, durante uma operação de controlo, perto da fronteira de Vila Verde da Raia, Domingos Dias Afonso que transportava numa viatura bananas de contrabando.

Interpelado cerca do meio-dia de ontem por elementos da Guarda Fiscal de Chaves, Domingos Afonso que circulava sozinho tentou escapar-se o que motivou o disparo de três tiros por elementos daquela corporação policial, um dos quais o atingiu mortalmente.

Guarda Fiscal apreende marisco

A Guarda Fiscal de Lisboa apreendeu, ontem, por contrabando de circulação, 9460 quilos de mariscos a que foi atribuído o valor presumível de 9600 milhões de escudos, informa um comunicado daquela corporação.

A mercadoria apreendida a um comerciante de congelados, encontrava-se acondicionada em instalações frigoríficas alugadas para o efeito.

Distinguidos pelo Papa mais 25 portugueses

Vinte e cinco personalidades portuguesas, entre os quais o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros Gonçalves Pereira, e o ministro Ângelo Correia, bem como o comandante da PSP Matoso Ramalho, e Caldeira Guimarães e major Faria de Oliveira, e o coronel Leal Esteves, da Presidência da República, foram ontem condecorados pelo Nuncio Apostólico, em representação do Papa João Paulo II, em sinal de «respeito, gratidão e amizade» pelos portugueses.

Numa cerimónia no Palácio da Nunciatura, em Lisboa, «protocolar e solene», mas que se pretende de «fosse também um momento de alegria», como a classificou o Nuncio Apostólico, foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Pio IX, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros André Gonçalves Pereira.

Com a Grã-Cruz da Ordem de S. Silvestre, Papa, foram distinguidos o ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, o embaixador Mendonça e Cunha (chefe do Protocolo de Estado), o embaixador Vaz Pereira (director-geral dos Negócios Políticos do MNE) e Caldeira Guimarães (chefe da Casa Civil da Presidência da República).

O brigadeiro Jesus Vasquez (Comando Operacional da Força Aérea), o coronel Leal Esteves (chefe da Casa Militar da Presidência da República) e José Catarino (chefe do gabinete do Primeiro-Ministro), foram agraciados com a comenda com placa de S. Silvestre, Papa.

Santa Clara Gomes (chefe do departamento dos Assuntos Europeus e Americanos do MNE), coronel Matoso Ramalho (comandante da PSP), José Luís Gomes (assessor do Primeiro-Ministro), Henriques Paes (do MNE), Caldas Faria (director dos Serviços de Informação e Imprensa do MNE), Carvalho Lameiras (do MNE), major Faria de Oliveira (da Presidência da República) e Albérico Fernandes (assessor do Primeiro-Ministro) foram contemplados com a comenda de S. Silvestre, Papa.

Na mesma cerimónia foram agraciados cavaleiros de S. Gregório Magno Almeida Ribeiro (da Presidência da República), Maria Graça Ramalho Ortigão (adjunta do Primeiro-Ministro), major Dias Tapadinha (comandante da Escolta da PSP) e capitão Silva Aparício (comandante da Escolta da PSP).

Nos bastidores da luta dos vidreiros de Fontela

— Eh pá... vão pintar os cartazes... deixem-me falar com a amiga...

Cravos vermelhos, em ramo, murchavam sobre o assento de uma cadeira, sala quase vazia. Voz rouca, ar cansado, Zé Artur, tentou fazer-me o ponto da situação (não é assim que se diz na gíria política?) mas os outros falavam pelos cotovelos. Memória fresca dos acontecimentos, participantes heróicos da luta todos queriam contar-me, relato sem cronologia, os momentos que viveram.

— Depois cortamos a ponte durante 15 horas...

Referiam-se à ponte da Figueira da Foz, batida num barulho ensurdecedor com paus, pedras, tudo o que tinham à mão.

— Ouvia-se em toda a cidade quase tanto como a sirene a anunciar nevoeiro...

— Olha pá, temos de falar com preceito: isso foi depois... ainda não disseste do sequestro da administração...

Aconteceu em 24 de Maio, segundo as notas pesquisadas na agenda por um elemento da comissão sindical da empresa Vidreira de Fontela. Eles, os operários, têm feito uma espécie de diário da sua luta, não muito rígido evidentemente, têm mais que fazer... e ser manga de alpaca, burocrata organizado é coisa que não se cola aos seus temperamentos mais dados à rua — classe operária que se adensa como uma mancha e se derrama pela artérias do Porto, de Coimbra, da Marinha Grande, de Leiria.

Rio. Da festa dentro deles, ainda esplendorosa, pesar do desgastes destes longos meses de conflito. Laboral? Social? Político? Tudo.

— Mas antes... pá... houve uma manifestação travada pela polícia...

Zé Artur, dirigente do Sindicato Vidreiro da Marinha Grande, fisicamente parecido com o Walesa, cabelo mais comprido, bigodão caído, firmeza na liderança, não afina com as brincadeiras dos outros. «Parece o Walesa, não é? Até é electricista... As larachas, muitas vezes, servem para descarregar as tensões acumuladas, dias e dias, noites e noites, de plantão na fábrica...

— Ocupámos a secretaria de Estado do Emprego na Figueira da Foz e obstruímos a rua...

Intermitente o discurso, sílabas mastigadas com gozo, humor na frase — e a satisfação de ser classe operária que cumpre, nas alturas adequadas, a sua missão histórica.

— E aquele corte da linha férrea? Foi bom. A CP afirma que só compõe os carris quando tiver condições. Chovia, não cântaros e nós metemos transportes alternativos para os passageiros... entre Fontela e Figueira.

Já bisaram a operação linha férrea. Lá está, mesmo em frente da fábrica, resultado à vista, amálgama de ferros e pedras, protestos veementemente contra a situação em que se encontram. Qual é? Sem salários há dez meses e no risco de irem para o olho da rua (despedimentos em massa, de acordo com linguagem sindical), caso a fábrica vá parar ao regaço da Sogrape, ao que consta em conluio com uma multinacional que tem vindo a apoderar-se de algumas das nossas marcas de vinhos, agardentes e espumantes.

— A Sogrape quer isto sem passivo e sem trabalhadores...

A meu pedido relatam, com pormenores, a

ocupação do Casino da Figueira, no dia 12 de Fevereiro. Não foi um capricho. Foi uma questão de lógica: o ex-presidente da administração da vidreira de Fontela é presidente do conselho de administração da Sociedade Figueira Praia. Acção que visava chamar as atenções públicas e, exemplarmente, segundo Zé Artur, mostrar aqueles tipos que enquanto eles se banqueteavam com bons e bem regados jantares, em grandes patuscadas, nós os operários vidreiros estávamos sem receber salários há quase um ano...

De roldão, entraram pelo casino dentro. Não levavam gravata nem notas de mil nas carteiras. Os seus olhos ardiam de guerra. Milhares de pés seguiram, fazendo eco, pelo encerado pavimento do salão de festas. Ai estacaram. De início os convidados espanhóis e italianos que jantavam com portugueses luzidios e engomados alguns industriais vidreiros da Marinha Grande, useiros e vezeiros em artimanhas de exploração, pensaram que se tratava de uma brincadeira.

E sorriam. Até que o sorriso desapareceu, as faces se crispavam perante a certeza de que tinham pela frente a assumpção da classe operária. Dois ou três pares rodopiavam na pista de dança, embalados numa musiquinha de constituir família... subitamente uma voz: «ou param com a orquestra ou espatifamos esta bodega...

As tantas, enquanto os dirigentes sindicais usavam da palavra, os comensais iam-se pirando sorrateiramente, silenciosos, coração apertado. Que alívio! A rua, e lá fora os popós afinados. Quando a polícia chegou já não havia rasto dos vidreiros de Fontela. De novo a calma; a recomposição da orquestra, o barulho das máquinas de moedas... a Figueira da Foz, «rainha das praças».

— ... E quando a polícia de intervenção (eram trinta e tal carinhas, não eram?) cercou a fábrica... caía neve lá fora, um frio de rachar. A gente, muito quentinhos, cá dentro, a gozar o panorama nas varandas, com uma porção de bidons acesos. Dois dias estiveram os chuis ali, pior que estragados... Ainda nos roubaram lenha. Fomos lá dizer-lhes que não podia ser nada, na propriedade privada não se toca...

Fulguravam fogueiras que era costume acenderem-se nas noites geladas de luta acompanhando o perímetro do largo da fábrica para além dos portões cerrados. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena quase patética de trabalhadores sitiados por homens com farda de combate. Só que o tempo infelizmente para os polícias não era propício para tais manobras. Não foi assim que os franceses se perderam na Rússia?

Mas à maravilha nem sempre tudo corre. Azar, imprevistos intrometem-se na luta. Ainda no passado dia 17 os trabalhadores foram espantados pela polícia. Vários feridos um dos quais hospitalizado. Desânimo nas hostes operárias? Nada disso, cinco dias depois partiram, manha cedo para o Porto onde se manifestaram junto à sede do BPA. Houve diálogo entre os trabalhadores e um dos gestores daquele estabelecimento bancário.

É provável que haja entendimento.

Lourdes Féria

Absentismo e economia reflectem isso

Mais de milhão e meio de portugueses sofre (ou já sofreu) de doenças reumáticas

III Jornadas de Actualização decorrerão em Lisboa em Abril

PORTO, 25 — Mais de quinze por cento da população portuguesa (isto é, cerca de um milhão de pessoas) padece ou já padeceu de doenças reumáticas, que têm inevitável reflexo no absentismo e na economia portuguesa. Assim se perceberá, em parte, porque estejam já a suscitar crescente expectativa as III Jornadas de Actualização e Avanços em Reumatologia, que decorrerão nos dias 14 e 15 de Abril na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa e que ontem foram apresentadas nesta cidade.

O Prof. Lopes Vaz, da Faculdade de Medicina do Porto, fez a revelação acima e adiantou que 80 por cento dos doentes que procuram as clínicas e serviços de reumatologia são portadores de doenças da coluna e artroses

e que, em Portugal, há apenas cerca de 30 reumatologistas.

A especialidade de reumatologia, explicou, é recente em Portugal e foi criada em 1972 na Faculdade de Medicina do Porto, onde se formaram os primeiros especialistas em Julho de 1977. «Dentro de cinco anos — acrescentou — o número de reumatologistas portugueses terá duplicado».

As jornadas de actualização e avanço em Reumatologia são dedicadas particularmente a médicos generalistas — disse.

Inscritos mais de mil médicos

Nas Jornadas anunciadas, os organizadores «pretendem favorecer sobretudo as doenças reumáticas que com mais fre-

quência se manifestam e apoquentam os portugueses». Nesse aspecto, Lopes Vaz sublinhou a importância, «por vezes decisiva», do diagnóstico precoce destas doenças, tendo em vista a sua cura radical ou melhorias acentuadas e a diminuição do grau de invalidez que delas decorre.

O secretário executivo das Jornadas, Moura Reis, informou que estão inscritos cerca de 1200 médicos. «A maior parte dos participantes — disse — são jovens clínicos de internato geral».

O programa inclui diversos temas de doenças reumáticas e visa a informação e actualização de médicos generalistas e a apresentação dos avanços e novas perspectivas para os especialistas de reumatologia e in-

ternos da especialidade.

Seis reumatologistas estrangeiros figuram entre os conferencistas, designadamente os franceses Leroux, Thomas Bardin, Ghoslan, Laredo e Lequesne e o italiano Mário Carozzo.

Está prevista a entrega de diplomas de frequência aos participantes, bem como a realização de um teste final, facultativo, com a atribuição de dois prémios, instituídos pelo jornal «Notícias Médicas».

Além destes prémios, de valor pecuniário e no total de 130 mil escudos, um outro prémio foi instituído, constituindo uma viagem de estudo a Paris, com estágio de oito dias no Serviço de Reumatologia do Hospital Henri Mondor, em Creteil.

Júri já decidiu

Polícia considerado culpado da morte de homossexual

O guarda da PSP António Silvestre foi ontem considerado culpado pelo assassinio do homossexual Abel da Silva, morto a tiro no dia 1 de Julho de 1982. A decisão coube a um júri de 10 membros, encarregado de analisar aquele processo, esperando-se que, hoje à tarde, seja conhecida a pena a ser aplicada ao réu e que será estipulada pelos juízes que presidem ao julgamento.

Conforme na quarta-feira noticiámos, o julgamento daquele

guarda da PSP, iniciado na semana passada, veio trazer a lume muitos pontos que até então tinham ficado por esclarecer e que se relacionam com as circunstâncias da morte de Abel da Silva, de 29 anos.

Assim, e segundo consta da prova de acusação, dada como provada pelo júri, o guarda da PSP encontrou Abel da Silva e João Vivelino, dois homossexuais, na mata de Monsanto, no dia 1 de Julho de 1982, cerca das duas horas da manhã, ten-

do-os ameaçado com uma pistola «Walter», de calibre 7,65 mm. Perante a reacção de João Vivelino, quer se teria agarrado ao braço de António Silvestre, este disparou, voluntariamente, todo o carregador da arma, tendo um dos tiros atingido nas costas, Abel da Silva, que viria a morrer em consequência daquele disparo, sendo assim o réu culpado de homicídio voluntário.

O guarda da PSP, que se encontrava à paisana, era ainda acusado de ter obrigado (antes

de disparar a arma) os dois homossexuais a terem relações sexuais entre si e com ele próprio. António Silvestre apresentou, no entanto, outra versão, na qual se escusa de qualquer culpabilidade. Versão que foi considerada, pelo representante do Magistério Público, Maia Costa, como um «disparate pegado».

Maia Costa, durante a alegação ontem feita na Boa-Hora, deu como provada toda a matéria da pronúncia, tendo antes advertido o júri que, «não é por ter

vestida uma farda que o réu diz a verdade», como também «não é por ser um marginal» que João Vilenino forçosamente mentiria. Para Maia Costa, está também provado que os dois homossexuais foram levados para Monsanto, naquela noite, por um carro da PSP que os teria apanhado na Rua Rodrigues Sampaio (facto que foi presenciado por testemunhas oculares) e que o guarda da PSP se encontrava no Monsanto, àquela hora, à «espera de um engate».

Corrécios condenados a prisão maior

O Tribunal de Vila Verde condenou, esta manhã, Francisco e Eduardo Oliveira, do grupo dos Corrécios, a, respectivamente, 4 anos e três meses e 2 anos e três meses de prisão maior. O julgamento, que hoje terminou, teve o seu início há quinze dias atrás, sendo os réus acusados, entre outros aspectos, de assaltos à mão armada.

comunicação social

Chegou «O Bisnau» de «O Jornal»

O rarefeito espaço da informação humorística portuguesa foi ocupado agora por um novo «corpo»: o semanário «Bisnau», uma iniciativa da editora Pro-Jornal, responsável por publicações não-diárias como «O Jornal», «História», «Sete», «Jornal de Educação» e «Jornal de Letras».

A saída a público do primeiro número da nova publicação foi celebrada num bar lisboeta pelos seus editores num encontro com colaboradores e elementos dos meios da publicidade e da comunicação social.

O primeiro número de «Bisnau» apresentava oito páginas no formato 33x50 centímetros a preto e branco, com destaque vermelho.

O título da publicação aproveita uma expressão popular, a do «pássaro bisnau» (estando o pássaro representado figurativamente) que designa, como numa nota de abertura o director do hebdomário, Afonso Praça, assinala, uma «pessoa finória e astuciosa».

Dois jornalistas profissionais, Rolo Duarte e Júlio Pinto, integram a Redacção de «O Bisnau», cujo conteúdo será maioritariamente assegurado por colaboradores.

Na cerimónia de apresentação do novo semanário, que se define como «humorístico e satírico», falaram Afonso Praça e José Carlos de Vasconcelos, director de publicações da Pro-Jornal.

Mais apoios em Lisboa à lista «A» do S.J.

Vários jornalistas das Redacções de Lisboa subscreveram já o manifesto de apoio à lista «A», concorrente às eleições (no próximo dia 28 do corrente) dos corpos gerente do S.J.

Entre os jornalistas de Lisboa que apoiam a lista «A», que se apresenta sob o lema «Defender a liberdade/Dignificar a profissão», contam-se Manuel de Azevedo, Maria Judite de Carvalho, Rogério Vidigal, Carlos Miranda, Nuno Ferrari, Carlos Pinhão, Vítor Serpa, José Leite Pereira, Nelson Veiga, Manuel Pereira Rodrigues e Baptista-Bastos.

Os abaixo-assinados afirmam de que estão conscientes de que importa mais do que nunca preservar a unidade da classe — «e do que foi a prática sindical da Direcção cessante neste domínio».

Acentuam ainda os mesmos jornalistas que a lista «A» se lhes afigura «aquela que maiores garantias à partida dá, logo manifestada na prática que levou à sua formação, de poder realizar os elementares objectivos de unidade referidos».

«Espaço T Portugal» para emigrantes

«Espaço T Portugal» é a designação de uma nova revista, com óptima apresentação gráfica, impressa a cores em bom papel, mensal, e dirigida aos emigrantes portugueses espalhados pelo Mundo. No primeiro número da revista (de que é director José Miguel Júdice, director executivo João Palmeiro e chefe da Redacção José Rui Cunha) com data de capa de Abril, destaca-se para uma grande reportagem sobre os homens do bacalhau na Terra Nova, uma entrevista exclusiva com Otto Glória, um trabalho sobre o Centro Português de Caracas e muitas informações úteis para os que estão longe de Portugal.

Segundo Almeida Bruno

A PSP tem demonstrado «respeito pela Lei de Imprensa»

O comandante-geral da Polícia de Segurança Pública, brigadeiro Almeida Bruno, afirmou ontem no Porto que «existe da parte da PSP uma grande abertura aos órgãos de Comunicação Social portugueses». Falando numa conferência de Imprensa, Almeida Bruno declarou que «a PSP tem demonstrado total respeito pela Lei de Imprensa e os poucos casos que têm acontecido, desde que assumi o comando, são excepções que ten-

tarei não tenham repetição», disse.

Almeida Bruno considerou que, «globalmente, a PSP tem respondido positivamente», mas salvaguardou que Portugal «tem a Polícia de Segurança Pública possível».

«Falta-nos capacidade financeira, instalações e, muito principalmente, pessoal para alcançarmos eficiência na prestação do nosso serviço», frisou aquele oficial.

EM CASCAIS

DIA 28 DE MARÇO

SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DE UM GRANDE E MODERNO ARMAZÉM

CEB

CENTRO COMERCIAL BARÃO DE JOSÉ PEREIRA DIAS



UMA ASSOCIADA DOS

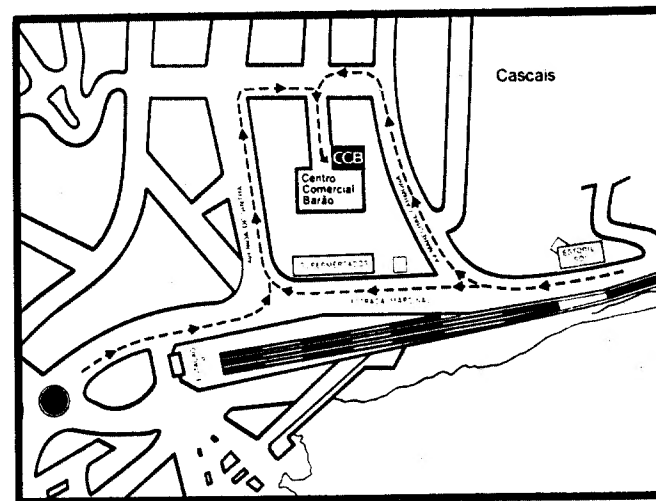
Armazéns do Chiado

DISPONDO DOS REQUISITOS MAIS MODERNOS, ESTA NOVA UNIDADE COLOCA AO SEU DISPOR 32 BEM APETRECHADAS SECÇÕES, PARA COMPRAR ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

VISITE EM CASCAIS, O NOVO ARMAZÉM

CEB

CENTRO COMERCIAL BARÃO



Transportes

Manifestação de amanhã tem o apoio de centenas de estruturas sindicais

A manifestação de apoio à luta dos trabalhadores dos transportes que se realiza amanhã, às 15 horas, entre os Restauradores e o Terreiro do Paço, em Lisboa, conta com o apoio de mais de cinco dezenas de sindicatos e centenas de comissões intersindicais e de trabalhadores dos distritos de Lisboa, de Setúbal e de Santarém.

Promovida pela Comissão Coordenadora das Organizações Sindicais do Sector dos Transportes, pelas Uniões Sindicais de Lisboa e de Setúbal e pelas Círculos Industriais dos dois distritos (USL, USS, CIL e

CIS), visa ainda a defesa do direito ao trabalho e do sector público e nacionalizado e uma nova política com os trabalhadores, ao serviço do povo e do País.

Com partida dos Restauradores, a manifestação percorrerá o Rossio, a Rua do Ouro, concentrando-se no Terreiro do Paço, em frente ao Ministério dos Transportes, onde se realizará um comício. Intervirá um dirigente da Comissão Coordenadora dos Transportes e um representante das quatro estruturas sindicais promotoras da manifestação (USL, USS, CIL e CIS). Será no final aprovada uma resolução político-sindical sobre

a luta dos trabalhadores dos transportes.

Segundo os seus promotores, a manifestação foi alargada a vários sectores, onde os trabalhadores se defrontam com o não pagamento de salários em atraso e despedimento sem justa causa.

Participação na manifestação, para além dos trabalhadores dos transportes, os da saúde, da Função Pública e muitos milhares vindos dos concelhos de Oeiras, Cascais, Vila Franca de Xira, Azambuja, Torres Vedras, Cadaval e Alenquer e de outras localidades.

CES criticou reajustamento do sistema monetário europeu

Os sindicatos europeus criticaram ontem o reajustamento do sistema monetário europeu, considerando-o «uma prova da incapacidade dos ministros das Finanças da CEE em praticar uma política económica coerente».

A Confederação Europeia de Sindicatos (CES) considerou que esta incapacidade «resulta em reconhecerem que uma política, realmente coerente, não se pode situar mais nas concepções fundamentais dos governos, que diferem, sobretudo, no que respeita ao papel do sector

público na organização da economia».

Sublinharam que os chefes de Estado e de governo devem «reconhecer que não se pode impor a todos, em nome de uma maioria, uma política unilateral, em detrimento dos interesses dos trabalhadores e que favorece, de uma maneira intolerável, o capital privado».

A CES solicitou ao Conselho Europeu as medidas necessárias que tenham em conta, principalmente, os interesses dos trabalhadores.

Pescadores argentinos

Os pescadores argentinos iniciaram segunda-feira uma greve por tempo indeterminado, para que sejam expulsos da frota pesqueira todos os trabalhadores estrangeiros.

A greve foi decidida por nove sindicatos do sector que, com a expulsão dos pescadores estrangeiros dos barcos argentinos, pretendem garantir o trabalho a 2500 compatriotas desempregados.

Escritórios do Porto elegeram nova direcção

Os trabalhadores de escritório do distrito do Porto elegeram ontem os seus novos corpos gerentes, depois de um período de mais de três anos de ilegalidade administrativa.

A lista eleita, afecta à UGT e que concorreu sob a sigla «pelo sindicalismo democrático, pela dinamização e recuperação do nosso sindicato», obteve 14 por cento dos votos em cerca de sete mil possíveis.

Estavam inscritos 6738 eleitores, tendo votado a favor da lista única 819, verificando-se 33 nulos.

O baixo número de associados recenseados nos cadernos eleitorais deve-se à interpretação da mesa eleitoral que somente aceitou os sócios com todas as quotas pagas até Dezembro de 1982.

Uma facção de empregados de escritório contestou há algum tempo as eleições, que boicotou por considerar «ilegal o processo eleitoral».

Os contestatários foram eleitos em 22 de Fevereiro de 1979, mas o acto eleitoral viria a ser anulado a partir da impugnação de uma lista concorrente.

Estes trabalhadores de escritório implementaram um movimento para reconstruir o sindicato, base de um futuro Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Porto.

Trabalhadores e Impostos vão

Os trabalhadores da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos vão efectuar uma greve de 48 horas nos próximos dias 30 e 31, segundo informaram os sindicatos da Função Pública.

O atraso na aprovação do decreto regulamentar que vai alterar a actual estrutura orgânica, de pessoal e de remunerações da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos é uma das causas da greve.

Outras reivindicações dos trabalhadores dizem respeito ao desbloqueamento das carreiras do pessoal do Núcleo de Informática, o esquema de transição do pessoal administrativo para a carreira técnico-tributária e a integração dos trabalhadores no Quadro Geral de Adidos e do pessoal de limpeza nos quadros da Direcção-Geral.

Viabilização da CIVE

Cerca de 150 trabalhadores da Companhia de Indústria Vidreira (CIVE) concentraram-se, ontem, junto às instalações do Instituto de Participações do Estado (IPE) a fim de serem recebidos pelo respectivo conselho de gerência.

Para já ficou apazada uma reunião entre as estruturas sindicais e o CG do IPE para o próximo dia 29, pelas 10 horas da manhã. A CIVE tem cerca de 700 trabalhadores em duas

fábricas na Marinha Grande, sendo o IPE possuidor de 78 por cento do capital social da empresa.

Os trabalhadores pretendem que o IPE concretize a anterior promessa de renegociação do acordo de viabilização de empresa.

Durante a concentração um trabalhador afirmou que o Instituto de Participações do Estado já investiu um milhão de contos na empresa para a construção de fornos de fusão de vidro devendo completar o investimento para que a empresa se viabilize.

Marcha do pessoal da Covina

Promovida pela Comissão de Trabalhadores e pela Comissão Sindical da Covina vai realizar-se no dia 29 do corrente, uma marcha de trabalhadores desta empresa que pretendem, deste modo, alertar a opinião pública «contra a política de destruição e esbanjamento que esta administração tem praticado».

A marcha que decorrerá pela Estrada Nacional n.º 10, entre a fábrica Evinel, na Póvoa de Santa Iria, e a Covina-sede, em Santa Iria da Azóia visa também exigir que administração apresente um plano de desenvolvimento da empresa que permita a continuação da



Sindicato dos Ferroviários do Centro

MOÇÃO

- Considerando que é ao Governo AD (PSD/CDS) que os trabalhadores devem a brutalidade do aumento dos preços e a degradação das suas condições de vida;
- Considerando que é vitada a actualização dos seus salários que os trabalhadores conseguem repor o seu poder de compra;
- Considerando que os ferroviários com as suas Organizações Sindicais e em conjunto com os restantes trabalhadores de transportes tudo têm feito para conseguir o diálogo e a negociação;
- Considerando a sistemática recusa de diálogo por parte do Governo, mesmo perante propostas coerentes que a princípio classificou de negociáveis;
- Considerando que o Governo AD (PSD/CDS) o único responsável das greves já realizadas e pela que hoje decorre na CP, CARRIS, METRO e RN e pelos avultados prejuízos daí advindos para a economia nacional e para a população utente.

Os Trabalhadores Ferroviários em greve e concentrados na Estação do Entroncamento em 23-3-83, DECIDEM:

- 1 — Expressar aos órgãos do Poder Local e Central nomeadamente: Câmara Municipal do Entroncamento, Governo Civil do Distrito de Santarém, Governo da República (Primeiro-Ministro, Ministro dos Transportes, Obras Públicas e Habitação e Ministro do Trabalho), Presidência da República, o seu descontentamento e repulsa pela desautorizada actuação do Governo face à justa luta dos trabalhadores dos transportes, caracterizada na recusa de diálogo com os representantes dos trabalhadores do Sector e na tentativa de virar a população contra os trabalhadores através da utilização abusiva dos Órgãos de Comunicação Social, nomeadamente a RDP e RTP, a sua firme determinação de continuarem a luta até alcançarem as suas reivindicações.
- 2 — Entregar a presente moção ao Sr. Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento e solicitar-lhe o devido encaminhamento aos órgãos de soberania designados no ponto 1.
- 3 — Dar da presente a máxima divulgação possível nos órgãos de Comunicação Social.

**A NOSSA LUTA É JUSTA
AS NOSSAS REIVINDICAÇÕES TAMBÉM O SÃO
POR ELAS NOS DEBATEREMOS ATÉ VENCER**

Aprovado por unanimidade e aclamação.

Entroncamento, 23/3/83.

AMADORA (Pavilhão da Académica)

Espectáculo musical

- Rao Kyao
- Go Graal Blues Band

Domingo, dia 27, 16 horas

Entrada Livre

Câmara Municipal da Amadora



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

AVISO

ADMISSÃO DE PESSOAL

Aceitam-se inscrições para admissão imediata até dia 4 de Abril de 1983 de:

- 4 operadores de estações elevatórias
- 2 motoristas de pesados de 2.ª Classe

Podem candidatar-se todos os indivíduos de nacionalidade portuguesa, com mais de 18 anos de idade, possuidores de escolaridade obrigatória. O local de trabalho será dentro da área de actuação destes Serviços Municipalizados.

Ficarão na situação de contratados a prazo com breve integração no Quadro destes Serviços.

As inscrições são feitas no Serviço de Gestão de Recursos Humanos dos S. M. O., das 9.30 às 12 horas e das 14.30 às 17 horas.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 23.3.83

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Maria Póvoa



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso público, pelo prazo de 20 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», para fornecimento de «4 viaturas tipo JEEP. Accionadas a motor Diesel».

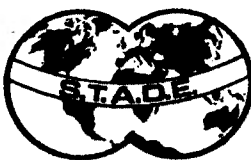
O processo pode ser examinado todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, na Secção de Expediente dos Serviços Técnicos de Obras do Município.

A caução provisória é de 100 000\$000

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Câmara Municipal na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Câmara Municipal reúne às terças-feiras, de oito em oito dias, pelas 16 horas no edifício dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho 28 de Fevereiro de 1983

O Vereador,
António Marques Ribeiro



SINDICATO DOS TRABALHADORES ADUANEIROS EM DESPACHANTES E EMPRESAS

1100 LISBOA

Rua Jardim do Tabaco, 90-1.º Dt.

Tel. 875686

CONTRATAÇÃO CONVOCATÓRIA

EM CONTINUAÇÃO DA SESSÃO INICIADA EM 19/10/82, CONVOCA-SE A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA A REUNIR NO PRÓXIMO DIA 29 DE MARÇO DE 1983, PELAS 19 HORAS, NA SOCIEDADE BOA UNIÃO, EM ALFAMA, BECO DAS CRUZES, N.º 9, COM A SEGUINTE

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — INFORMAÇÕES
- 2 — CONTRATAÇÃO COLECTIVA

LISBOA, 23 DE MARÇO DE 1983.

PELA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,
(Ass. ilegível)

das Contribuições parar dois dias

Covina nacionalizada como produtora da vidro plano e o seu reforço tecnológico, com a consequente manutenção dos postos de trabalho.

O pessoal da Covina pretende também a demissão da administração daquela unidade fabril pois, acusam, tem praticado «uma gestão ruíno».

Desconvocada greve da TAP

Foi desconvocada a greve de dois dias que os trabalhadores da TAP iam cumprir a 30 e 31 de Março, ao mesmo tempo que a comissão de trabalhadores anulava a concentração marcada para ontem. Motivo: o facto de o conselho de gerência ter apresentado ontem uma proposta de revisão salarial.

Agora, a referida proposta, que deveria ter sido entregue até 15 de Novembro, está a ser objecto de discussão e negociação após o que as estruturas sindicais tomarão uma decisão final.

Hospital da CUF

A paralisação dos trabalhadores do Hospital da CUF, entre as 8 e as 12 e 30 horas de ontem, contou com uma adesão de cerca de 72 por cento. disse um dirigente sindical.

Esta acção de luta que surge na sequência de outras de «repúdio e protesto contra as

posições que a administração tem apresentado nas negociações de revisão do ACT», visa obrigar os gestores a apresentarem «propostas sérias e dignas».

A comissão negociadora sindical acusa ainda a administração de «a última da hora desmobilizar e dividir os trabalhadores com a apresentação de uma nova proposta que (...) conferia acréscimos diferenciados e desiguais para as diferentes categorias».

Paralisação na Centralcer

O Sindicato dos trabalhadores das Indústrias de Bebidas do Sul e Ilhas faz uma rectificação à notícia por nós publicada no passado dia 24 quanto à adesão dos trabalhadores à greve no sector cervejeiro. Desta forma, e de acordo com aquela fonte, «a fábrica de Coimbra, da Centralcer, que não é do âmbito deste sindicato, não estava abrangida pelo pré-aviso de greve, por isso funcionou em pleno. A aderência à greve nas fábricas de Vialonga de Belas foi de 70 por cento. A produção foi profundamente afectada, apesar da empresa ter recrutado engenheiros e chefes de linha para desempenharem as funções de operadores de enchimento, tais como escolha de vasilhame, etc».

Desvalorização do escudo vai agravar a inflação

— sublinha a CGTP

A estagnação da economia será o resultado da política monetária e monetarista em que se insere a decisão do Governo de desvalorizar o escudo e aumentar as taxas de juro — considerou a CGTP.

Num comunicado, à Imprensa, aquela central sindical salienta que se trata de medidas que não atingem os objectivos de redução das importações e do nível da inflação e de aumento das exportações.

A CGTP considera que tais

medidas acabam por agravar a inflação, uma vez que aumentam os preços em escudos dos bens importados, para além de aumentarem «a taxa de lucro do sector exportador».

O comunicado afirma que, em primeiro lugar, são atingidas as pequenas e médias empresas, contribuindo para a concentração e centralização do capital.

A central sindical defende uma política económica cujo eixo central seja o combate ao de-

semprego e a satisfação das necessidades básicas da população, tendo como base de arranque a dinamização do sector público e dos grandes projectos nacionais, como o Plano Siderúrgico Nacional, a Barragem do Alqueva e o aproveitamento dos minérios de Moncorvo.

A política económica deve privilegiar o desenvolvimento das indústrias viradas para o mercado interno e capazes de substituir importações — concluiu a CGTP.

Conselho Nacional da CGTP-IN

O novo Conselho Nacional da CGTP-IN, eleito pelo IV Congresso, tomou ontem posse na sede da central sindical, em Lisboa, iniciando de imediato a sua primeira reunião.

Os 71 elementos integrantes do Conselho Nacional vão discutir e aprovar o regulamento do seu funcionamento e elegerão a respectiva Comissão Executiva.

Ontem foi feito um balanço geral das conclusões do IV Congresso, prosseguindo a reunião hoje com a análise da actual situação político-social.

Greve geral paralisa totalmente o Equador

A greve geral que desde quarta-feira paralisa o Equador é a sétima convocada pela poderosa Frente Unitária dos Trabalhadores (FUT) e a de maior êxito para o movimento operário deste país de oito milhões de habitantes.

Todos os comentaristas são de opinião que nunca como agora o país respondeu ao apelo da FUT e salientam que a esta greve — que já provocou um morto, 50 feridos e 200 detenções — aderiram em conjunto os trabalhadores e importantes sectores patronais.

Das sete greves gerais já realizadas, três foram convocadas

contra o actual Governo do jovem democrata-cristão Osvaldo Hurtado e a sua política económica.

A FUT engloba as três centrais sindicais mais influentes do Equador e que agrupam 300 mil filiados: a CTE, de orientação comunista, a CEOLS, social-democrata e a CEDOC, de inspiração socialista-revolucionária.

A greve, que desde as 11 horas tmG de quarta-feira tem o país totalmente paralisado, foi convocada para protestar contra as medidas económicas governamentais que incluem designadamente uma desvalorização de

27,2 por cento.

Com esta medida de força a FUT pretende a derrogação desta disposição, a demissão do ministro da Economia e um aumento geral no salário mínimo equivalente a 190 dólares.

Enquanto os sindicatos ameaçam tornar a greve «indefinida» se o Governo não atender às suas reivindicações, o Executivo começou na quinta-feira a dar sinais de estar disposto a negociar algumas das reivindicações.

Com os transportes paralisados em todo o país tal como toda a actividade comercial, bancária, agrícola, e do ensino, a greve tem sido caracterizada por nu-

merosos distúrbios nas principais cidades.

De acordo com fontes oficiais, registou-se até agora um morto na cidade de Cuenca, meia centena de feridos e cerca de duas centenas de detidos.

As ruas das cidades apresentam um aspecto desolado, com o lixo e os restos das barricadas acumulados.

Face aos rumores de uma intervenção do exército e a circulação de panfletos, reclamando um Governo militar, o ministro do Trabalho garantiu já que as forças armadas equatorianas permanecem fiéis à Constituição.

Uma aventura nova colecção portuguesa de livros de aventuras para jovens

ACABA DE SAIR O Nº 3

Uma aventura na talésia

Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

Já publicados

- Uma Aventura na cidade
- Uma Aventura nas férias do Natal

Histórias escritas por:
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

ilustradas por: **Arlindo Fagundes**

Uma iniciativa da **editorial CAMINHO**

Histórias cheias de acção vividas por rapazes e raparigas das nossas escolas

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

NOVAS TAXAS DE DEPÓSITOS A PRAZO

Informa-se que as novas taxas para depósitos a prazo, a constituir ou a renovar a partir de 24 do corrente, inclusive, são as seguintes:

PRAZOS	TAXAS
De 30 até 90 dias	15,5%
De 91 até 180 dias	19,5%
De 181 até 365 dias	23%
De 366 até 730 dias	28%

Quantias com limite mínimo de 5.000\$00.

Conflitos internos no Governo de Felipe Gonzalez

Madrid (do correspondente do «DL», Fernando Jauregui) — Ainda que os meios de comunicação espanhóis se mantenham obcecados pela política externa do Governo — o ministro da Defesa norte-americano, Weinberger, sugeriu ontem à noite em Madrid que a Espanha permanecesse completamente integrada na NATO, incluindo a ala militar, o certo é que preocupantes indícios de conflito interno se abatem sobre a equipa de Felipe Gonzalez, que acaba de passar os primeiros cem dias à frente do poder com um elevado índice de adesão popular, como confirmam as sondagens.

Esta manhã, três guardas civis foram metralhados em San Sebastian, e o seu estado é considerado grave. O facto de este novo atentado (muito presumi-

velmente atribuído à ETA) tenha coincido com o sequestro, há dois dias, do industrial basco Jesus Guibert, indica claramente um ressurgir da actividade terrorista.

Contudo, os indícios mais preocupantes são no campo laboral: ontem a cidade de Gijon voltou a conhecer as barricadas e o caos nas ruas, como consequência do protesto dos trabalhadores da indústria metalúrgica. De acordo com uma informação divulgada hoje pelo jornal «El País», meio milhão de trabalhadores reivindicam actualmente, com greves e mobilizações, a manutenção do poder de compra. O problema do desemprego que afecta dois milhões e duzentas mil pessoas em idade de trabalhar, une-se agora com a perda crescente do nível de vida, derivado de uma

crise herdada, de que não seria justo culpar o gabinete de Gonzalez, que teve de defrontar sucessivas desvalorizações «de facto» da peseta, e o aumento dos preços em numerosos bens e serviços. Ainda hoje, provavelmente, o Conselho de Ministros aprovará um aumento das chamadas telefónicas.

Este complicado panorama interno não impieda, no entanto, a diplomacia espanhola de emprender uma ofensiva no campo das relações externas que passa pela «normalização» dos contenciosos que a Espanha tem no norte de África: o vice-presidente, Alfonso Guerra regressa hoje de uma visita de três dias a Argel, onde tentou equilibrar a balança comercial e normalizar as relações do PSOE com a Frente Polisário. Por sua

vez, Felipe Gonzalez irá na próxima semana a Rabat capital com que Madrid mantém um maior número de temas em aberto, potencialmente perigosos.

Por outro lado, a «normalização» do panorama exterior orienta-se agora para a Europa. Gonzalez já anunciou uma próxima visita a Bona, no intuito de relançar a candidatura espanhola ao ingresso na Comunidade Económica Europeia.

Infelizmente esta ofensiva processa-se no meio de uma certa desorientação diplomática, que determinou que, por exemplo, o ministro dos Assuntos Exteriores, Fernando Moran, tenha sido excluído do séquito oficial da transcendental viagem do vice-presidente Guerra a Argel.

Apelo de Reagan do espaço sus

O apelo do presidente norte-americano Reagan, definido como o programa de defesa para os meios legislativos e científicos dos EUA. Por ele têm-se multiplicado em declarações e precisões enquanto que, na Europa Ocidental, a NATO comentário às palavras do presidente americano de «histeria militar».

NUM discurso televisado, o chefe da Casa Branca exortou, na passada quarta-feira, os cientistas a trabalharem no desenvolvimento de armas espaciais, que permitam aos Estados Unidos organizar um sistema global de defesa contra mísseis balísticos nucleares.

Tal medida, segundo as palavras de Reagan, «traria novas esperanças aos nossos filhos no século XXI», pois, «tornaria impotentes e obsoletos os armamentos nucleares actuais».

No entanto, para destacar, membros do Partido Democrata, o discurso do conservador Reagan, é mais um discurso com a meta de 1984 — eleição presidencial — do que uma antevisão da política de defesa para o ano 2000.

Do mesmo modo, em reacção oficial ao discurso da «esperança», o Partido Democrata salienta que o presidente, falou de «inferioridade americana por recear que o seu orçamento excessivo de defesa seja reduzido no Congresso e porque pretende desviar a nossa atenção dos desastres económicos provocados pela sua política».

Com efeito, poucas horas antes do discurso presidencial, a Câmara dos Representantes tinha aprovado uma proposta de orçamento dos democratas que reduz de 10 para 4 por cento, o aumento das verbas militares.

A «esperança» é um pesadelo

Mais incisivo nos seus comentários foi o senador democrata Alan Cranston, que considerou que o apelo de Reagan se destina a «amedrontar o povo e o Congresso norte-americanos, de forma a que estes concordem em gastar mais dinheiro do que o necessário na defesa do país e dos seus aliados».

«A esperança de Ronald Reagan», acentuou Cranston, «é na realidade um pesadelo no qual as despesas militares aumentarão mais e mais, tornando-nos militarmente mais inseguros e economicamente mais débeis, incrementando, ao mesmo tempo, o perigo, de holocausto nuclear».

Falando de esperança, um outro senador norte-americano, foi extremamente duro: «o que Reagan fez foi exortar à militarização da nossa última grande esperança para a Paz e Cooperação Internacional — o espaço exterior».

Sobre a desigualdade que, segundo o presidente americano, existe entre os EUA e a URSS, o Partido Democrata, pela voz do senador Daniel Inouye, declarou que o chefe da Casa Branca «deu a impressão de que os Estados Unidos estão à mercê da URSS. O senhor presidente sabe que isso não é verdade», acentuou Inouye.

Na mesma linha, outro senador democrata, Sam Nunn, membro do comité de Defesa

Rios Montt ameaça

O presidente guatemalteco, Efraim Rios Montt, alertou, ontem contra qualquer tentativa de golpe de Estado contra o seu regime.

Falando numa conferência de imprensa transmitida pela Televisão, para assinalar o primeiro aniversário da sua subida ao poder num golpe de Estado militar, Rios Montt ameaçou fuzilar quem tentar derrubá-lo.

URSS

Gromiko vice-presidente do Conselho de Ministros

Andrei Gromiko, de 73 anos, ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, foi nomeado pelo Praesidium do Soviète Supremo para o cargo de primeiro-vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, segundo anunciou ontem um comunicado da agência TASS.

Nos termos em que está re-

digido, porém, o comunicado não é conclusivo quanto à questão de Gromiko manter ou não as funções de chefe da diplomacia soviética, que exerce desde Fevereiro de 1957.

No entanto, já distribuído este comunicado, a agência TASS anunciou que Gromiko tinha recebido, na qualidade de

ministro dos Negócios Estrangeiros, Lakhdar Brahimi, emissário do presidente Chadli Bendjedid, que lhe entregou uma mensagem do chefe de Estado argelino dirigida a Yuri Andropov, secretário-geral do PCUS.

Duas individualidades exerciam, até agora, as funções de primeiro-vice-presidente do Conselho de Ministros: Ivan Arkipov, desde Outubro de 1980, e Gueidar Aliev, desde 24 de Novembro de 1982.

A nomeação de mais um primeiro-vice-primeiro-ministro na pessoa de Andrei Gromyko surpreendeu os círculos diplomáticos ocidentais da capital soviética, que se interrogam agora acerca do significado política desta decisão do Praesidium do Soviète Supremo.

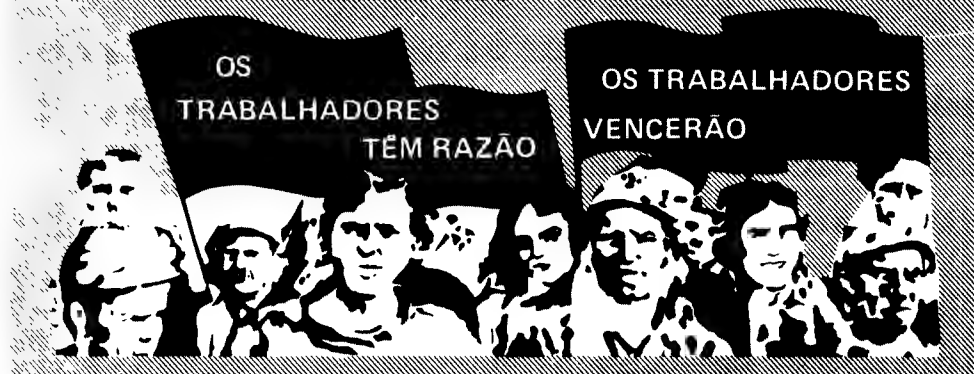
A questão de saber se se trata ou não de uma promoção continua também de momento sem resposta.

MANIFESTAÇÃO

26 MARÇO 83 15 HORAS
RESTAURADORES ☆ TERREIRO DO PAÇO

- LUTAR PELA RESOLUÇÃO DO CONFLITO NOS TRANSPORTES CONTRA A INTRANSIGÊNCIA DO GOVERNO PSD/CDS
- POR AUMENTOS SALARIAIS JUSTOS CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA
- PELO PAGAMENTO DOS SALÁRIOS EM ATRASO
- PELO DIREITO AO TRABALHO
- CONTRA OS DESPEDIMENTOS
- POR UMA NOVA POLÍTICA COM OS TRABALHADORES AO SERVIÇO DO POVO E DO PAÍS

TODOS AOS RESTAURADORES SÁBADO 26 ÀS 15 HORAS



Coordenadora sindical do sector dos transportes com o apoio
USL e USS/CGTP-IN, CIL e CIS

Ordem do desfile:

Estes sectores concentram-se frente ao sindicato dos ferroviários até ao Cinema Condes:
Sector transportes — Lisboa/Setúbal; Industria naval — Lisboa/Setúbal; Siderurgia; Quimigal; Amadora; Sector público; Bancários/seguros; Setúbal (restantes).

Estes sectores concentram-se do lado contrário aos outros, frente ao Cinema Eden:
Concelho de Lisboa; Juventude; Informação; Intelectuais; Saúde; Função Pública; Oeiras; Cascais; Sintra; Vila Franca de Xira; Concelhos do Norte; Loures.

Vitória trabalhista em Darlington

O Partido Trabalhista conservou ontem, durante uma eleição parcial, o seu lugar parlamentar de Darlington (Nordeste da Inglaterra), melhorando a posição do seu dirigente, Michael Foot, cujo papel à frente do «Labour» parecia estar ameaçado desde o desaire que a sua formação registou no mês passado em Bermondsey.

O candidato trabalhista, Oswald O'Brien, teve 39,5 por cento dos sufrágios, ficando com mais 2412 votos que os conservadores, os quais obtiveram 34,8 por cento (18 132 votos), seguindo-se a aliança entre os liberais e os sociais-democratas, com 24,5 por cento dos sufrágios (12 735). Os outros cinco candidatos perderam a sua caução.

Segundo os observadores, o resultado constitui uma cruel decepção para a Aliança, representada por um candidato membro do Partido Social-Democrata (SDP), já que as primeiras sondagens de opinião realizadas durante a campanha tinham deixado prever em certa altura a sua vitória.

A eleição parcial de Darlington verificou-se um mês depois da retumbante vitória de um candidato liberal no escrutínio de Bermondsey (arredores sul de Londres), lugar que era detido desde há cerca de 60 anos pelo «Labour».

A liderança de Michael Foot

tinha sido posta em causa pela derrota de Bermondsey, porque numerosos deputados trabalhistas encravavam que o seu partido se recaminhasse para a catástrofe nas próximas eleições gerais se Foot continuasse a ser o chefe.

Por outro lado, o Partido Conservador conseguiu um resultado pior que o obtido em Darlington em 1979. O seu candidato, Michael Sallon, conseguiu cerca de 35 por cento dos sufrágios, contra os 43,4 averbados nas eleições gerais.

A eleição deu lugar a uma participação recorde de 80,1 por cento, comparada com os 59 por cento registados em Maio de 1979 na mesma circunscrição.

A decepcionante marca da Aliança ameaça reforçar as dissensões entre liberais e sociais-democratas no que diz respeito à designação de um dirigente da coligação para as próximas eleições gerais, que terão lugar em Junho de 1984 o mais tardar, pensam os observadores.

O chefe do SDP, Roy Jenkins, antigo chanceler trabalhista do Tesouro, vem muito atrás do dirigente do Partido Liberal, David Steel, nas sondagens de popularidade. Uma vitória do candidato do SDP, Anthony Cook, em Darlington, teria permitido a Jenkins consolidar a posição de potencial dirigente da coligação.

Bro man

O Pentágono anunciou, em princípios de Março, a publicação da segunda edição da brochura «Poderio Militar Soviético». O livro foi distribuído aos jornalistas, na reunião da NATO de Vilamoura, e prevê-se para breve a sua saída em Português, tal como já aconteceu noutros países membros da NATO, escreve a Novosti.

A brochura americana, prefaciada pelo secretário da Defesa, Caspar Weinberger, surgiu quando nos Estados Unidos, e nomeadamente no Congresso, se fortaleceram as posições favoráveis à redução das despesas militares e ao congelamento da corrida aos armamentos.

A URSS, parte visada, considerou que esta segunda edição do «Poderio Militar Soviético» inclui, tal como a primeira, uma grande quantidade de dados falsificados, manipula factos e apresenta afirmações sem fundamento sobre o «atraso militar dos EUA».

Segundo o jornal «Estrela Vermelha», do Exército soviético, o número apresentado de bombardeiros estratégicos B-52

Reagan à militarização ocita dúvidas nos EUA

Ronald Reagan à militarização do espaço, por a o ano 2000, tem gerado controvérsia nos outro lado, colaboradores da Casa Branca sões ao discurso do presidente americano, O considera-se surpreendida. Por fim, em no, a agência soviética TASS acusa Reagan

do Senado, afirmou que o plano de Reagan «não tomava em linha de conta a nossa força, nem a dos nossos aliados e as debilidades da União Soviética».

Em contraponto, a posição presidencial foi elogiada pela «Fundação Heritage», um centro conservador de investigação, partidário da militarização do Espaço. «Preferimos uma declaração mais forte, mas apoiamos a intenção do discurso: apliquemos o nosso talento à defesa...» (!)

Precisões de Washington

Mal foi conhecido o teor da comunicação de Reagan, diversos colaboradores do presidente, vieram à liça fazendo precisões e adiantando razões.

Assim, Lawrence Eagleburger, subsecretário de Estado americano para os Assuntos Políticos, considerou ontem, em Washington, que os EUA «não têm a intenção de violar o tratado sobre as armas balísticas assinado com a URSS em 1972».

Falando numa conferência organizada no clube de imprensa estrangeira em Washington, Eagleburger afirmou que os «aliados e amigos dos EUA tinham sido informados anteriormente» acerca das novas propostas e que, estas não infringiam o tratado de 1972: «este tratado, ao que sei, não interdita nem as pesquisas sobre as armas antibalísticas, nem a sua produção, mas opunha-se, em contrapartida

à sua instalação ou experiências».

Sendo assim, haveria um desfazimento prático entre os estudos e construção das novas armas e a sua utilização, mesmo na fase experimental. Poder-se-á perguntar logicamente se os EUA irão investir verbas numa arma sem a poderem testar, situação que não parece crível.

A explicação adiantada por Eagleburger nada adianta. «Os EUA propõem-se desenvolver as investigações neste domínio, porque sabemos perfeitamente que a URSS procede a pesquisas onerosas sobre este tipo de armas». Do mesmo modo, parece pouco provável que Moscovo invista neste domínio, sem poder comprovar a validade destas novas armas, situação imposta pelo tratado sobre as armas balísticas.

O vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, afirmou por seu lado que esta proposta não está pronta para ser aplicada (nem o poderia ser de acordo com o tratado americano-soviético de 1972). Do mesmo modo quando George Bush salienta que «se isso (as novas armas) puder levar ambas as partes a ter consciência de que deveríamos banir essas armas, tanto melhor». No entanto, o acordo de 1979 proíbe a utilização dessas armas.

Surpresa na NATO Inquietação na Europa

O programa dos anos 2000, conhecido com surpresa na

NATO, está por enquanto a suscitar um interesse menos imediato do que as declarações que o presidente Reagan deverá fazer a 31 de Março em Los Angeles. Julga-se que esse novo discurso irá tratar dos actuais problemas da NATO e, nomeadamente, do futuro das negociações de Genebra cuja fase presente deve terminar a 28 de Março.

A proposta do presidente Reagan é um conceito a longo prazo que em nada altera os programas actuais da NATO para os próximos anos, precisava-se ontem na sede da Aliança Atlântica depois de haver conhecimento do discurso do presidente americano pronunciado em Washington.

O empenho da Aliança neste ponto não é modificado em nada pela proposta do presidente americano, declara-se nos meios ligados à NATO. Acrescenta-se de fontes americanas que o projecto do presidente Reagan também não modifica os programas em curso, ou seja, a construção do bombardeiro B-1 e a instalação de mísseis intercontinentais MX.

Histeria militar acusa a TASS

O discurso televisivo do presidente Ronald Reagan mostra que ele «continua a atizar a histeria militar ao procurar fazer com que o Congresso adopte os seus programas gigantescos de rearmamento», escreve hoje a agência TASS.

Num telegrama datado de Washington que constitui a primeira reacção às declarações do presidente americano, a agência oficial soviética afirma que as palavras de Reagan ilustram a continuação por Washington da sua «política a partir de posições de força».

quadros anexos. Num desses quadros pode ver-se que alguns dos mísseis estratégicos soviéticos estão equipados com ogivas múltiplas (OM), enquanto outros contêm ogivas simples. Contudo, no texto, ao avaliar o número total de ogivas, parte-se do princípio que todos os mísseis estão equipados com ogivas múltiplas (OM).

Para o «Estrela Vermelha» a brochura contém algumas sur-

presas, «raras nas publicações propagandísticas do Pentágono». Os autores reconhecem, por exemplo, que a URSS continua a cumprir as condições do Acordo SALT e apresentam alguns elementos sobre a correlação das forças estratégicas soviéticas e americanas que são do

conhecimento geral, mas refutam — segundo o jornal — «as declarações fantasiosas do presidente Reagan», em Novembro de 1982, quando afirmou que a União Soviética leva uma vantagem flagrante sobre os EUA em relação a todos os índices do poderio militar.

Afirma-se agora, no livro, a superioridade dos EUA relativamente ao número de ogivas em submarinos e à quantidade de aviões estratégicos.

«No entanto, — conclui o «Estrela Vermelha» —, os números e factos isolados que reflectem a situação real no campo do equilíbrio das forças e confirmam a igualdade relativa da URSS e dos EUA no campo militar perdem-se num mar de informações notoriamente falsas».

El Salvador A “ajuda adicional” de Reagan partida ao meio no Congresso

A administração norte-americana reiterou ontem a sua oposição a negociações sobre a distribuição de poder entre o Governo e a guerrilha salvadorenha.

Um porta-voz governamental respondia deste modo a uma das condições impostas por comissões do Senado de Washington para «a ajuda militar adicional» a El Salvador.

Na passada quarta-feira a subcomissão de Operações Estrangeiras do Senado aprovou os 60 milhões de dólares adicionais para El Salvador pedidos pelo presidente Reagan.

Contudo, impôs à administração, entre outras condições, a de impulsionar «conversações incondicionais entre o Governo de El Salvador e os seus adversários sobre a celebração de eleições livres, justas e seguras».

O subcomité de operações estrangeiras do Senado aprovou os 60 milhões de dólares adicionais e os 140 milhões de «assistência económica» de segurança para este ano, mas impôs a Reagan estritas condições para a sua entrega: encorajamento de negociações incondicionais, uma reforma do sistema judicial e a limitação a 55 dos «conselheiros» militares.

Se o subcomité da Câmara Baixa também cortar o auxílio para metade, a administração não deveria ultrapassar essa verba que, é «suficiente» para satisfazer as necessidades imediatas do Exército salvadorenho.

Contudo, se o sub-comitê aprovar outras verbas, é impossível prever o que fará a administração de Ronald Reagan.

Uma carta para Ronald

Um grupo de 54 congressistas norte-americanos enviou entretanto uma carta ao presidente Ronald Reagan, afirmando «que qualquer ajuda a El Salvador deverá ter como objectivo a vitória» contra a guerrilha.

«A vitória não pode ser conseguida com negociações que possam permitir aos comunistas ganhar o terreno que não conseguiram, nem legalmente nem pela força das armas», disseram.

A carta é redigida pelo congressista «democrata» Larry McDonald, que utiliza uma linguagem agressiva bem conhecida por quem tem memória.

Homenagem a Oscar Romero há três anos assassinado

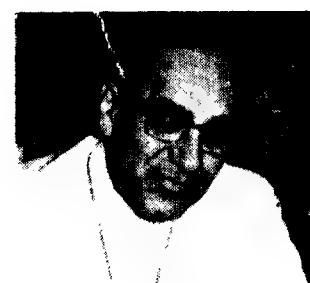
O arcebispo de São Salvador, monsenhor Arturo Rivera Y Damas, presidiu ontem, na catedral metropolitana, a uma homenagem em memória do seu antecessor, Oscar Arnulfo Romero, assassinado há três anos.

Falando perante cerca de quatro mil pessoas, monsenhor Rivera Y Damas pediu, à semelhança do que fizera João Paulo II, que nenhum grupo político instrumentalize a memória de Oscar Romero, mas que «o seu sacrifício sirva para alcançar a paz em El Salvador».

Rivero Y Damas oficiou a missa acompanhado pelo bispo auxiliar de San Salvador, Rosa Chavez, pelo vigário-geral da catedral, e por 60 sacerdotes celebrantes.

Além desta cerimónia, efectuaram-se em todas as Igrejas do país missas em memória do arcebispo assassinado.

O actual arcebispo leu uma mensagem do Papa João Paulo II e recordou um recente comentário do diário «L'Observatore Romano» em que se considera monsenhor Romero «um após-



Oscar Arnulfo Romero

tolo do Evangelho e um defensor dos direitos humanos».

Nas ocasiões em que Rivera referia o nome de monsenhor Romero, a multidão aplaudia-o insistentemente.

Dois jovens tentaram colocar um cartaz com a foto do arcebispo assassinado na parede do altar, mas um dos padres oficiais recusou-lhes autorização, alegando que esta só poderia ser dada pelo bispo.

O cartaz, que mostrava monsenhor Romero sorridente, continha ainda as palavras: «Se me Matam, Ressuscitarei no Povo Salvadorenho».

Segundo o “Estrela Vermelha” brochura do Pentágono manipula e falseia dados sobre armamento

é inferior ao real em 300 unidades. Os autores afirmam que, actualmente, a Força Aérea dos EUA possui 241 aviões desse tipo, enquanto no anexo do tratado SALT-2, assinado por Carter, quando era presidente, se aponta a existência de 574 aviões B-52 nas forças estratégicas norte-americanas.

O jornal do Exército soviético afirma que, nos EUA, não se procedeu a nenhum abate significativo destes aviões aos efectivos militares. «Só se sabe — acrescenta — que o Pentágono começou recentemente a equipar os bombardeiros B-52 com mísseis alados de longo alcance, o que, aliás, é referido na brochura.»

Por outro lado, escreve o jornal, «os autores incluem os aviões «Backfire» na aviação estratégica da URSS, embora, pelas suas características, não pertençam a esta classe, foi reconhecido no tratado SALT-2».

O «Estrela Vermelha» considera que, ao efectuarem o cálculo das ogivas dos mísseis estratégicos soviéticos, os autores da brochura tiram conclusões que são refutadas pelos próprios

NOVAS TAXAS DE JURO

Depósitos à Ordem	Depósitos a prazo
	De 30 a 90 dias 15,5%
	De 91 a 180 dias 19,5%
Até 150.000\$00 4%	De 181 dias a 1 ano 26%
No excedente 2%	A 1 ano e 1 dia 28%



Defenda o seu futuro. Deposite no

Banco de Fomento Nacional

Sede: Rua Mouzinho da Silveira, 26 — 1200 LISBOA — TELEF. 56 10 71.
Delegações: AVEIRO • BEJA • BRAGA • BRAGANÇA • CASTELO BRANCO • COIMBRA • ÉVORA • FARO • FUNCHAL • GUARDA • LEIRIA • LISBOA • PONTA DELGADA • PORTALEGRE • PORTO • SANTARÉM • SETÚBAL • VIANA DO CASTELO • VILA REAL • VISEU.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP,

France Presse, Inter Press

Service, Novosti, Prensa Latina



EDITAL

ARREMATACÃO DE MESAS NOS MERCADOS 25 DE ABRIL — Quinta da Lomba — Lavradio

HÉLDER DA SILVA NOBRE MADEIRA, Presidente da Câmara Municipal do Barreiro:
Faz público por deliberação desta Câmara em 2 de Março de 1983, se procederá no próximo dia 4 de Abril do corrente ano, pelas 15 horas, nas instalações da ex-cordaria Nicola, à arrematação em hasta pública, do direito de ocupação das seguintes instalações:

Mercados	Mesas	Actividade Comercial	Base Licitação mesa	Valor Lanços	Caução provisória
25 de Abril	92-94	Frutas e hortaliças	10 000\$00	500\$00	2 500\$00
	28	Peixe e marisco	10 000\$00	500\$00	
LAVRADIO	33-34	Frutas e hortaliças	5 000\$00	500\$00	2 500\$00
	40-48				
	119-120	Carnes verdes e criação	10 000\$00	500\$00	
Quinta da Lomba	17-18-19-25	Frutas e hortaliças	5 000\$00	500\$00	2 500\$00
	27-33-35-50				

- 1 — As mesas serão concedidas por arrematação em praça a realizar entre os interessados que à mesma tenham requerido a sua admissão e ao mesmo tempo efectuada a caução provisória até 30 de Março de 1983. No requerimento deverão constar os dados vigentes para esse efeito e as devoluções das cauções provisórias serão efectuadas 4 dias após a arrematação.
- 2 — Cada arrematante terá de satisfazer no dia imediato ao da arrematação o valor da mesma, assim como o respectivo encargo com o imposto de Selo do art.º 15.º da tabela Geral do Imposto de Selo.
- 3 — A falta de pagamento de qualquer destas importâncias no prazo devido, faz incorrer o adjudicatário na perda do direito à ocupação da instalação arrematada bem como à caução provisória.
- 4 — Dá-se conhecimento a todos os interessados de que só podem licitar no seu próprio nome e ninguém poderá ocupar, de acordo com a Postura dos Mercados, mais que três mesas nos mercados do Concelho do Barreiro.
- 5 — Cada arrematante poderá pedir a admissão para arrematar em todos os mercados, desde que deposite as respectivas cauções, que serão por concorrente e por mercado.

Para constar e não ser alegada ignorância se publica o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 10 de Março de 1983

O Presidente da Câmara,

Hélder da Silva Nobre Madeira

informação

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

Depois da morte de Barney Clark

Médicos desejam prosseguir com a experiência

A morte de Barney Clark, o primeiro homem a receber um coração artificial permanente, não põe em causa essa forma de cirurgia cardíaca, sustentam os médicos do hospital de Salt Lake City, que estão dispostos a prosseguir com as experiências em cadáveres cujo estado geral seja menos precário.

Barney Clark faleceu na quarta-feira à noite, cerca de quatro meses depois da sua operação, por causa do mau funcionamento de diversos órgãos vitais, não lhe valendo o facto do seu coração

artificial ter continuado a bater até ao fim.

Antes de ser operado a 2 de Dezembro, Barney Clark sofria de cardiomiopatia, uma degenerescência do coração fatal a curto prazo e tinha problemas pulmonares e renais. Estes problemas, secundários em relação à cardiomiopatia, estiveram na origem das complicações internas que enfraqueceram o paciente e não favoreceram o seu restabelecimento.

No entanto, Barney Clark respondia exactamente aos critérios impostos pela Agência Federal

encarregada do Controlo da Alimentação e dos medicamentos (FDA). Para a FDA, é necessário que o coração artificial seja realmente o último recurso do doente.

O cirurgião que operou Clark, o dr. William Devries, manifestou a esperança de que os critérios da FDA possam tornar-se mais «maleáveis» para o próximo paciente, para que não esteja «tão perto da morte». «Tudo teria sido muito mais fácil para todos», se Barney Clark tivesse sido operado duas semanas antes, comentou o dr. Devries.

Cuba apoia a Nicarágua na ONU

Cuba apoiou ontem a queixa de Managua no Conselho de Segurança da ONU e acusou os Estados Unidos de «impulsionarem planos agressivos e insensatos contra a Nicarágua».

Com esta intervenção, o embaixador cubano, Raul Roa, juntou-se ao México no apoio à Nicarágua, no debate do Conselho de Segurança sobre a incursão de grupos armados somozistas no Norte deste país centro-americano.

Raul Roa afirmou ainda que os anti-sandistas foram treinados no Sul dos Estados Unidos e nas zonas fronteiriças da Nicarágua com as Honduras e a Costa Rica.

O embaixador cubano salientou as palavras de Fidel Castro na recente Cimeira dos países Não-Alinhados, de «denúncia das pretensões de supremacia

militar de Washington em várias regiões do mundo, incluindo a América Central».

A actual situação na Nicarágua foi comparada por Raul Roa com a que existia em Cuba em 1961, quando a ilha foi invadida por ex-soldados do presidente Batista, sob as ordens directas do presidente dos Estados Unidos.

O embaixador instou, também os membros do Conselho de Segurança a reflectir muito seriamente sobre a denúncia da Nicarágua e impedir que o conflito se agrave «em consequência da intromissão hondurenha ou devido a uma intervenção directa dos próprios instigadores da agressão».

A crise política, social e económica que afecta a América Central é, no entender do repre-

sentante cubano, resultante das «tradicionais estruturas repressivas do poder e das estruturas económicas que geram pobreza, desigualdade e miséria».

Raul Roa acrescentou que a verdadeira solução dos conflitos que se registam na América Central «só pode conseguir-se mediante negociações políticas e por meios pacíficos».

A iniciativa de Paz, proposta pelo México, Panamá, Colômbia e Venezuela foi apontada por Raul Roa como um caminho válido para a solução do problema da Nicarágua.

Esta proposta prevê uma negociação entre todos os países da região centro-americana e um sistema de patrulhamento por forças internacionais da fronteira entre as Honduras e a Nicarágua.

Hiroshima e Nagasaki

O extermínio em massa de civis foi um dos principais objectivos

O extermínio em massa de civis era um dos «principais objectivos» dos bombardeamentos nucleares de Hiroshima e de Nagasaki — afirma um professor de História da Universidade californiana de Stanford, Barton Bernstein.

Segundo Bernstein, que se apoia em documentos oficiais até hoje secretos e que só agora foram divulgados, «as cidades de Hiroshima e de Nagasaki foram escolhidas, em parte devido à vulnerabilidade das suas populações civis».

Oficialmente, o bombardeamento de Hiroshima, a 6 de Agosto de 1945, causou 62 500 mortos, enquanto o de Nagasaki, três dias depois, provocou 75 000.

O historiador americano afirma ainda que o B-29 que largou a bomba atómica sobre Nagasaki, falhou o seu alvo teórico em mais de 1,5 km, porque havia nuvens. «Se o bombardeiro se tivesse afastado cerca de 3 km na direcção oposta, a bomba atómica teria destruído um grande campo de prisioneiros de guerra, cuja existência se desconhecia e onde se encontravam, na altura, 1400 detidos, entre eles 1290 americanos», disse ainda o historiador americano.

«SINGH & AHMAD, LIMITADA»

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
NOTÁRIO: LIC. ANTONIO MANUEL RODRIGUES HESPAHNA

Certifico para efeitos de publicação que — por escritura de 21 de Janeiro do corrente ano lavrada de folhas 70 verso a 72 verso do livro de notas para escrituras diversas n.º E-51 deste Cartório, Shaukel, Ahmad deixou de fazer parte da sociedade com a firma supra, com sede na rua de S. Pedro de Alcântara, n.º 13, em Lisboa e autorizou, que o seu apelido «Ahmad» continuasse a fazer parte da firma social, Manuel Matos Figueiredo e Maria da Soledade Silva Figueiredo, como únicos sócios que ficaram sendo da dita sociedade, alteraram o artigo 3.º e ainda o corpo do Artigo 4.º e seu parágrafo primeiro do pacto social que passaram a ter a seguinte redacção:
«TERCEIRO: O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores que constituem o activo da

sociedade é de cento e cinquenta contos, dividido por duas quotas: uma de cem contos do sócio Manuel Matos Figueiredo e outra de cinquenta contos da sócia Maria da Soledade Silva Figueiredo».

QUARTO: A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo do sócio Manuel Matos Figueiredo, desde já nomeado gerente, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo bastante a sua assinatura para obrigar a sociedade nos seus actos e contratos.

Parágrafo primeiro: Fica proibido ao gerente obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos estranhos aos negócios da sociedade».

Está conforme ao original.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1983

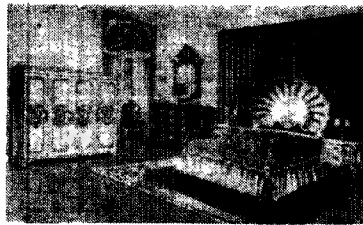
O Ajudante do Cartório, (Heitor Nunes dos Santos Pereira)

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis em todos os estilos



Para vosso interesse consultem os nossos preços

VENDAS: Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As Florestas são uma riqueza nacional.

Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.45 H



ANTONIO FERREIRA 3.º MÊS

ENCENAÇÃO JOAO MOTA

terça-feira a sábado

AS 21.45

sábado e domingo

AS 17H

★ XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE ★

PRACA ESPANHA

2500 TEL 72 08 18

MONTADORES/OFFSET

Grande empresa gráfica, situada em Lisboa, admite para ampliação dos seus quadros:

- montadores de jornal.
- montadores offset com prática de montagem de cores

Enviar resposta c/experiência anterior e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 23 305

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Para jornal diário e outras publicações, com e sem experiência

EXIGE-SE:

- Boa apresentação
- Bom nível cultural
- Facilidade de argumentação
- Dinâmico

Resposta detalhada com curriculum ao n.º 6302 deste jornal.

Técnicos portugueses e Governos africanos associados em empresa de consultores

Um grupo de 25 personalidades democráticas portuguesas, quase todas ligadas à África por acções de cooperação na fase posterior às independências, acabam de constituir com representantes dos Governos dos países africanos de expressão portuguesa, uma empresa especializada na realização de estudos e prestação de serviços de consultoria.

Designa-se essa empresa «NOEI-Consultores para o desenvolvimento» (NOEI corresponde às iniciais de Nova Ordem Económica Internacional) e tem o general Franco Charais como presidente do Conselho de Administração. O capital social está dividido em cinco partes iguais, uma subscrita pelo conjunto das 25 personalidades portuguesas, e as outras quatro pela empresa moçambicana Socimo, a empresa angolana Socingo, o Banco Nacional de S. Tomé e Príncipe e o Instituto de Seguros e Previdência Social de Cabo Verde.

A Guiné-Bissau que ainda não aderiu à empresa (meramente por razões operacionais) — disse o general Charais aos jornalistas — deverá fazê-lo em breve, com o correspondente aumento de capital igual ao detido pelos outros países.

Segundo informação prestada aos jornalistas no próprio dia da Assembleia Geral da criação da NOEI, esta empresa, já está em

plena actividade tendo em mãos o Projecto de Desenvolvimento da Região de Malange e o diagnóstico do sector pesqueiro de Angola. A orientação geral adoptada é a de cumprir directivas dos respectivos governos, fornecendo-lhe o «know-how» e as informações que permitam a fundamentação das decisões políticas com implicações no desenvolvimento.

Dedicar-se-á em particular à realização de estudos de mercado, análises macroeconómicas, sectoriais ou multisectoriais, à formulação de projectos integrados de desenvolvimento

económico, social ou cultural, regional, nacional, ou multinacional, à assessoria técnica aos Governos, unidades empresariais ou serviços públicos, à auditoria e peritagem sobre medidas de fomento económico, à organização de empresas, à administração e fiscalização de empreendimentos, ao recrutamento, selecção, formação e treino de pessoal técnico e à prestação de serviços de informação e de tratamento de dados nos domínios técnico, económico e jurídico.

Em princípio, a NOEI não entrará directamente na execução de projectos — quando muito

competir-lhe-á por delegação dos Governos, a sua fiscalização e controlo — continuando esse campo aberto à actividade dos gabinetes de consultores e projectistas que já trabalham com a África. Ainda segundo os técnicos portugueses participantes nesta iniciativa, a concorrência que vai haver neste campo tem mais a ver com empresas estrangeiras, fortemente implantadas e gozando de condições de crédito inexistentes em Portugal, do que com os consultores nacionais para quem, eventualmente até serão cariladas outras encomendas dos Governos das antigas colónias portuguesas.

A NOEI não privilegiará a partilha de lucros entre os seus sócios, para assegurar que os excedentes gerados sejam reinvestidos no esforço da sua capacidade de acção.

José Manuel Galvão Teles é o presidente da Assembleia Geral e o general Franco Charais o presidente do Conselho de Administração, de quem fazem parte também os administradores, eng. João Peres Amaral, em representação da Socingo, dr. César Fernandes, em representação do Instituto de Seguros e Previdência Social de Cabo Verde, o dr. Fonseca Veloso, em representação do Banco de S. Tomé e Príncipe, a Socimo e os dr. Mário Casquilho, e Ulpiano Nascimento.

14 economistas e cinco advogados entre os 25 sócios portugueses

A lista dos 25 sócios portugueses da NOEI integra as seguintes personalidades:

Alfredo Esteves Belo, economista; Alfredo Viana de Lima, arquitecto; Alfredo Nascimento, economista; António Augusto d'Almeida, economista; António da Costa Leal, economista; Carlos Vieira Reis, médico operador; Isabel Meireles, advogada; Joaquim Domingos Lopes, economista; João Cravinho, engenheiro; João Pedreira Vilela, economista; Jorge Pegado Liz, advogado; José Pereira Lilaia, economista; José Marigues, economista; José Manuel Galvão Teles, advogado; Luís Azevedo, advogado; Luís Marques do Carmo, advogado; Manuel Belo, economista; Manuel Franco Charais, general; Maria Clara Teles Mendes, doutorada em Geografia Humana; Mário Casquilho, economista; Mário Brandão Ferreira, economista; Mário Murteira, economista; Mário Valadas, economista; Sidónio da Costa Pardal, agrónomo, e Ulpiano Nascimento, economista.

Expropriação da Rumasa nas Cortes espanholas

O decreto-lei que recentemente expropriou o grupo económico espanhol «Rumasa» subiu ontem ao parlamento de Madrid, para efeitos de ratificação. O debate iniciou-se ao princípio da tarde, obedecendo à decisão governamental de o submeter aos deputados, depois da contestação de que a expropriação foi alvo nos meios conservadores. A nacionalização do grupo foi explicada oficialmente como respondendo «a razão de utilidade pública e de interesse social». A maioria absoluta que o PSOE detém nas Cortes permitirá a passagem do diploma sem qualquer dificuldade.

O exercício irregular de actividades económicas passará a ser mais severamente punido, de acordo com dois diplomas ontem aprovados em Conselho de Ministros. Assim, segundo um dos decretos-leis, serão objecto de sanções ainda não divulgadas, os comerciantes que alterem a qualidade de produtos alimentares, ou de aditivos alimentares, ou ainda que sejam encontrados na simples posse de substâncias ou utensílios destinados à adulteração de alimentos.

O envio de artigos não encomendados pelos destinatários passará igualmente a ser punido, devendo esta medida atingir, nomeadamente, o envio de

livros e discos por via postal, para eventual aquisição pelos destinatários. A falta de instrumentos de peso e medida e a falta de indicação de preços passará igualmente a ser punida.

Decretos inconstitucionais?

A publicidade das infracções detectadas torna-se igualmente obrigatória por via do decreto-lei agora aprovado, que o comunicado do Conselho de Ministros considera como destinado a combater a chamada «criminalidade dos negócios». O mesmo documento afirma que estas medidas são tomadas «dentro do

âmbito da competência do Governo» e que estão preparados há muito outros diplomas complementares que só não foram ainda aprovados por serem de apresentação obrigatória à Assembleia da República, entretanto dissolvida.

A questão levantada pelo próprio comunicado governamental parece porém não ser pacífica, já que os dois diplomas ontem aprovados poderão eventualmente ser considerados como inconstitucionais. De facto, segundo o art.º 168 da Constituição, é da competência exclusiva da Assembleia da República legislar sobre (alínea c): «Definição dos crimes, penas, medidas

de segurança e respectivos pressupostos, bem como processo criminal.» Isto, salvo autorização legislativa concedida pela AR ao Governo, o que não é obviamente o caso.

Um contacto estabelecido esta manhã com o gabinete da secretária de Estado Leonor Beleza não nos permitiu esclarecer a posição governamental sobre este tipo de objecções.

De qualquer modo, o segundo projecto de decreto-lei ontem aprovado, estabelece o regime jurídico de punição e julgamento por contrabando e descaminho, tendo Leonor Beleza afirmado ontem aos jornalistas que ele prevê «medidas inovadoras

quanto à prevenção eficaz deste tipo de delitos».

Cavaco Silva e a desvalorização

O antigo ministro das Finanças de Sá Carneiro, Cavaco Silva, disse ontem que a desvalorização do escudo vem na sequência de uma política económica que ele não haveria praticado.

Sem condenar a medida agora tomada pelo Governo de gestão, Cavaco Silva distanciou-se das opções do ministro João Salgueiro numa entrevista concedida à RDP.

Cooperativas querem mais bacalhau

A Federação Nacional das Cooperativas de Retalhistas de Produtos Alimentares (UCREPA) manifestou o seu desagrado pela «distribuição insuficiente» de bacalhau que a Comissão Reguladora tem efectuado.

Um membro da UCREPA, Carlos Moraes, disse à ANOP que a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau continua a fazer uma distribuição diminuta e inferior à que geralmente fazia. Na região de Lisboa, disse, a CRCB fornece, actualmente, 800 fardos por dia, quando chegou já a distribuir dois mil.

«A distribuição insuficiente por parte da Comissão Reguladora leva a que os seus clientes, nomeadamente as cooperativas, recorram a outros sectores de comercialização, como os intermediários e armazénistas», frisou.

Carlos Moraes salientou que no dia em que a Comissão Reguladora tiver condições para abastecer em quantidade e periodicidade as Cooperativas e os seus restantes clientes, estes deixarão de ter necessidade de recorrer a outros circuitos, onde, geralmente, se têm de sujeitar a margens de comercialização muito inferiores».

Hoteleiros contra imposto de turismo

Os industriais de hotelaria do distrito de Vila Real consideraram que o imposto de turismo «é ilegítimo e discricionário» e está a ser «mal aplicado».

Reunidos na sua sede em Vila Real, os industriais de hotelaria decidiram, em conjunto com outras associações congéneres do País, solicitar ao governo a alteração do decreto que regula a aplicação do imposto de turismo.

Numa proposta que irão apresentar à Associação da Indústria Hoteleira e Similares do Norte, os vila-realenses preconizam a extensão do imposto de turismo a «comerciantes e industriais de outros ramos, que são privilegiados nas suas tarefas».

Entretanto a nomeação de uma comissão instaladora da região de turismo do Nordeste transmontano foi deliberada em reunião que decorreu no salão nobre do governo civil de Bragança.

Presidiu a esta reunião o chefe do distrito, Telmo Moreno, e nela participaram também os nove presidentes das Câmaras Municipais que aderiram ao projecto, bem como nove autarcas suplentes.

A comissão instaladora será constituída por dezoito elementos, ou seja, os presidentes e suplentes das Câmaras municipais de Bragança, Vinhais, Macedo de Cavaleiros, Vila Flor, Alfândega da Fé, Carrizada de Ansiães, Mogadouro, Miranda do Douro e Vimioso.

Governo aprovou decretos sobre actividades antieconómicas



CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA AVISO

CARTAZ 25 DE ABRIL

- Até 4 de Abril está aberto concurso para elaboração de um cartaz alusivo às comemorações do 25 de Abril.
- Informações e regulamento podem ser obtidos no Serviço de Acção Social e Cultural (7.º andar).

Amadora, 22 de Abril de 1983.

O PRESIDENTE DA CMA,
(Ass.) Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

VELHARIAS

Visite de 27 de Março a 3 de Abril/83 das 17 às 24 horas nos dias úteis das 15 às 24 horas no fim-de-semana

o 4.º Salão de Velharias

No Hotel Ritz (R. Rodrigo da Fonseca, 88 R. Castilho, 77 Lisboa)

UMA VIAGEM FANTÁSTICA AO MARAVILHOSO MUNDO DA ANTIGUIDADE.

exclusivo

Marrocos sob o peso da guerra

II — Uma Economia Vacilante

□ Roland Delcour

■ «Le Monde»

RABAT — Nos últimos dias de Janeiro o país estava já verde e havia até já flores. A este solo generoso basta-lhe um pouco de água em Dezembro e em Fevereiro, mês habitual das chuvas, para que o campo se transforme num jardim. Tendo a pluviosidade sido normal em Dezembro, os campos cobriram-se de pequenas flores amarelas, e os trigais surgiram até nos contrafortes do Rif, onde os camponeses teimaram em cultivar encostas muitas vezes ravinadas pela erosão.

No entanto, a agricultura marroquina está constantemente ameaçada pelo que geógrafos chamam pudicamente a semi-aridez, que só se distingue da aridez completa, quando as precipitações atingem menos de 400 milímetros por ano. É por isso que a rádio aqui nunca omite a indicação das quedas de chuva em cada província, mesmo quando se trata apenas de alguns milímetros. Teriam sido suficientes dois anos de seca em 1980 e 1981 para que Marrocos

se transforma-se num deserto desde Tanger até Marraqueche, que as barragens se esvaziassem, que as chamadas friáticas se afundassem perigosamente. Mais de metade do gado de pastoreio, riqueza tradicional do pequeno camponês, desapareceu. Vão ser precisos vários anos para o reconstituir, e o rei, em 1982, teve que convidar os seus súbditos absterem-se de sacrificar o carneiro ritual pelo Aid el Kebir, como já havia feito em 1981.

Mesmo com a pluviosidade normal a agricultura marroquina não ultrapassa em média 10 a 12 quintais por hectómetro. Em tempos normais, já foi necessário importar 17 milhões de quintais de grão por ano. Em 1981 foi necessário duplicar as importações e o desequilíbrio crónico das trocas comerciais agravou-se ainda. Em 1982, a cobertura das importações pelas exportações caiu abaixo dos 50%. No entanto, para além dos 7 milhões de hectares aráveis, dos quais 1 milhão estará dentro em breve irrigado e produzirá as saborosas laranjas marroquinas — o produto número um nas exporta-

ções — o país dispõe de um riqueza quase inesgotável: os seus fosfatos. Mas também nesse campo a baixa dos preços — após a alta excessiva de 1973, quando Marrocos tentou ligar o preço do seu fosfato ao do petróleo — e a compressão das vendas estabilizaram as exportações enquanto que as importações, nomeadamente as do petróleo, se tornavam cada vez mais onerosas. Para equilibrar o preço dos cinco milhões de toneladas de petróleo que importa anualmente, Marrocos teria de sacrificar três quartos das suas reservas de fosfatos.

O país teve de endividar-se. A dívida pública vai atingir os 8 mil milhões de dólares e o seu serviço absorve já mais de 5 mil milhões de dirhams — cada dirham vale 1,15 francos — no orçamento para 1983. Os empréstimos feitos por organismos internacionais são cada vez mais caros e mais raros, mesmo quando vêm de países árabes produtores de petróleo. A crise explica a dificuldade crescente que Marrocos está a exprimir para escoar a sua produção de citrinos nos mercados estrangei-

ros, em particular dentro da CEE, à qual no entanto está associado. Desde dezembro, os automobilistas podem ver ao longo da estrada Meknes a Rabat, montes impressionantes de tangerinas e de laranjas oferecidas ao preço de 10 dirhams o cabaz.

Projectos rentáveis entravados

O plano quinquenal iniciado em 1981 por Marrocos não pode ser totalmente realizado logo desde o seu primeiro ano. Com efeito o défice do orçamento de 1982 não pode ser aligeirado senão à custa de investimentos previstos no plano, que sofreu um corte de 7 mil milhões de dirhams. O mesmo poderá vir a suceder em 1983, uma vez que o défice do orçamento para o ano em curso está fixado, segundo as previsões do ministro das finanças, em 7,9 mil milhões de dirhams. Estas restrições são ainda mais nefastas pois que Marrocos está empenhado num grande número de projectos altamente rentáveis, como a



Hassan II a votar

construção de uma grande indústria química a partir de fosfatos com vista a transforma-los em ácido fosfórico, mais fácil de escoar. A infra-estrutura, especialmente a de estradas, e a ferroviária, largamente herdadas do tempo do protectorado, carece também de largos investimentos. Trinta anos depois da sua independência, Marrocos ainda não dispõe de uma auto-estrada completa entre Casablanca e Rabat, nem de uma linha de caminho de ferro com duas vias. Os trabalhos para a duplicação da via estão em curso.

Alguns destes grandes projectos, especialmente nas províncias saharianas, reflectem preocupações políticas — construção de uma via férrea entre Casablanca e El Aioun. Enquanto que as necessidades da população, sobretudo no equipamento escolar e sanitário, estão longe de estarem satisfeitas. Nas cidades, o atraso verificado na construção de habitações em relação ao crescimento da população dá lugar ao aparecimento dos «bidonvilles», não apenas em Casablanca, mas em quase todas as cidades, incluindo Rabat-Sale.

As despesas militares elevam-se, no orçamento para 1983, a 6,6 mil milhões de dirhams, de créditos de funcionamento, num orçamento global de 52,6 mil milhões de dirhams, e são superiores às que são destinadas à educação nacional. De facto, as despesas de equipamento, não mencionadas, duplicam esta soma. Ainda que parte das aquisições militares sejam objecto de financiamentos especiais — ajuda da Arábia Saudita — ou de «pagamentos escalonados» — com a França, por exemplo. Se bem que essas despesas militares, estimadas em cerca de 40% do orçamento, tenham certos reflexos positivos na economia, em especial no Sul, mantém-se que o regresso da paz definitiva no Sahara Ocidental é a primeira condição para a melhoria das finanças públicas e da balança de pagamentos, e

de um relançamento verdadeiro da economia marroquina. Este poderia então beneficiar de todos os investimentos previstos no plano quinquenal.

Por outro lado, uma vez restabelecida a confiança, os investidores privados, aos quais o novo ministro das Finanças lançou um vigoroso apelo na sua exposição sobre a lei das Finanças, poderiam talvez abandonar finalmente a sua reserva. Por enquanto, eles entrincheiram-se nos investimentos imobiliários de luxo destinados a estrangeiros e a diplomatas, em operações de importação-exportação, em actividades de montagem e de subcontrato e de serviços-turismo de luxo.

Esta mesma observação é válida para os investidores estrangeiros que o governo marroquino espera atrair com o novo código de investimentos ainda em discussão no Parlamento. Este código renuncia a «marroquinizar» as empresas estrangeiras que deixarão de ser obrigadas a uma participação marroquina maioritária e poderão transferir em divisas uma parte dos lucros e até, em caso de malogro, o capital investido.

Assim, através da economia, regressa-se à política. A guerra no Sahara Ocidental terá fim em 1983? Informações concordantes permitem, pela primeira vez desde 1975, esperá-lo seriamente. A mediação do rei Fahd da Arábia Saudita, que esteve em Argel em Dezembro último, teria permitido reabrir a perspectiva de um encontro de cúpula entre o rei Hassan II e o presidente Chadli. Já diversas cidades foram até citadas para esta conferência de chefes de Estado. O Parlamento marroquino vai abordar, pela primeira vez, na sua próxima sessão, o acordo de fronteiras argelo-marroquino, assinado em Irane em 1972 e que nunca chegou a ser ratificado. O país, tão duramente experimentado pelo fardo da guerra, irá finalmente poder alijá-lo?



O rei Hassan II

DESPORTO



Benfica na Luz: último treino a pensar nas Antas

“Jogo do ano” é domingo nas Antas

Benfica e FC Porto jogam domingo nas Antas aquele que poderá ser considerado «o jogo do ano», tal a influência que pode desempenhar na questão do título de campeão nacional de futebol.

Quando faltam sete jornadas para o final do campeonato, a equipa lisboeta parte com quatro pontos de vantagem e na situação relativamente confortável de apenas precisar, praticamente, do empate para começar a preparar as faixas de campeão.

Mercê do triunfo alcançado na Luz (na primeira volta), por 3-1, os encarnados ficariam, na prática, com cinco pontos de avanço sobre os portistas, pois em caso de igualdade pontual beneficiariam ainda da vantagem obtida nos confrontos entre ambos.

Quer isto dizer que ao FC Porto só a vitória interessa no encontro do próximo domingo e, mesmo assim, terá de continuar a esperar por novos deslizes do Benfica, caso não perca por mais de um golo, terá ainda três pontos para defender até ao final da prova, de acordo com o mesmo critério de desempate.

Claro que este embate domina por completo a jornada número 24, onde a luta pelo quarto lugar e a batalha dos últimos assume proporções gigantescas à medida que a prova se aproxima do seu final.

Em relação à conquista do tal lugar para a Europa, o Vitória de Guimarães tem uma deslocação perigosa ao Funchal, onde jogará frente a uma equipa envolvida na «frente da permanência» e que, por isso, também não estará disposta a ceder

qualquer ponto no seu campo.

Mas mais importante do que este encontro, é o que se disputa em Braga entre a equipa local e o Varzim, pois trata-se de um confronto directo entre dois dos principais candidatos à quarta posição.

E não será mesmo ilícito atribuir a este embate entre minhos e poveiros honras de segundo mais importante da jornada, logo após o FC Porto-Benfica, até porque o Sporting, em casa, frente ao Espinho, deverá ter uma tarde relativamente calma.

Depois, a tal luta dos últimos com dois encontros em que o dramatismo deve imperar entre jogadores e público. Trata-se do Amora-Salgueiros e do Portimonense-Boavista.

Quatro equipas que carecem de pontos, com especial destaque para a turma do Amora, a jogar, ela sim, aquilo que poderá ser a cartada derradeira, pois a não vencer estará a perder pontos para um adversário do seu campeonato.

Também o Portimonense, a jogar em casa, terá de procurar tirar dessa vantagem o máximo proveito, afinal pelas mesmas razões do Amora, ou seja, não perder pontos face a um concorrente directo.

Em Vila do Conde, uma equipa tranquila, o Rio Ave, ainda com algumas aspirações ao quarto lugar, recebe o Estoril, moralizado pelo empate imposto ao FC Porto na jornada anterior e com os ouvidos postos na Amora e em Portimão.

Finalmente, em Alcobaca, o já condenado grupo da casa recebe o Vitória de Setúbal num encontro que a RTP vai transmitir a partir das 20 horas, no segundo canal, e cujo desfecho não terá, em princípio, grande influência na tabela.

F. C. Porto vai vencer

— quem o diz é Pedroto...

«O FC Porto está a atravessar um excelente momento de forma, ao contrário do Benfica que já está na curva descendente, devido ao desgaste, que sofreu nas competições europeias. Por isso, confio que a vitória vai pender para a minha equipa, pese embora o valor que se reconhece à turma encarnada» — disse Pedroto, ontem à tarde, depois de ter ministrado o último ensaio geral antes do embate com o Benfica.

O técnico portista não se ficou por aqui no tocante à apreciação do «jogo do ano».

— julgo que o Benfica vem às Antas com o pensamento fixo num empate e que isso determinará a aplicação de uma táctica defensiva que vise, exactamente, esse objectivo. Pela parte do FC Porto, pois posso assegurar que irá jogar ao ataque, visto que apenas nos interessa a vitória.

As reservas de Pedroto em relação às arbitragens — essas mantêm-se:

— Se as coisas tivessem corrido normalmente, isto é, se o FC Porto não tivesse sido vítima das actuações negativas de alguns árbitros, como aconteceu na Amora, em Setúbal, em Alvalade e mais recentemente no Estoril, pois estou convencido que neste momento a situação seria bem diferente, na medida em que o FC Porto estaria à frente do Benfica. Tal facto, porém, já não me surpreende. É um problema de longa data: sempre que o FC Porto aparece a jogar para o título, as anomalias surgem.

Outro aspecto curioso que extraímos das declarações do técnico «azul e branco» é o que se prende com a questão do controlo anti-«doping»:

— Espero que no jogo do próximo domingo haja controlo anti-«doping», desejo que julgo

ser partilhado pelos jogadores de ambas as equipas, tendo em vista, como é óbvio, a salvaguarda da verdade desportiva. Aliás, gostaria de salientar que o FC Porto tinha feito um pedido à Direcção-Geral do Apoio Médico para que no jogo da Amoreira houvesse controlo. Infelizmente, porém, tal não aconteceu, o que aliás tem sido uma constante nos jogos que disputamos no sul do País.

A propósito do jogo com o Estoril, Pedroto disse ainda:

O protesto já deu entrada na Federação e, pessoalmente, não tenho qualquer dúvida de que o jogo será repetido. A não ser que as pessoas envolvidas deem o dito por não dito e não produzam declarações honestas. Se a Televisão funcionasse como elemento de prova, a exemplo do que acontece em Espanha, pois estou certo que alguns jogadores do Estoril, para além de Vítor Madeira, seriam alvo de sanções disciplinares. Um deles, até, cujo nome me escuso de indicar, seria irradiado, face às atitudes que assumiu perante o juiz da partida, as quais foram testemunhadas por milhões de pessoas.

O facto do adversário se chamar Benfica e do jogo ter um carácter decisivo, em nada alterou os hábitos portistas.

Tudo se conjuga, portanto, para que o FC Porto - Benfica do próximo domingo seja aquele encontro empolgante susceptível de causar desmaios e não só. Tudo está previsto. Segundo apurou o «DL», haverá um reforço quer de efectivos policiais, quer dos elementos que prestam assistência dentro do estádio. Isto porque se prevê também que as Antas vão registar a maior enchente, traduzida em mais de 70 mil espectadores e uma receita que deverá rondar os 25 mil contos.

O traço de Pargana



Benfica em dia de eleições

Que vença... o Benfica

Hoje é dia de eleições para os corpos gerentes do Benfica. O acto está a decorrer, desde as 12 horas, nas instalações do clube na Rua do Jardim do Regedor. As urnas das seis mesas de voto serão encerradas às 22 horas. Depois será o escrutínio. Mais tarde saber-se-á qual a lista mais votada. Depois de tanta polémica, desejamos que vença, apenas, o Benfica...

LOTARIA DA

PÁSCOA



TALUDA

60 MIL CONTOS

Anda a roda dia **31**

ENTRE NA HORA DA
SORTE/HABILITE-SE.

DESPORTO

Pesca internacional em S. Pedro de Moel

Um director do Clube de Amadores de Pesca da Marinha Grande anunciou que cerca de 20 clubes espanhóis e franceses já manifestaram intenção de participar no Concurso Internacional de São Pedro de Moel.

A organização prevê que participem no concurso no fim-de-semana de 7 e 8 de Maio, cerca de três mil pescadores portugueses, espanhóis, franceses e italianos.

No sábado, efectuam-se o quinto encontro, França - Espanha - Portugal e o sétimo concurso de lançamento.

No domingo realiza-se o vigésimo concurso nacional e sétimo internacional de pesca desportiva de mar, numa extensão de 25 quilómetros, atingindo também zonas da Nazaré e S. Martinho do Porto.

Vitor Seica, um dos directores do clube organizador, disse que uma vintena de clubes franceses e espanhóis escreveram já a manifestar a intenção de estarem presentes.

Não é para admirar esta elevada participação, porquanto os reflexos do concurso do ano passado ocuparam em termos esportivos a imprensa especializada da estrangeira - explicou.

«Esperamos também muitos pescadores desportivos nacionais», acrescentou: «temos feito contactos muito especiais, uma promoção diferente, com ligações directas aos clubes, e aos amigos, a própria Comunicação Social, tem este ano acolhido a nossa iniciativa com mais interesse e maior empenho».

A competição de pesca de mar da Marinha Grande é a única no País que permite aos concorrentes escolherem a modalidade que melhor se adapta às suas possibilidades, dada a diversidade de características oferecidas aos concorrentes.

Para a parte internacional, é aguardada a participação de equipas de outros países, como a Itália, e de «teams» de fábrica (como no automobilismo).

Quanto ao concurso de lançamento (surf-casting), trata-se de uma modalidade pré-olímpica fortemente divulgada nos Estados Unidos, África do Sul e Europa Central, há sete anos que o clube da Marinha Grande a vem introduzindo em Portugal.

MICROSEPIO

Halterofilismo viaja

Três atletas portugueses participam no próximo fim-de-semana em Massenn (República Democrática Alemã) numa prova internacional de halterofilismo. Raul Dinis, Jorge Soares e Francisco Coelho, que se deslocam a convite da Federação da RDA, serão os representantes do halterofilismo português na prova, que se integra na preparação dos atletas para as Olimpíadas.

De florete em riste

Pedro Levy, do CDUL, venceu a prova de florete, em 1.ª e 2.ª categoria, disputada no Ginásio do União e Progresso da Venda Nova. Pedro Levy averbou 4 vitórias e 1 derrota, tal como João Carlos Oliveira, seu companheiro de equipa, que desistiu de comparecer na «barragem». Nos lugares imediatos classificaram-se: 3.º Carlos Barradas (UPVN), com 3/2; 4.º José Luciano (CMEFED), 1/4. Participaram na prova 14 atiradores. Na prova destinada às 3.ªs categorias ganhou Luís Mendes, do Ateneu, após uma eliminação directa com repescagem.



Radisic comanda a preparação física dos «leões», já sem Oliveira. Marinho, treinador adjunto, poderá assegurar a função enquanto não chegar o novo técnico

Oliveira interrompe funções de treinador

A direcção do Sporting libertou das funções de treinador o seu jogador Oliveira que, cumulativamente, vinha exercendo com a sua actividade de futebolista.

A decisão, disse uma fonte do clube, foi tomada a pedido do jogador, de acordo com o que ficou estabelecido quando Oliveira assumiu o comando da equipa por um «período transitório».

No âmbito desse «período transitório» figuravam como meta as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus, objectivo a que se opôs o adversário dos «leões» nos quartos-de-final, a Real Sociedad.

Faça a essa eliminação e à lesão que tem afectado Oliveira, este solicitou à direcção do Sporting a sua dispensa das funções de treinador, o que, inclu-

sive, lhe possibilitará a total recuperação clínica.

A mesma fonte acrescentou que o jogador poderá ter de ser operado no estrangeiro ou, na melhor das hipóteses, terá que fazer bastante praia, o que o impede de dar à equipa a assistência que exige a função de treinador.

Oliveira entendeu, ainda, que seria altura de o clube se debruçar, mais seriamente, sobre o futuro técnico da equipa, de forma a que esta possa, a tempo e horas, preparar a nova época.

A direcção do Sporting, que desde o primeiro momento deu todo o apoio a Oliveira, aceitou como legítima a pretensão do jogador que «usou de uma lisura exemplar em todo o processo».

Oliveira não tomou mais cedo esta decisão para não criar qual-

quer perturbação no seio da equipa, embora soubesse, desde a primeira hora, «que se tratava de uma situação transitória sem continuidade na próxima época».

Quanto ao futuro técnico do Sporting, a ANOP apurou que foram iniciados contactos com dois treinadores do Leste da Europa e outros tantos de Inglaterra.

Juiz-se mais provável que o novo técnico venha de um país do Leste, mas admite-se que nenhuma decisão definitiva será divulgada antes de uma ou duas semanas.

A ANOP soube ainda que qualquer dos técnicos constantes da lista provável é detentor de um vasto «palmarés» ao serviço de algumas das melhores equipas europeias.

Romeu com um pé em Alvalade

O futebolista Romeu poderá chegar a um acordo com o Sporting nos próximos dias, com vista ao seu ingresso no clube de Alvalade.

Romeu, que ingressou no FC Porto na época de 1978/79, apresentou há cerca de um mês a rescisão do contrato que o ligava ao clube das Antas, por falta de cumprimento de algumas das cláusulas.

Segundo revelou à ANOP, Romeu recebeu no passado dia 13, da Federação de Futebol, a respectiva carta de desvinculação, no seguimento da solicitação por si feita àquele organismo.

O ex-futebolista do FC Porto declarou que após ter tornado pública a rescisão do contrato com os portistas, recebeu convites de vários clubes interessados no seu concurso.

«No entanto, preferi aguardar a recuperação da lesão que tive para só depois estudar esses convites», acrescentou.

Após essa fase de recuperação, Romeu debruçou-se então sobre algumas das propostas que lhe foram apresentadas, mas preferiu aguardar contactos de clubes que lhe proporcionassem «condições mais vantajosas em termos de prestígio pessoal».

Segundo Romeu, esse contacto surgiu por um elemento ligado ao Sporting há cerca de uma semana, garantido o jogador que até então, não havia recebido qualquer convite do clube leonino.

«De posse da carta de desvinculação, entendi que seria a altura de procurar resolver o meu futuro até porque o Sporting é um dos clubes que pode satisfazer as minhas ambições em termos pro-

fissionais», acrescentou.

Neste momento apenas uma pequena diferença de verbas separa as duas partes, estando Romeu convicto de que o seu ingresso no Sporting será uma questão a ficar definida nos próximos dias.

«Para além do interesse que existe da parte do Sporting, também eu estou interessado em que tudo fique definido o mais rapidamente possível, até por uma questão de dar continuidade à minha recuperação - disse.

Romeu encontra-se já a residir em Lisboa, onde aguarda o desenrolar do processo que mandou instaurar ao FC do Porto.

Com esse processo, o futebolista pretende receber a dívida que o clube das Antas tem para consigo e que esteve na base da rescisão do contrato.

Lista A: “chegou a hora do Benfica ser restituído aos sócios”

Da comissão de apoio à candidatura de Jorge Brito, recebemos um documento assinado por milhares de associados, dos mais diversos quadrantes sociais, políticos e profissionais, sem qualquer distinção do número de anos de filiação, conforme listagens em poder da Lista A. Acrescenta o comunicado: Na impossibilidade de se transcreverem todos esses nomes, citamos apenas alguns dos mais significativos e o texto desse documento de apoio.

«Conscientes das nossas responsabilidades e face aos ventos que têm varrido os arraiais benfiquistas, semeando discórdia onde existia harmonia, decidimos subscrever este documento de Apoio à candidatura da Lista A, proposta pela Comissão Eleitoral».

«Ultimamente o Clube tem vivido momentos de grande intranquilidade e turbulência, de verdadeira radicalização, atingindo extremismos nunca imagináveis num Clube com as características e as tradições do nosso Benfica».

«O recurso a práticas autoritárias, o constante desrespeito pela lei e ética do Clube e pela vontade soberana dos sócios, estiveram na origem do aparecimento de um clima que urge banir definitivamente».

«Chegou a hora de o Benfica ser restituído aos sócios, no respeito da sua vontade, na legitimidade dos seus órgãos dirigentes, na licitude e legalidade dos seus comportamentos. É tempo de tranquilidade, de diálogo construtivo na diversidade de opiniões e de solidariedade. É tempo de o Benfica retomar os valores do seu passado glorioso».

«A candidatura da Lista A, que apoiamos decididamente, pela qualidade e valor dos benfiquistas que a integram e pelos princípios éticos que defende, é a garantia de que serão criados espaços de consenso onde cabem todos os benfiquistas. A candidatura da Lista A é a certeza da cooperação, da legalidade, do mérito, da dignificação, independência e prestígio do Sport Lisboa e Benfica. Estamos seguros que a vitória da Lista A será a vitória do Benfica. Por isso apoiamos e votamos na Lista A».

Assinaturas: Cap. Júlio Ribeiro da Costa (sócio n.º 3), Rogério Jonet (n.º 5), Armando da

Costa Ribeiro (n.º 9), António Henriques (n.º 16), Ilídio Nogueira (n.º 18), Júlio Pacheco (n.º 105), Fernando Valentim Lourenço (n.º 109), Silvério Gouveia (n.º 133), Eduardo Figueiredo Júnior (n.º 140), Henrique Vasco dos Santos (n.º 193), Armando da Silva Ribeiro (n.º 234), Fortunato dos Santos (n.º 253), António Rodrigues dos Santos (n.º 280), José Ricardo Domingues (n.º 316), Hugo Correia (n.º 342), dr. António José de Melo (n.º 373), Fernando Teles da Silva (n.º 393), Mário Ferreira da Silva (n.º 400), Luís Roldão Porto (n.º 409), António Roldão Porto (n.º 401), Oliveira Ramos (n.º 458), Manuel da Luz Afonso (n.º 459), Alexandre Almasqué (n.º 500), António José Noivo (n.º 562), Fernando Santos Paixão (n.º 575), Francisco Teixeira (n.º 578), Emilio Andrade (n.º 586), eng.º Dionísio Magro (n.º 606), dr. José Catarino Duarte (n.º 656), Abel de Melo (n.º 686), Fausto Figueiredo (n.º 920), Alfredo Silva Santos (n.º 924), José Monteiro Poças, dr. Alberto Machado, prof. Nuno Barros, dr. Artur Cunha Leal, dr. Marques Mendes, José Henriques Lopes, eng.º Prado Quintino, dr. Armando Ribeiro Mendes, prof. dr. Vasco da Costa Ribeiro, eng.º Aquilino Ribeiro Machado, José Soares, dr. Rui Salinas, eng.º Macias Nunes, prof. Américo Nunes da Costa, eng.º Luis Antunes, eng.º Calçado de Carvalho, Manuel Arons de Carvalho, dr. Osvaldo Branco, Idalino Freitas, Gastão Silva, eng.º Jacinto Alves, dr. João Salgado, dr. António Morais, Victor Ferreira da Silva, Augusto Serradas, Armando Barros Teixeira, eng.º Abreu Rocha, Jaime Catarino Duarte, dr. Sommer Ribeiro, arq. António Alegria, Rui Martins, Plácido Abreu, Victor Palhares Pinto, dr. Alfredo Gaspar, Bernardo Leite, Leonel Sande freire, Manuel da Silva Moura, Mário da Fonseca Lourenço, dr. Tomás Vacas, Joaquim Marques Teixeira, Júlio Sapeira, dr. Eugénio Marques, dr. Santos Oliveira, prof. dr. António Simão de Oliveira, Luís Nascimento, eng.º José Casquinha, dr. Rui Cunha, dr. Ribeiro Gonçalves, Guilherme Laje, Luís Esteves Videira, José Pinto Janeiro, dr. António Santos Nunes, Marcelino Pereira da Silva, Vítor Sousa Dias, dr. Romão Cruz, António Sommer Salgado, etc. etc.

Futebol: meninas preparam-se para jogo com a Suíça

A selecção portuguesa feminina de futebol terminou ontem em Paços de Ferreira, a primeira parte da preparação, iniciada terça-feira, com vista ao jogo com a Suíça.

Este jogo, que se realiza no dia 3 de Abril, no Estádio Municipal de Coimbra, conta para o grupo quatro do campeonato europeu da modalidade.

Portugal ocupa o último lugar, apenas com um ponto, alcançado na Tapadinha, contra a França (0-0). Nos outros jogos, a selecção feminina só averbou derrotas. Perdeu na Suíça (0-2), em Itália (0-3) e em França (0-2).

O seleccionador português, Hernâni Asencção, mostrou-se esperançado na conquista da primeira vitória, no dia de Pás-

coa, frente à Suíça.

«A equipa subiu bastante», disse, sublinhando o facto de haver já melhor ambiente e melhor movimentação. Destacou também o sector atacante, onde tem sobressaído Paula Correia, que é considerada a «Maradona» do futebol feminino em Portugal e que regressou após longa ausência.

Das 25 convocadas, faltaram Ana Maria, do Oeiras, São Tato, do Boavista, Aurora, do União de Coimbra, Isabel Portugal, do Fortis e Ester, do Leixões, alegando motivos profissionais.

Também o treinador José Pacheco não compareceu, informando o seleccionador de se encontrar doente.

Na sua ausência, o técnico do

futebol juvenil do Boavista e que se encontra simultaneamente ao serviço da FPF, Jaime Garcia, tem orientado os treinos.

A selecção fez uma ligeira sessão de preparação, seguida de uma «pelada», com a duração de 90 minutos, na terça-feira, no estádio do Varzim. Quarta-feira houve um treino de conjunto, no estádio do Mar. Hoje, no estádio da Mata Real, em Paços de Ferreira, a selecção defrontou e perdeu por 3-0 com os juvenis do Boavista.

Depois do treino de ontem à tarde, as jogadoras regressaram aos seus clubes e as 16 convocadas iniciarão terça-feira um estágio na Figueira da Foz, até à altura do encontro com a Suíça, decorrendo os treinos no estádio

municipal daquela cidade.

Uma das ausências mais notadas foi a axadrezada São Tato, sobre esta futebolista, o seleccionador afirmou tratar-se de uma atleta que «faz muita falta, pois é indiscutivelmente uma das melhores do momento».

Esta preparação da selecção também teve os seus pontos controversos como, afirmou uma das futebolistas, o afastamento de Fátima Azevedo e de Isabel Santos.

Estas duas axadrezadas «provocaram um mau ambiente no seio da equipa ao tentarem arrastar consigo outras jogadoras», afirmou.

«Talvez assim se possa explicar a ausência de São Tato, que nunca faltou aos treinos, quando

se tratava de deslocações ao estrangeiro e do próprio treinador José Pacheco, que também o é do Boavista», disse a mesma jogadora.

O seleccionador português de futebol feminino divulgou após o treino em Paços de Ferreira, os nomes das 16 atletas convocadas para o encontro com a Suíça.

Hernâni Asencção escolheu as seguintes futebolistas: Fernanda Seabra (Alados de Loredelo), Rosa Nunes (Leixões), Conceição Cerqueira (Fortis), Vera, China e Manuela Alves (Marítimo), Gracita, Adelaide, Ana Cristina e Paula Correia (U. de Coimbra) e Gená, Albertina, Paula Leça, Paula Freitas, Alfreddina, Fátima Pinto e Eva (Boavista).

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

45



Copyright Dargaud/Meribérica/-DL-

continua

Informação Ecológica

«Sol Sorridente» especial-urânio

Com um atraso justificado em «editorial», o «Sol Sorridente» de José Carlos Marques volta a atacar. Isto é, foi distribuído o número cinco, relativo a Janeiro deste ano.

O «prato-forte» é a reprodução de uma série de reportagens publicadas em Outubro do ano passado pelo «Diário de Lisboa», sobre a rota do urânio em Portugal.

Mas é ainda a problemática do movimento antinuclear que continua no centro das preocupações de Carlos Marques. Nesse particular, a perspectiva do autor não é nada optimista:

«Nos tempos mais próximos, o movimento antinuclear autónomo e independente está de mãos cortadas para qualquer acção... A única coisa a fazer, cremos, começando pelo quase princípio total, é criar as condições para superar esta situação de fragilidade: um movimento antinuclear potencialmente forte, com algumas vitórias importantes já averbadas, mas que se encontra de momento inerte e decapitado.»

«Sol Sorridente» é o modesto contributo do autor. E tão importante que ele é...

Pesticidas: a morte invisível

Dez mil pessoas morrem anualmente nos países do Terceiro Mundo, vitimadas por pesticidas. O número total de envenenamentos, porém, ascende a 375 mil pessoas, segundo dados divulgados pelo «Pesticides Action Network» (PAN), estrutura não governamental que integra 200 organizações de 16 países, com o objectivo de investigar e coordenar as actividades relacionadas com o uso e comércio de pesticidas.

No Sri Lanka, os ficheiros de um único hospital permitiram descobrir que em cada 15 mil pessoas tratadas anualmente por uso de pesticidas, mil morreram. Investigações levadas a cabo permitiram descobrir elevadas percentagens de pesticidas no leite materno e na gordura dos tecidos humanos dos indianos. Situações como estas levaram à criação do PAN, que visa a luta para modificar a actual situação e tentar acabar com a proliferação dos pesticidas.

A Associação Portuguesa de Ecologistas, os Amigos da Terra, que participa no PAN e através do comité internacional dos Amigos da Terra, tomou já algumas iniciativas para dar cumprimento às recomendações do PAN.

Em audiência com a Comissão Parlamentar da Cultura e Ambiente, e com vários grupos parlamentares, foram solicitados ao Governo e ao ministério de tutela, informações sobre a importação e exportação de pesticidas químicos e seu fabrico, e elementos sobre o seu efeito nos solos e na saúde dos trabalhadores.

Carlos Pessoa

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA COVILHÃ

ANÚNCIO

Proc.º 1214/81
Sec. 2.ª
2.º Juízo.

FAZ SABER que nos autos de Execução Sumária que o Banco Nacional Ultramarino, E.P., move contra as executadas, LEVIN L.D., sociedade com última sede conhecida na Av. da Aviação Portuguesa, 21-1.º Dt.º — Amadora — LISBOA, ausente em parte incerta, correm

éditos de QUARENTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando aquela executada, para no prazo de CINCO DIAS, decorridos oséditos, pagar ao exequente a quantia de 75 274\$40, quantia titulada por letra e encargos vencidos, deduzir oposição ou nomear bens à penhora que garantam aquela quantia e custas, findo o que, se considera devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Covilhã, 18.3.83

O Juiz de Direito
António Fernando
da Silva
Sousa Grandão

O Escrivão Adjunto
José Fernandes

FÉRIAS DA PÁSCOA

Férias grandes e fins-de-semana, passe-os, respirando AR PURO e gozando a TRANQUILIDADE DO HOTEL APARTAMENTOS S. RITA, Praia de S. Rita (Termas do Vimeiro) 2560 Torres Vedras. Telfs. Lisboa — 542852 S. RITA — 061-98258

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ SABER que por Juízo, correméditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando as pessoas que se julguem com a qualidade de herdeiras ou sucessoras da falecida HELENA RIBAS BATOREO ANTUNES, que teve a sua residência no Campo Grande, n.º 188-2.º, em Lisboa, para dentro do prazo de vinte dias, depois do prazo doséditos, deduzirem a sua habilitação, como sucessoras da falecida, nos autos de Liquidação em Benefício do Estado, a correr termos

pela primeira secção deste Juízo, com o n.º 2871.

Lisboa, 3 de Março de 1983

O JUIZ DE DIREITO,
a) João Alfredo Diniz Nunes

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
b) Abel da Silva Mendes

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Primeira Página: a consulta da Caixa

Telejornal lá vai singrando em seu novo formato mas com os processos velhos. Na prática, assistimos ao reforço da posição PSD e do silenciamento de importantes sectores da vida nacional.

Repare-se que o PSD saiu favorecido (se é possível ser mais favorecido...) com a inclusão dos noticiários em directo da Madeira e dos Açores. Repare-se que a emissão do Porto cobre uma extensa área de domínio PS-PSD. Repare-se que o noticiário de Lisboa lá vai arranjando maneira de relembrar os amigos — ontem foi Krus Abecasis. Repare-se que a emissão de Vila Real de Santo António, referindo-se apenas ao Algarve, cobre uma zona de predominância PS.

Entre Lisboa e o Algarve há uma vasta zona esquecida, autêntica terra de ninguém, como se o País sofresse solução de continuidade. Trata-se, por acaso, da zona da Reforma Agrária — e este «acaso» ilustra bem a opção de classe na política de Informação que, na RTP,

se confunde com a informação da política. O corpo do Telejornal cresceu. A alma, essa, mirrou.

Os meios democráticos...

Ainda é do noticiário proveniente do Porto que transpira alguma verdade popular no fluir da hora. Como é o caso da atenção prestada à luta dos trabalhadores da Vidreira da Fontela.

Assim aconteceu ontem. Assistimos ao «escândalo» do depoimento de um trabalhador, delegado sindical, que referiu os esforços feitos para solucionar o problema. Mas (são palavras suas) «ninguém nos recebe a não ser a polícia...».

E como os recebe a polícia, enviada pelo Governo? A resposta foi dada pelo comandante Almeida Bruno.

Contou que, chamada para evitar a ocupação do banco, a polícia foi vaiada pelos trabalhadores. Então como procedeu a polícia? Ouçamos a linguagem pitoresca do citado comandante:

«Os policiais intervieram com meios legítimos e democráticos...» (as reticências são minhas).

Na véspera, os heróicos trabalhadores da Vidreira da Fontela mostraram no corpo chagado as consequências da acção policial. O que eu não sabia era que, àquilo, se chamasse «meios democráticos».

Façam a repressão, senhores, mas não façam rir. Não se admitam piadas ao pé de trabalhadores que, há 11 meses, não recebem um tostão de salário.

À meia dúzia é mais barato

Primeira Página deu bodo aos pobres. Pouco mais de uma hora distribuída pelos cinco pequenos partidos da Assembleia da República. Uma espécie de consulta na Caixa lá do sítio.

Moralmente, o PPM não devia participar no debate dado que, ao longo destes três anos, os seus militantes nunca deixaram de lá ir, à sombra da AD. Algumas vezes, por exemplo, vi Ri-

beiro Teles a garantir que aquela coligação se encontrava de boa saúde — mesmo no preciso instante em que o padre já fora chamado para a extrema-unção. Vejamos algumas posições assumidas pelos representantes dos partidos.

Furtado Fernandes, da ASDI, afirmou que o seu partido estava mais longe do PSD social-democrata no programa, mas não na acção, e mais perto do PS, social-democrata na prática, embora não no programa.

António Galhordas, do MDP-CDE sublinhou a independência e a especificidade do seu partido, o seu carácter democrático forjado na tradição popular da luta antifascista. A sua ligação às populações vê-se no número, 600, de autarcas do MDP incluídos nas listas da APU.

Mário Tomé reivindicou para a UDP a orientação política das massas, sem dizer os meios com que conta para esse efeito.

Ribeiro Teles definiu o PPM como «um partido de vanguarda», procurou abafar a responsabilidade na gestão AD, muito embora Balsemão muitas vezes afirmasse que «a direcção era colegial». Guarde-se para a posteridade uma frase reveladora do perfeito devir histórico: «A ecologia conduz à dinastia.» Bravo!

Quando a Lopes Cardoso, foi visivelmente o que mais dificuldades sentiu em justificar a sua posição. Aliás, a sua posição foi só o que o preocupou. Da UEDS, nem palavra.

No seu «discurso», por vezes brilhante, também por vezes a inteligência tem colapsos.

Repare-se: ele também acha que uma aliança PS-PSD é má. Mas quem pode evitar essa aliança? O eleitorado. Como? Assim: se o eleitorado der a maioria absoluta ao PS, este já não terá necessidade de se aliar ao grupo de Mota Pinto...

Olhe, Cardoso, brinque lá com as suas opções, com as suas voltas e reviravoltas. Mas não brinque com a rapaziada, tá?

Hoje



Na RTP-1 desta noite, um programa intitulado Chico Total, com Chico Anísio (na foto)

Das 13.35 às 15.50 Ciclo Preparatório TV.

- 15.55 Transmissão directa da Basilica de S. Pedro, em Roma
- 18.20 Tempos dos mais novos
- 18.55 Tur/83
- 19.25 O Tempo
- 19.30 Telejornal
- 20.30 Querida Televisão
- 21.00 Chico Total. Com Chico Anísio
- 21.35 A Balada de Hill Street. Intérpretes: Daniel Travanti, Veronica Hamel e Michael Warren
- 22.20 Último jornal

2 RTP



Tóto, principal intérprete do filme «Tóto na Lua», que se exhibe na RTP-2

- 17.33 TV/2 Notícias
- 17.43 Tóto na Lua. Intérpretes: Tóto, Sylvia Koscina e Ugo Tognazzi. Realizador: Steno
- 19.30 Desenhos Animados «Top Cat»
- 20.00 Viagens através do Homem. «Homem: tempo zero»
- 20.30 Hoje convidamos. A presença dos «Trabalhadores do Comércio», e ainda o conjunto «Arte e Ofício»
- 21.30 Imagem das Letras
- 22.00 Jornal da Noite. Um resumo noticioso
- 22.20 Cabocla

Amanhã

1 RTP

2 RTP

10.00: Tempo dos mais novos
11.40: Os Cinco; 12.05: Charlie Brown;
12.30: Novos Horizontes; 13.00: Sumário;
13.10: Lúculos e Bróculos; 14.05: Tempo dos mais Novos; 14.30: Ela por elas; 15.30: Festa é Festa; 19.00: Espaço 1999; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.15: Semanário; 21.00: Dailas; 22.00: Alegro.

14.00: Troféu; 20.30: Cabra-Cega.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP

Chico Anísio (21.00)

2 RTP

Tóto na Lua (17.43)

...e sugere para hoje...

2 RTP

CABOCCLA (episódio n.º 115)

Neco manda dizer a Emerenciana que não vai falar com ela nem com Belinha. Joaquim fica contrariado com a partida de Luis. Zaqueu conta a Boanerges o discurso inflamado de Neco. Zé da Estação tenta consolar Zuca. Boanerges lê o telegrama de Joaquim e fica em pânico. Generosa diz a Tina que Tomé não a ama. Felício quase revela a Tomé quem lhe bateu. Zaqueu expõe a Chico a lição que ele e Nastácio pretendem dar em Ritinha. Boanerges é pressionado pelo delegado. Neco é aplaudido pelo povo. Luis chega a Vila da Mata e vai ver com Zuca.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Tel. 2112871

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

ESTREIA HOJE ÀS 21.30



FERNANDO Talvez PESSOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

encenação

ARTUR RAMOS

cenários

e figurinos

EMÍLIA NADAL

música

ANTÓNIO VITORINO

DE ALMEIDA

coreografia

FERNANDO LIMA

com:

(por ordem de entrada)

MÁRIO PEREIRA - SÃO JOSÉ LAPA - ANTONIO RAMA
ANTONIO BANHA - CARLOS FONSECA - VARELA SILVA
CURADO RIBEIRO - ROGERIO PAULO - RUI MATTOS
LUÍS PINHÃO - ANTONIO SARMENTO - ANTONIO ANJOS
IGOR SAMPAIO - CARLOS CABRAL

ATENÇÃO

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA
APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

MATINEE

ÀS SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16 H.
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

NA SALA EXPERIMENTAL
SÓ ATÉ DOMINGO DIA 27

«CRISÓTEMIS» DE YANNIS RITSOS
INTERPRETAÇÃO DE ROGERIO DE CARVALHO
INTERPRETAÇÃO DE FERNANDA LAPA

DE 3.ª A 6.ª FEIRA ÀS 21.45 — SÁBADO ÀS 16.30 E 21.45 H
DOMINGO ÀS 16.30 H

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70

TELEF. 88 63 00 (subMCC) (m/13)

— 3.º MÊS —



UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO

SÓ ATÉ 3 ABRIL

Textos de A. R. Chido Direcção Helder Costa

3.ª a SÁB. 21H30. DOM. (sáb) 18 H.

3.ª EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CINEMA

TEATRO Casa da Comédia EM CENA

A Marquesa de Sade

(representada na véspera do suicídio de Yukio Hishima)

ESPECTÁCULO DE FILIPE LA FERIA

De 4.ª a dom. às 21.30 h
Folga às 2.ªs e 3.ªs feiras
Marcações tel. 607299

Serviço de bar e minijantares a partir das 20 h

Sub. Sec.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença de exploração em Portugal da patente de invenção n.º 52 309, para «PROCESSO E APARELHO PARA A TRANSFORMAÇÃO EM ESFERAS NA ESCÓRIA DOS ALTOS-FORNOS E ANÁLOGOS».

Trata: CLARKE MODET & C.ª Ld.ª Patentes e Marcas Rua Castilho, 201 — 3.º Esq. 1000 LISBOA

6.ª e SÁB. às 21.30
DOM. às 16

ANASTAS

de JUAN BENET
Enc. de FERNANDO GUSMÃO COM

ANTÓNIO ASSUNÇÃO
UM MAGNÍFICO GRUPO DE ACTORES UM BELO CENÁRIO UM EXCELENTE ESPECTÁCULO

JOSÉ MANUEL DA NOBREGA
"O SETE"

GRUPO DE CAMPOLIDE ACADEMIA ALMADENSE

Tel. 275 21 75



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

roteiro cultural

Teatro

O V Grupo de alunos da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora apresenta nos dias 25, 26 e 27 do corrente, pelas 21.30, no Teatro Garcia de Resende (Sala da Escola) um exercício-espectáculo com a peça de August Strindberg «A Menina Júlia». Os alunos de V.º ano de escolaridade, que este ano estagiaram já com a companhia profissional do Centro e que interpretam a peça de Strindberg, são os seguintes: António Gonçalves, Glória Férias, Lélia Guerreiro e Pedro Hestnes Ferreira, que assina a cenografia. A encenação é de Luís Varela, director da Escola e encenador do C.C. de Évora, a técnica é assegurada pela equipa de confecção de guarda-roupa, carpintaria, luminotécnica e som do C.C.E. (Mestra Amélia Vaz, António Galhano, Carlos Marques e Joaquim Medina) e a música é do actor José Bessa.

«Afonso Henriques», pelo grupo «O Bando», continua em cena no Teatro do Bairro Alto, aos sábados e domingos, às 15.30 horas, até ao segundo fim-de-semana de Abril.

Uma festa de solidariedade para com «O Realejo», única companhia profissional de teatro do Porto não subsidiada pela SEC, realiza-se hoje, às 21.30, no Carlos Alberto. A festa contará com

significativas participações de artistas ligados à música popular e erudita, jazz, folk, rock, teatro, poesia, bailado, etc.

Música

A Orquestra Sinfónica do Porto e o Coro do Círculo Português de Ópera participam num concerto da Páscoa, promovido pela Câmara de Vila do Conde, que terá lugar na Igreja Matriz, às 21.30 do próximo sábado, 26. Será executada «A Paixão Segundo São João», de J.S. Bach.

O ciclo «Música ao Encontro da Gente», concertos promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa em colaboração com a Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa, prossegue hoje, às 18.30, na Estação do Rossio, com um recital em que interveem os coros do Grupo Desportivo do Banco de Portugal e de Santo Amaro de Oeiras.

Colóquios

O primeiro colóquio do ciclo dedicado ao centenário de Karl Marx, pela Universidade Popular do Porto, terá lugar hoje à noite no Auditório da Cooperativa Árvore e será orientado pelo dr. José Barata Moura, da Faculdade de Letras de Lisboa.

O Balanço crítico da produção literária portuguesa relativa ao ano de 1982, iniciativa do Centro Português da Associação Internacional



Uma cena de «A Menina Júlia», pelos alunos da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora

dos Críticos Literários e da Associação Portuguesa de Escritores, vai ser levado a efeito na sede desta última instituição (R. do Loreto, 13, 2.º), hoje e no próximo dia 28, às 21.30 horas. Estarão presentes os seguintes críticos:

Fernando Guimarães (poesia), Maria Lúcia Lepecki (ficção), E.M. de Melo e Castro (ensaio), Matilde Rosa Araújo (literatura infantil), Carlos Porto (teatro), Alberto Carvalho (comentário sociológico), João d'Almeida Flor (li-

vros traduzidos para português).

Exposições

Subordinada ao tema «A Mulher e os seus Direitos», está patente no átrio da Voz do

Operário uma exposição fotográfica, em cujo âmbito é hoje à noite projectado o filme americano «Norma Rae», seguindo-se debate orientado por Luísa Amorim e Ana Abel, do MDM, e uma dirigente sindical. Estas iniciativas inserem-se nas comemorações do 1.º centenário da Voz do Operário.

Uma exposição de pintura de Lino António Tudela foi ontem inaugurada na Galeria Arcano XXI, dirigida por Teresa Alçada e sita na Praça do Príncipe Real 32 r/c. Segundo a directora da Galeria, «no conjunto da exposição ressalta uma constante lírica. Dir-se-ia então que se trata, aqui, duma viagem através de outra realidade enriquecida de subjectividades poéticas, como se os materiais da própria vida e o manancial das experiências quotidianas encontrassem nesta arte um curso e uma foz».

Poesia de Raul Carvalho

Amanhã, às 16 horas, em Algés, na livraria-discoteca «Espaço», Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 51, frente ao «Primeiro Acto», o poeta Raul de Carvalho, cuja obra mais recente, «Mágico Novembro», já se encontra praticamente esgotada, fará uma leitura de poemas cujo objectivo é dar ao público uma visão global da sua obra, de ressonâncias originalíssimas na moderna poesia portuguesa.

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINIO ANODIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



COMERCIO E INDUSTRIA DE ALUMINIOS, L.D.A.

DIVISÓRIAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Aberto das 9 às 19 h

Rua Francisco de Holanda, 28A

Telef. 777488 - 776323 - 1100 Lisboa

Fábrica - 9801203

Almada - 2755743 - 2755806

rádio

17.00: «Zghibz» (Tranquilamente ao entardecer na Antena Um); 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: «Informação e música»; 20.00: Folhetim: «Criato re-encrucilhado», original de Nikos Karantzaki; 20.15: «Espaço é seu»; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: «Viva a noite»; 23.30: Último jornal; Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas

PROGRAMA 2

15.30: Série: música Norueguesa; 16.30: Música de Bach: Concerto em Mi Maior, BWV 1042; 16.50: Momento de poesia: poemas de Castro Alves; 17.00: Gravações históricas; 17.30: Música de bailado: 1.º acto do bailado «O Diabo a Quatro», de ADAM; 18.05: «Culturando», diário de actualidade cultural; 19.30: Intérpretes Portugueses; 20.00: Sinal Horário Noticiário; 20.10: Ele-méride: Jean Calude Achille Debussy, faleceu em Paris a 25 de Março de 1918; 20.45: Transmissão directa do teatro nacional de S. Carlos da Ópera «Os contos de Hoffmann», de Hoffenbach; Notícias de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL

ONDA MÉDIA

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Concerto de telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Música para meditar; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Osom da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RENASCENÇA

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das Regiões; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar (inclui «Portugal Experiência Histórica»); 23.00: Última Hora; 23.55: Meditando; Notícias intercalares todas as horas

REDE SUL DE FM

15.00: Duas vezes seis; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Paju

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13695

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. Espaço de doze meses. Costume.
- 2 Mau cheiro. Densos.
- 3 Frincha. Da Arábia.
- 4 Vaguear. Senhor.
- 5 Rio da Sulca. Zomba. Vendem a crédito.
- 6 Clariidade. Época. Composição poética.
- 7 Informações. Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel.
- 8 Branqueamento. Solitários.
- 9 Tempo do verbo haver. Antigo superior de convento. Cento e um em romano.
- 10 Alteza Real. Autores. Arrastar.
- 11 Alternativa. Dão mios. Apellido.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9545

HORIZONTAIS:

- 1 Erva rasteira. Rebolar.
- 2 Movos remos. Tremi com frio.
- 3 Afaster.
- 4 Demora. Nome de homem.
- 5 Amerício (s.q.). Artigo definido. Moderato. Item.
- 6 Preposição. Rio da Sibéria. Eis!
- 7 Letra grega. Despido.
- 8 Átomo. Guindastes. O mais.
- 9 Cólera. Rã (pop). Ruténio (s.q.).
- 10 Ladrão do mar. Fazes doação de.
- 11 Lavram. Misturo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13694

HORIZONTAIS

- 1 Ramas. Isara.
- 2 Alapa. Saris.
- 3 Talai. Irão.
- 4 O Roldo.
- 5 Sam. Ao MAL.
- 6 Rema. Raiz.
- 7 ATRAI. Om. Ar.
- 8 Tecl. O. Arto.
- 9 Asia.
- 10 Ardósias. Mo.
- 11 São. Am. Amar.

VERTICAIS

- 1 Ratos. Atuas.
- 2 Ala. Arte. Ra.
- 3 MAL. Mercado.
- 4 Apar. Mai.
- 5 Saio. Ai. USA.
- 6 Ia. Im.
- 7 Isidoro. Aa.
- 8 Saro. Amassa.
- 9 Ara. Mi. Ri.
- 10 Rio. Azáfama.
- 11 As. El. Ro. Or.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9544

HORIZONTAIS

- 1 Vitemberg.
- 2 Aral. Omar.
- 3 Armamos.
- 4 Ada. Sam.
- 5 Nata. Atraca.
- 6 Acuda. Lar.
- 7 Asa. Ira. RR.
- 8 Cr. Lua. Muge.
- 9 Aram. Rei. At.
- 10 Cama. Arga.
- 11 Os. Maomé.

VERTICAIS

- 1 VA. Ano. Caco.
- 2 Irada. Arrás.
- 3 Taratas. Am.
- 4 Ela. Acalmas.
- 5 Ru.
- 6 Bom. Adaram.
- 7 Emotrar. Era.
- 8 Rasar. Amigo.
- 9 Gr. Mai. Am.
- 10 Carga.
- 11 VA. Carreta.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO **UM BANCO MODERNO**

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (randi)	73\$90	79\$90
ALEMANHA FED (marco)	39\$70	40\$80
AUSTRIA (xelim)	5\$55	5\$75
BELGICA (franco)	1\$828	2\$028
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$160
CANADA (dólar - notas de 1 e 2, notas de 5 a 1000)	77\$90	79\$90
DINAMARCA (coroa)	78\$40	80\$40
ESPAÑA (peseta)	11\$15	11\$55
EUA (dólar - notas de 1 e 2, notas de 5 a 1000)	\$671	\$791
FINLÂNDIA (marka)	95\$70	97\$70
FRANÇA (franco)	96\$20	98\$20
INGLÂNDIA (libra)	17\$50	18\$10
IRLÂNDIA (libra)	13\$25	13\$95
ITALIA (lira)	35\$35	36\$35
JAPÃO (yene)	140\$25	144\$25
NORUEGA (coroa)	125\$90	129\$90
SUECIA (coroa)	\$060	\$070
SUIÇA (franco)	\$051	\$066
VENEZUELA (bolívar)	\$367	\$402
	13\$30	13\$80
	12\$70	13\$30
	46\$25	47\$35
	9\$45	10\$45

Observações

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Int. men. 13 a.
A FACE DO PODER

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
007 O AGENTE IRRESISTÍVEL

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men. 18 anos
OS GRANDES COMBATES

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
15.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Falado em português
Para todos
DUMBO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.00, 18.30
- Int. men. 13 a.
PERIGO IMINENTE
4.ª Semana
Às 21.30
TOOTSIE
- QUANDO ELE ERA ELA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES

Às 24.00
BATALHA ALEM DAS ESTRELAS

CITY CINE .49999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
Às 23.45
ESQUECER VENEZA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
- Int. men. 13 a.
9.ª Semana
Às 24.00
PINK FLOYD - THE WALL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
SHALIMAR

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos
A GRANDE PARÓDIA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 16 anos
A FÚRIA DO HERÓI

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Para Todos
Les Charlots vão à inspecção militar e começam as grandes barricadas!
OS MALUCOS DA CASERNA
Às 24.00
NUCLEAR NÃO OBRIGADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
FUGA PARA A FELICIDADE

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
5.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
ATOR - A ÁGUIA INVENCÍVEL

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
BELEZAS SELVAGENS DA IBIZA
Às 18.15 e 24.00
O GATO E O CANÁRIO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
A FÚRIA DO HERÓI

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ESTRANGEIRA
Às 24.00
PEDRO O LOUCO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 21.30
Int. men. 18 anos
BIG-BOSS O IMPECÁVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
DEMÉTRIO, O GLADIADOR



A ESTRANGEIRA, um filme português de nível internacional em exibição no NIMAS

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
14, 15.45, 17.30, 19.15, 21, 22.45
FIM DE SEMANA SANGRENTO

Às 00.15
BYE, BYE, BRASIL

SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE

Às 24.00
CANTOS E LENDAS

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL

Às 24.00
BLOW OUT

SALA 4
Às 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO
Às 00.15
O QUARTO VERDE

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANJO
4.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
7.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
11.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
11.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Às 24.00
O TRIÂNGULO DIABÓLICO DAS BERMUDAS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
Domingo às 11.15 h
FESTIVAL POPEYE
Para Todos

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14 C

Às 15, 18.15 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
29.ª Semana

TERMINAL

Estação do Rossio

Às 21.30 e 23.30
TOOTSIE
(QUANDO ELA ERA ELE)

TIVOLI

Av. da Liberdade, 158

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
Falado em português
DUMBO

VOX

Av. F. Miguel Contreras, Lote 379

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS

XENON

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30
- Int. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA SANGRENTO
1.ª Semana
O ÚLTIMO TUBARÃO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «Sexo alucinante» (18 anos)
Sessões permanentes
CAPITÓLIO - «Os Bombeiros do sexo», às 21.00 e 23.00 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO - «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)
RESTELO - «O círculo da mentira», 21.30 (13 anos)
ZODIACO - «O Mistério da ilha dos Monstros», 21.30 (13 anos)
2000 - «O vulcão», 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Violentos profissionais», 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Shaolin desafia Ninja», 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «O Homem das lentes mortais», 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Noites escaldantes», 21.15 (18 anos)
OEIRAS - Oeiras cine - «O Círculo da mentira», 21.15 (18 anos)
PAREDE - Royal Cine - «Os Bons e os maus», 21.30
ESTORIL - Casino - «O Bar da última esperança», 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «3 Homens a abater», 21.30 (18 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL - Cineândia - «Noites escaldantes», 21.15 (18 anos)
CASCAIS - Impala - «Loucamente apaixonado», 21.30 (6 anos)
CASCAIS - Oxford - «Pecado de limão IV», 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Os deuses devem estar loucos», 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Assim nasce um herói», 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Vitor, Vitoria», 21.30 (13 anos)
CACEM - Cine Estúdio Flores -

«Carne para Frankenstein», 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - «Sexta-feira 13» - 2.ª parte 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Um agente muito especial», 21.30 (13 anos)
ERICEIRA - Cinestúdio - «Cronica da mais velha profissão do Mundo», 21.15 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «007 - Missão ultra-secreta», 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «E.T. o Extraterrestre», 21.15 (6 anos)
ALMADA - Cine Estúdio - «E.T., o Extraterrestre», 21.30 (6 anos)
COSTA DA CAPARICA - Sílène - «Os piratas», 21.30 (6 anos)

Porto

BATALHA - «Onde se meteu a 7.ª Companhia», 21.45 (6 anos)
ESTÚDIO - «Sombras brancas», 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO - «Romance em Nova Iorque», 21.00 (13 anos)
JULIO DINIZ - «Uns e outros», 21.30 (13 anos)
ÁGUIA - «Dombo», 21.45 (6 anos)
BEBÉ - «Vol-licença precária», 21.45 (13 anos)
OLIMPIA - «Contra-ataque», 21.30 (18 anos)
RIVOLI - «O soldado», 21.30 (18 anos)
COLISEU - «A fuga do herói», 21.30 (18 anos)
TERÇO - «Um novo amanhecer», 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L - «A Estrangeira», às 21.45 (13 anos)
FOCO - «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «O Veredito», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «Papuça e dentuça», 21.45 (6 anos)

Lisboa

ALFAMA-SÃO TOMÉ - Ziler - Rua São Tomé 54-56 (Tel. 862835); **AREIRO** - Lusitânia - Av. de Roma 18 A (Tel. 885443); **AV. D. RODRIGO DA CUNHA** - Aeroporto - Av. Alm. Gago Coutinho 101 D (Tel. 882384); **BENFICA** - 2.ª Circular - Benflicuz - Est. de Benflica 444 A (Tel. 782608); **BOA HORA** - Boa-Hora - Rua dos Quinze 25-27 (Tel. 637777); **CAMPOLIDE-ÁGUAS LIVRES** - Ruaito - Rua Alto do Carveleiro 5 B (Tel. 651721); **JARDIM CONSTANTINO** - Portugal - Rua Rebelo da Silva 11-13 (Tel. 543340); **JANELAS VERDES** - Reis Garrido - Rua das Janelas Verdes 90 (Tel. 662327); **LUMAR-Q. DAS MOURAS** - Matos Viegas - Av. Rainha D. Amélia 34 B (Tel. 794174); **MADRE DE DEUS** - Romana - Rua Actor Augusto Melo 7A (Tel. 383800); **OLIVAIS SUL** - Lemos -

teatros

Lisboa

ACADEMIA ALMADENSE - Grupo de Campolide - «Anastas», 21.30 (13 anos)
COMUNA - «A Castro», 21.45 (13 anos)
D. MARIA II - «Fernando talvez pesse», 21.30 (13 anos)
D. MARIA - Sala Experimental - «Cristótemis», 21.45 (13 anos)
A BARRACA - «Um dia na capital do Império», 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO - «Oratória», 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Sem rei nem rock», 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES - «Há mais saos verdes», 20.30 e 23.00 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA - «A Marquesa de Sade», às 21.30 (13 anos)
PRIMEIRO ACTO - «Vigília Especial», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «O Suicídio», 21.30 (13 anos)
ABC - «E Sempre a Aviar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Rua Cidade da Beira Li 19 (Tel. 331692); **PAMPULHA** - Hospital da CUF - Clac. do Sacramento (T. 609111); **SALDANHA** - HOTEL SHERATON - OLIVEIRA Viegas - (Rua Viriato 29-29 A (Tel. 548966); **ALGÉS** - Miramar - Rua Ernesto da Silva 83 (Tel. 2112048); **ODIVELAS** - Castelo Tinhas - Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes 29 A (Tel. 915448); **PONTINHA** - Leitão Ribeiro - Rua A do Falcão 3 A (Tel. 983912).

REFORÇO

BAIXA - Americana - Calçada de Santana-1 (Tel. 863984); **CALVÁRIO** - Monge - Rua dos Lusíadas 30-32; **CAMPO GRANDE-AV. BRASIL** - Rainha Santa - Rua Afonso L. Vieira 57 B (Tel. 785262); **CHILE-ALTO S. JOÃO** - Veral - Rua Morais Soares 109-111 (Tel. 821732); **ESC. POL-SÃO BENTO** - São Marçal - Rua São Marçal 100-102 (Tel. 325318); **EST. UNIDOS-A CX PREVIO 38** - Colta - Rua Moura Girão 3 B (Tel. 890621); **PICHELEIRA** - Mariz - Cq. da Picheleira 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes (Tel. 880703); **POÇO NEGROS** - Modellar - Lg. Dr. Ant. Sousa Macedo 7 (Tel. 608896); **PRAZERES** - União - Rua Saraiva Carvalho 145 F (Tel. 663643); **REGO** - Prates e Mota - Rua Beneficência 91-93 (Tel. 773728); **SALDANHA** - Avenidas - Av. da República 27 A (Tel. 533688); **VALE DE ST. ANTÓNIO** - Santo António - Rua Leite Vasconcelos 72 C (Tel. 862333); **BRANDÃO** - Tavares Matos - Rua 8 Lote 308 (Tel. 993220); **BURACA** - Vaz Martins - Rua António Ferro 6 A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO** - Nova - Rua Apores 11 A (Tel. 910305); **PRIOR VELHO** - Matos - Tv. Priors (Tel. 2514439).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães, L. Duarte, lote A-r/c (Tel. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ** - Carvalho, B. João P. Corr. 40-B (Tel. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO-SALVO** - Ferreira Bas-

tos, R. D. Firmino Reb. (Tel. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Vilar, Av. M.ª Conceição, lote 8 (Tel. 2470777). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira, Av. Sabola, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz, até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Paragana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 243517). Até às 22 horas; **OEIRAS** - Oeiras, P. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485). Permanente; **PARADEIRA** - Alair, Av. Gago Coutinho - B.ª Calças Previdência (Tel. 2472948). Permanente; **S. JOÃO DO ESTORIL** - S. João, Quinta da Carreira, lote 29-A (Tel. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOELROS** - Amaral Semblano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA** - Madeira - Até às 22 horas; **ABRANTES** - Viv. Maria Carlos Anj. (Tel. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS** - Nova, Est. de Alvide - Fontainhas (Tel. 281044). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA - Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboloira (Tel. 938424). Permanente; **AMADORA** - Conflança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149). Até às 22 horas; **DAMAIA** - Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121). Permanente; **QUELUZ** - Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE** - Mendonça-Apelção, até às 19 horas; **CACÉM** - Guerra Rico, Entre Lotes, 6 e 7 - Freixo Capitão (Tel. 9244002). Permanente



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos

RUA LUZ BOMANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 3211445 - 320719/2

TELEFAX: 3211445 - 320719/2

Horário de trabalho: das 9h às 17h

Depósito Legal n.º 1426/82

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico: DIBOA

Telex: 12353 LISBOA PORTUGAL

DELEGACÃO DO PORTO

Rua da Almeida, 50-2 - 4000 PORTO

Telefones: 2225475

Depósito Legal n.º 1426/82

Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA

Telefones: 321 00 322204-320784



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREJÁ-MAR		BAIXA-MAR	
0.07	3,6 m	6.11	1,2 m
12.47	3,6 m	18.29	1,3 m
Dia 26			
1.06	3,9 m	7.05	0,9 m
13.39	3,9 m	19.19	1,0 m

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS

Viana do Castelo	9°
Bragança	4°
Vila Real	6°
Porto	08°
Penhas Douradas	-2°
Coimbra	7°
Cabo Carvoeiro	11°
Portalegre	5°
Lisboa	10°
Évora	7°
Beja	7°
Sagres	13°
Faro	11°
Ponta Delgada	12°
Funchal	14°

Últimas

“Setes de Ouro” já têm dono

José Afonso, «Prémio Especial», e Júlio Isidro, «Prémio de Popularidade», foram dois dos dezoito da música, televisão, rádio (arte) e desporto, contemplados pelos galardões do nosso colega «Sete», que aos prémios deu o nome de «Sete de Ouros».

Os «Sete de Ouros» relativos ao ano findo, arribados a figuras destacadas da vida artística e desportiva nacional, há dias, reuniram em ameno convívio, cerca de duzentas pessoas, durante três horas, na noite «His-per's».

Os nomes dos premiados como aconteceu em 1982, só foram conhecidos no decorrer da festa. E para esta foram convidados premiados e não só. O conhecido locutor e apresentador, ele próprio premiado, anunciou os vencedores com Ana Pereira da Silva. E foi chamando (premiado e convidado para a cerimónia de entrega de cada prémio): Ballet Gulbenkian (pelas «Danças para Uma Guitarra»), João Botelho, Maria de Medeiros, Luís Miguel Cintra...

E mais: Rosa Mota, Carlos Lopes (figuras do nosso atletismo), Maria João Pires, Rão Ryão, Eugénia Melo e Castro, Fausto, Rui Veloso, a equipa dos programas «Pão com Manteiga» e «Contra-Ataque», Carlos Cruz, João Mota, Irene Cruz, Júlio Isidro e Mário Viegas.

Foram estes os premiados mais o «Especial» para José Afonso, e aqueles outorgados por um júri alargado de meia centena de pessoas, além do «Popularidade», que coube a Júlio Isidro. O «Especial» foi assumido pela redacção do «Sete», enquanto os leitores do nosso colega votaram Júlio Isidro para o «Popularidade».

Lurdes Pintasilgo representa Eanes na Conferência da Linha da Frente

O Presidente Ramalho Eanes recebe esta tarde diversas personalidades participantes na Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente (CISELF): às 15.30 terá uma audiência com o ministro tanzaniano dos Negócios Estrangeiros, Salim A. Salim; às 16.30 receberá, em audiência conjunta, o vice-ministro do Poder Local do Botsvana, Jameson L.T. Mothibamele, o Chefe E.C. Anyakou, nigeriano, secretário-geral adjunto da Commonwealth, o ex-primeiro-ministro da Zâmbia e membro do CC do Partido UNIP, D.M. Lisulo, e o secretário-geral do Partido Basotho e ministro do Desenvolvimento Rural do

Lesotho, V.M. Makhele; finalmente, às 17 será recebido o ministro dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Conakry.

Não está previsto na agenda do PR qualquer encontro com os ministros dos Negócios Estrangeiros de Moçambique e Angola, respectivamente Joaquim Chissano e Paulo Jorge.

Lurdes Pintasilgo representará Eanes

Ontem o general Ramalho Eanes recebeu uma delegação portuguesa de apoio à CISELF, constituída pelo tenente-coronel Vítor Alves, presidente da Comissão Interna-

rência, pelo vice-presidente, Silas Cerqueira, e pelos deputados do PS José Manuel Galvão Teles e Aquilino Ribeiro Machado.

A delegação convidou o PR a fazer-se representar na sessão inaugural, que decorrerá esta tarde, pelas 18 horas, no Teatro São Luiz. Eanes aceitou o convite, e delegou a representação na engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, que será uma das oradoras da sessão.

A cerimónia no Teatro São Luiz constará de duas partes: entre as 18 e as 20.30 decorrerá a sessão solene inaugural, com intervenções das seguintes personalidades, além da já acima referida: tenente-

-coronel Vítor Alves, Joaquim Chissano (Moçambique), Frederick Shava (Zimbábue), U.M. Mothibamele (Botsvana), Salim A. Salim (Tanzânia), Paulo Jorge (Angola), D. M. Lisulo (Zâmbia), V.M. Makhele (Lesotho) e dos presidentes da SWAPO (Sam Nujoma) e do Congresso Nacional Africano (Oliver Tambo).

Às vinte e uma e trinta iniciará a sessão plenária de abertura, com discursos do presidente da CISELF, dos chefes das delegações dos Estados da LF e presidentes dos movimentos de libertação. Serão igualmente lidas mensagens de chefes de Estado.

Presidente da CISELF eleito esta tarde

Esta tarde, entre as 15 e as 16 horas, decorre uma reunião da Comissão Internacional Preparatória e dos chefes da delegação, no decurso da qual serão eleitos o Presidente da Conferência, a Comissão Directora e os Responsáveis das Comissões.

Além disso, aprovar-se-á o regulamento.

O dia de amanhã será totalmente preenchido com os trabalhos das Comissões, com início às 9 horas e encerramento às 23.

São três as comissões: político-militar; jurídica e de ajuda política e material e cooperação económica.

Chissano contacta com o Governo português

«Aproveitarei esta deslocação a Portugal para manter contactos de carácter bilateral com o governo de Lisboa», declarou Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, à sua partida do Maputo para a capital portuguesa. Segundo Fernando Lima, da AIM, Chissano declarou também que «ainda não existem datas» para o envio de um novo embaixador do seu país para Portugal.

Chissano que partiu do Maputo para Lisboa, acompanhado do presidente do CNA, Oliver Tambo, para participar na CISELF, aludiu também a questões directamente relacionadas com a Conferência, declarando que «Portugal é um país europeu e ocidental,

que está bem situado para ser ponto de partida para o esclarecimento da Europa sobre o que se passa na África Austral».

O ministro moçambicano considerou que Portugal «é um país com muita experiência» e que a Conferência será de grande utilidade para o esclarecimento da opinião pública portuguesa e europeia.

«Há muita ignorância na Europa sobre o que se passa na África Austral e Portugal tem sensibilidade. De facto, nós temos feito muito pouco para divulgar mais a nossa realidade, mas outras iniciativas se seguirão», disse Chissano.

O diplomata da RPM reafirmou o desejo de coexistência pacífica na região, expresso

esta semana pelo presidente Samora Machel no decurso dos trabalhos da Assembleia Popular.

Contra as falsas afirmações

«Nós queremos coexistência mas o que é facto é que ela não existe. A realidade é bem diferente», comentou.

Chissano foi particularmente incisivo face às declarações que têm vindo a lume em Lisboa, segundo as quais a Conferência estaria subordinada aos desígnios soviéticos para a África Austral: «Se fosse para defender interesses de terceiros, eu não ia à Conferência. Nós temos boas relações com quase todos os países do mundo, e não preci-

samos de ir a Lisboa para tratar de problemas que não sejam os relacionados com a Conferência. Pensamos que a Conferência serve os interesses da África Austral», declarou, peremptório, o ministro Joaquim Chissano.

Por sua vez, num breve improviso antes da partida, Oliver Tambo mostrou-se esprezado em que a Conferência possa trazer novo alento às lutas que se travam no Sul do Continente para a eliminação do regime do «apartheid».

«É importante conseguirmos a mobilização internacional que facilite as nossas tarefas de total libertação da África Austral», declarou.

Oliver Tambo apelou para que seja concedido um maior apoio aos países que são alvo

das agressões do regime sul-africano, apoio extensivo aos movimentos de libertação da Namíbia e da República da África do Sul.

Por outro lado, não existe ainda qualquer data marcada para um encontro entre o ministro Joaquim Chissano e o ministro português dos Negócios Estrangeiros — foi-nos dito esta manhã por aquele departamento governamental, ao qual pusemos telefonicamente a questão. A hipótese de tal encontro surge, no entanto, como quase certa.

Quanto a eventuais encontros do ministro português dos Negócios Estrangeiros com outros participantes na CISELF, foi-nos dito que nada está agendado, embora seja hipótese a não afastar.

Ainda a Conferência Internacional de Lisboa

Continuação da pag. 1

uma maioria de má consciência — corresponder aos deveres de hospitalidade da Capital do Portugal de Abril. Não soube colocar-se acima de questões políticas e de cálculos de rasteiro eleitoralismo. E, em muitos casos individuais ou na atitude oficial de forças políticas, a política africana de interesse nacional terá sido prejudicada, sacrificada a um antieanismo que é inconveniente e que é ridículo.

Não é difícil prever que tendo decidido receber os representantes de Estados Africanos e fazer-se representar pessoalmente na abertura da Conferência, o Presidente da República

general Ramalho Eanes vai ser atacado, denegrido, caluniado.

Custa pensar que intrigas contra a Conferência, ataques e calúnias, mesmo quando veiculadas por partidos políticos, são directamente inspirados, aconselhados, impostos. Mas em contraste com uma certa inconsciência política, é justo sublinhar que a consciência profissional do ministro dos Negócios Estrangeiros se propõe salvar, de algum modo, a errada atitude de um Governo demissionário que, apesar de muita declaração produzida, parece ter-se demitido, igualmente, do dever de acautelar os interesses de Portugal na África Austral.

Assembleia Municipal limita direitos do público

O regimento da Assembleia Municipal «tolera» a presença e participação do público mas limita-lhe a intervenção, no final dos trabalhos, ao pedido de esclarecimentos sobre os temas abordados na sessão.

O estatuto conferido aos eleitores foi o resultado da imposição da maioria de direita, que rejeitou as propostas contrárias no sentido de que o público tivesse o direito de intervir sobre as suas preocupações, sem ser obrigado a seguir as sessões.

A disposição a que nos referimos ficou assim consagrada no novo regimento da Assembleia Municipal que foi discutido ao longo de várias sessões. Ontem aprovado, entrará hoje mesmo em vigor, embora a sua utilidade só possa ser apreciada na próxima reunião, a 28 de Abril.

Os termos em que decorreu a aprovação deste novo regimento têm a marca que a AD em maioria lhes imprimiu e que geraram tomadas de posição constantes e improficuas, tanto da parte da APU, como por vezes do próprio PS.

A APU, de resto, tomara ontem uma posição de conjunto sobre o novo regimento, sob a forma de declaração de voto, que concitou o de-

sagrado dos homens da AD, desde o CDS ao PPM. As vaias e os insultos que partiam da direita são exemplo típico, incluindo a falta de respeito, mais uma, pelo tal público presente na sala.

«O debate travado permitiu uma definição clara das intenções dos partidos reaccionários e do PS neste órgão autárquico», diria o porta-voz da APU, na leitura da sua declaração de voto.

A referência aos «reaccionários» levantou o desagrado dos eleitos da AD, que finalmente reagiram ao adjectivo. E daí até aproveitaram para mais um saltinho ao bar...

Os objectivos da AD ao aprovar este novo regimento seriam resumidos, na mesma declaração de voto, do seguinte modo: pretendem «transformar a Assembleia em mero selo branco das decisões da Câmara» e «restringir a discussão, o âmbito e o funcionamento da Assembleia Municipal».

Apesar da «nuance» inicial, o PS também viria a ser englobado nos ataques daquela coligação: «Que os partidos reaccionários têm horror à discussão dos problemas do povo da cidade, já sabíamos. Surpreendemo-nos, porém, que o PS tenha dado o

seu voto a alguns destes graves atentados à democracia, à liberdade, contribuindo para que este regimento seja pior do que o anterior».

Uma declaração de voto do PS procuraria por sua vez justificar o sentido das votações, umas vezes pela esquerda outras pela direita. Os interesses dos eleitores e as próprias concepções partidárias bastam para

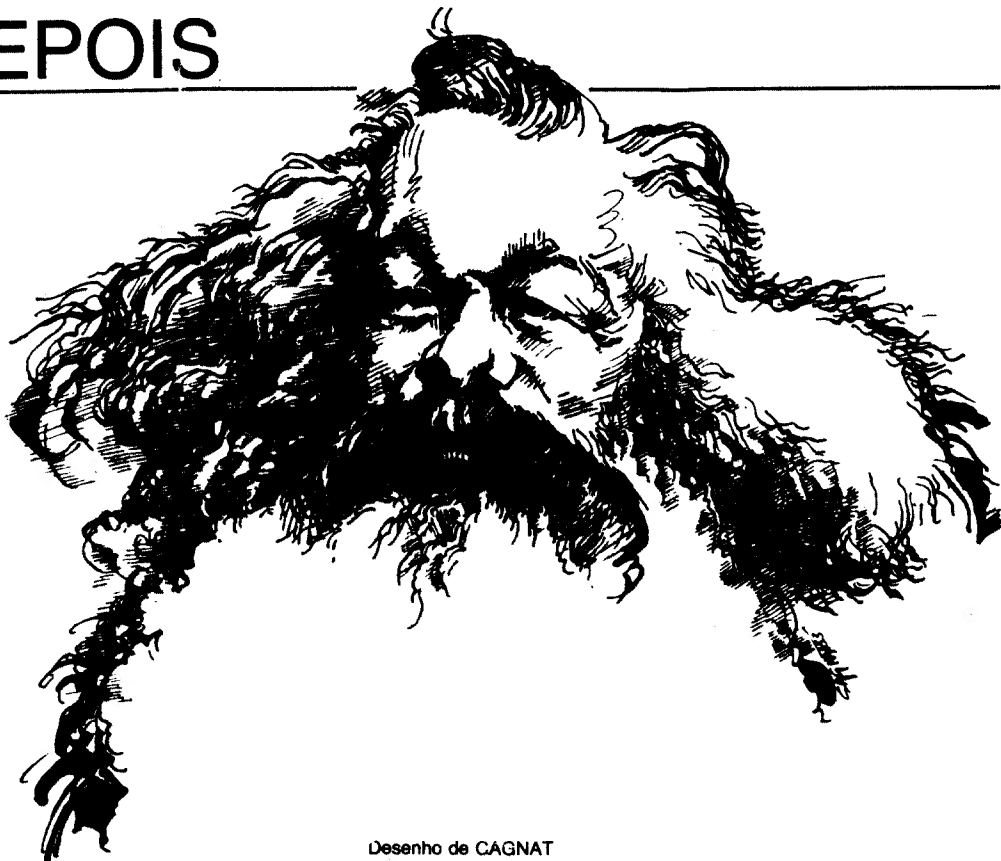
explicar as posições dos eleitos pelo Partido Socialista.

Uma nota final: o presidente em exercício proibiu ontem a abertura do bar, enquanto se encontravam em funções. Era uma concorrência desleal às discussões e dava um trabalho estar sempre a chamar os eleitos da AD quando era preciso votar...

EM 31 DE MARÇO
LOTARIA DA PÁSCOA
60.000 CONTOS
Por 4.800\$00
CASA COSTA
75, Rua S. Paulo, Lisboa

KARL MARX CEM ANOS DEPOIS

Tormentos e lutas de Marx reflectidos nas suas cartas



Desenho de CAGNAT

Marx faleceu a 14 de Março de 1883. Neste aniversário foram publicados diversos livros a seu respeito, entre os quais as biografias da autoria de Arthur Conte e de Franz Mehring e um tomo de Correspondência. Ao cabo de cem anos, que poderemos nós dizer ainda sobre Marx? Ele vai mais uma vez suscitar, decerto, os mais contraditórios comentários. Haverá quem o acuse de ter criado o pior e haverá quem, para o elogiar, atinja os excessos da devoção. A figura de Marx provoca em toda a parte os mais variados juízos. Estranho destino o de um pensador que negava ser marxista e que, sem dúvida, o não era na mesma medida em que também Descartes não era cartesiano.

O tomo IX da *Correspondência de Marx e de Engels* (Julho de 1867 - Dezembro de 1868) vem, neste ano em que se completam cem anos sobre o falecimento de Marx, a tempo de nos dar uma imagem in vivo desses Castor e Pollux do movimento operário internacional.

A publicação do primeiro livro de *O Capital*, a actividade de Marx no conselho geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, as suas lutas com os proudhonianos, os lassallianos e também já com Bakunin constituem a trama deste intercâmbio epistolar. No plano da vida quotidiana estão notavelmente pre-

sentes as dificuldades de saúde e de dinheiro de Marx, cujo agregado familiar só consegue subsistir graças à fraterna generosidade de Engels, a sua afeição pelas filhas, atacadas de escarlatina, e, quanto a Laura, o seu noivado com Paul Lafargue. No plano histórico, temos a questão irlandesa, a questão polaca e o problema de saber se haverá perigo de guerra entre a França de Napoleão III e a Prússia de Bismarck.

Nada falta neste quadro, nem sequer a tema solicitude da esposa, Jenny, que escreve a Kugelmann acerca do *Capital*: «Raras vezes terá um livro sido escrito no meio de tantas dificuldades, e neste capítulo eu poderia escrever uma história secreta que revelaria um grande nú-

mero, um número infinito de relações, de angústias, de tormentos. Se os operários tivessem a mínima noção dos sacrifícios que foi preciso fazer para levar a bom termo esta obra, este livro que só para eles e no seu interesse foi escrito, mostrariam, certamente, mais interesse por ela.» Isto está, evidentemente, muito longe daquela imagem de «Marx como burguês alemão» que há anos foi oferecida ao público.

A Primavera do movimento operário

Por outro lado, diversas cartas mostram que Marx era energicamente hostil a todo e qualquer «culto da personalidade». De facto, recusou o título de presidente do conselho geral da In-

ternacional, que alguns lhe ofereceram, e impediu até que tal presidência fosse criada. Queria ser apenas, nesse conselho geral, secretário para a Alemanha.

Para o historiador, é extremamente estimulante o registo das numerosas concordâncias entre a correspondência de Marx e as actas das sessões do conselho geral da Internacional. Pode-se, através delas, observar a preocupação de Marx, de Engels e dos seus amigos de evitar toda e qualquer burocrática personificação das funções dos dirigentes do movimento — aspecto este em que eles se distinguem dos lassallianos, dos bakuninistas e do próprio Bakunin.

Uma certa simplicidade de estilo e de tom das cartas trocadas, a qual não exclui nem a saudável rudeza para com os adversários nem a franca amizade que ligava Marx e Engels, revela hábitos de uma profunda honestidade que nessa época eram correntes e hoje são já mais excepcionais. No conselho geral da Internacional, o tratamento era de «cidadãos» e não de «camaradas». Mas a camaradagem era, sem dúvida, mais frequente e mais

forte que em tempos ulteriores. E um pouco da Primavera do movimento operário revolucionário que nos é apresentado ao correr da *Correspondência* de 1867-1868.

Em resposta a uma pergunta do economista Danielson, de S. Petersburgo, Marx declara: «Pessoalmente, não tenho nenhuma colecção dos meus escritos em várias línguas, impressos em vários locais. A maioria deles não está disponível nas livrarias». E, a seguir, redige uma «breve notícia» sobre a sua «actividade político-literária». Elementos preciosos para se compreender a visão que ele tinha dessa actividade.

Com efeito, Marx enumera as suas principais obras relacionando-as resumidamente com os diversos momentos da sua vida de militante revolucionário.

Assim, em nossa opinião, para compreender Marx não se deve tratá-lo apenas como autor de um certo número de livros, segundo a tendência que se observa nas nossas universidades. Na verdade, Marx, depois de doutorar-se em filosofia, optou

por uma via diferente da carreira docente a que poderia ter aspirado. Do comité central da Liga dos Comunistas ao conselho geral da I Internacional, essa via foi a da construção do partido operário na perspectiva da revolução proletária. De modo que as obras a que Marx, modestamente, chama os seus «escritos» só tiveram, para ele, importância em relação com as lutas que ele procurava exprimir, esclarecer e organizar.

O tomo IX da *Correspondência* põe em evidência essa estreita relação entre o pensamento e a acção que deu ao marxismo a sua força revolucionária e lhe permitiu sobreviver a diversas deformações e perversões.

PIERRE FOUGEYROLLAS

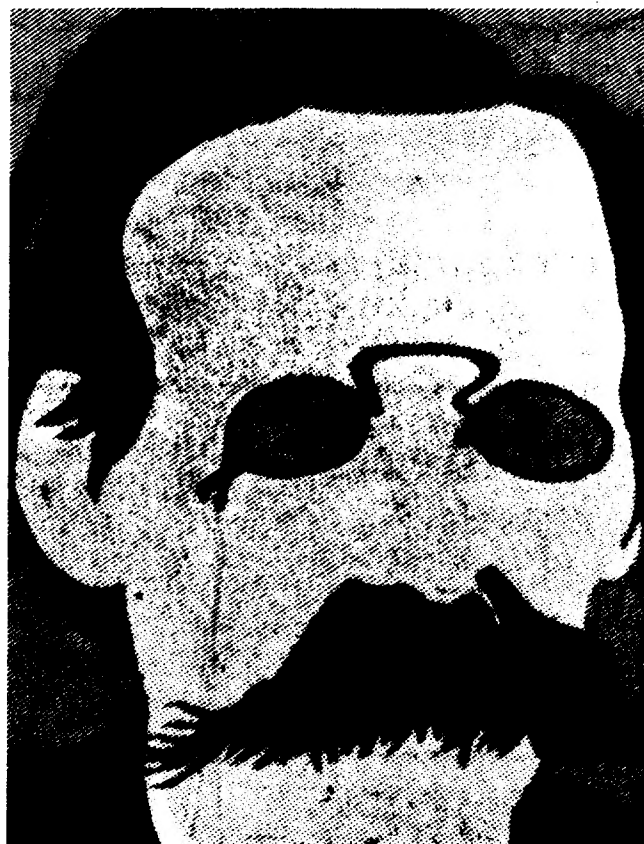
**Correspondence de Marx et de Engels*, tomo IX, Messidor, Éditions Sociales, 479 p., 100 f. Traduzida do alemão por Paul Laveau e Jean Wetzler.

As Éditions Le Sycomore vão publicar brevemente um ensaio de Henri Nadel: *Marx et le salariat* (224 p., 79 f.).



Maqueta do gabinete de Karl Marx onde trabalhou de 1863 a 1875. (Museu de Marx e Engels em Moscovo)

Cecília ou um livro de poemas por ano



Camilo visto por José João Brito

O meu amor àquela mulher tem quatro estações em cada ano, e cada estação tem três meses. Amo-a em Janeiro, Fevereiro e Março. Cada semana, escrevo-lhe uma poesia palpitante de ternura. No fim de três meses são doze poesias. Depois, Abril, Maio e Junho, são para o ciúme; escrevo doze poesias enfurecidas, téticas, e incisivas como o rugido do chagal ao qual roubaram a fêmea. Julho, Agosto e Setembro, escrevo doze poesias de desalento, estilo híbrido, despedaçador, lancinante, cáustico, enfim, um quírie de insultos contra as mulheres. Em Outubro, Novembro e Dezembro, escrevo doze poesias de desalento, estilo lamuriante, pieguice brava, um momento de fazer chorar as mulheres dos nossos alfaiates, um adeus de Chatterton à vida, uma maldição de Gilbert à sociedade, uma coisa horrível que eu escrevo sempre depois de jantar, com o pesadelo de uma digestão laboriosíssima. No fim do ano de quarenta e oito semanas, tenho quarenta e oito poesias, que vendo a um editor por cinquenta moedas, o mínimo. (...) Quando os poetas, à míngua de inspiração, se calam com as cigarras em Setembro, eu canto todo o ano, e já vou no terceiro da publicação da minha atormentada existência. Sem Cecília, acredito que eu não fazia um verso, e Cecília, sem mim, acredita também tu que não teria uma quadra séria, nem uma imortalidade tão barata. Ora, é assim que se ama: tudo que não é isto, é ser inferior ao século...

(Camilo Castelo Branco, «Onde está a felicidade?»)

Delo berço de Apolo e Diana

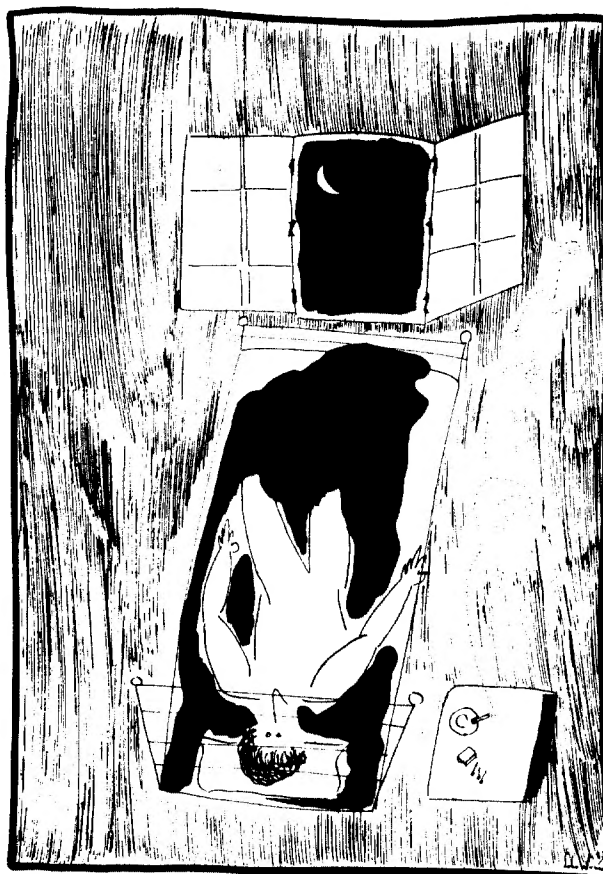
A frágil lancha, fazendo ronronar surdamente o motor, aproxima-se da ilha de Delo, a mais pequena das Cíclades. Este minúsculo pedaço de terra seco e amarelo sobre os raios do Sol foi, em tempos, o centro da poderosa Confederação dos Aliados de Atenas habitada por cerca de quarenta mil pessoas. A população de Delo resume-se hoje ao guarda da ilha e do que resta dos seus templos.

Foi há quase cinco mil anos que desembarcaram os primeiros habitantes nessa superfície pequena mas geograficamente bem situada, a que os antigos gregos chamavam terra «emergida das águas». Em pouco tempo, Delo tornou-se um grande porto marítimo e um importante centro religioso da Grécia Antiga. Segundo a mitologia, Apolo e Diana nasceram aqui nas margens dum pequeno lago debaixo duma palmeira.

A visita turística à ilha começa precisamente por essa depressão de solo gretado que foi em tempos um lago, e onde o único sinal de vida é uma palmeira definhada. Neste lugar os antigos gregos ergueram o templo de Apolo, hoje em ruínas. A recordar o célebre «Pátio dos Leões», ficaram cinco dos 16 magníficos leões de mármore; os outros encontram-se espalhados por diversos museus fora das fronteiras da Grécia.

O tempo e a História não se apiedaram das preciosas obras de arte de Delo. Além das ruínas do templo de Apolo, apenas o anfiteatro e algumas edificações na encosta do monte Kinf com mosaicos milagrosamente intactos recordam a opulência que o berço da primeira aliança marítima ateniense conheceu entre os séculos III e I A.C.

No ano 88 A.C. Delo foi invadida por Mitridates VI, rei do Ponto e mais tarde devastada pelos piratas.



«Eppur si muove»

pedro alvim

Tão escuro marasmo em movimento,
 bem lá no fundo muito das raízes,
 sem cá fora um braço, um lábio só
 que suba até nós e nos acorde:

eis o globo da Terra no espaço
 o tempo só cumprindo do seu tempo
 e nós horizontais em nossas camas
 cobertos do lençol do tecto branco.

Tudo algures tão fixo como tantos
 orgasmos esquecidos sabem ser
 por noites de afagos nunca feitos...

Mas imóveis nos vamos até onde
 da Terra o dia sai bem lá do fundo
 e «Eppur si muove» em nós se vem!



A música

A esposa de Orfeu, fosse qual fosse o seu nome, era provavelmente uma ninfa trácia cujo amor Orfeu conquistou pela doçura da sua música — esta é a opinião literária de WKC Guthrie, opinião de que se serve por sua vez Manuel Valls para concluir que o Mito de Orfeu assenta precisamente na sedução amorosa e no poder da música para engendrar o Amor. De dedução em dedução, aproximamo-nos das relações entre música e erotismo, relação estabelecida por aquele musicólogo catalão no livro «A música no abraço de Eros».

Que livro é este...? Trata-se de um ensaio que tem por objectivo demonstrar, ao longo de uma especulação essencialmente lúcida, que a presença da música foi sempre imprescindível, em todos os lugares e em todos os tempos, para estimular a mais íntima, tema, angustiada e profunda relação humana: a do processo que conduz ao limiar e à consumação do amor.

É por de mais sabido que a função extramusical dos sons se manifesta sob múltiplos aspectos (das marchas e hinos, por exemplo, aos cantos que se entoam em certas tarefas laborais), mas talvez em mais nenhuma outra actividade como a erótica exerce a música uma influência tão decisiva. E porquê...?

Porque, segundo Valls, foi precisamente nessa actividade que o homem estimulou, simultaneamente e com a maior criatividade, todos e cada um dos seus cinco sentidos.

Escreve Valls: «Desde as mais remotas civilizações, a humanidade acompanhou sempre os seus rituais amorosos e sexuais com toda a espécie de sons, acordes, ritmos, música e cânticos. A atmosfera de desordem e turbulência inerente ao erotismo transmite à música toda a sua carga engendradora, e a música,

por sua vez, animada dessa energia, aviva a imaginação erótica. Música e erotismo alimentam-se mutuamente.»

Não é fácil, no entanto, determinar como e de que maneira se concretiza a relação entre música e erotismo — e mais difícil ainda é qualificar a índole erótica da música, embora algumas obras-primas da história musical do Ocidente nos mostrem componentes reveladoras de certa sensualidade detectáveis nos seus processos harmónicos e melódicos.

Cita Manuel Valls a este respeito as páginas deliciosas de «Dafnes e Cloe», de Ravel — e, de Debussy, as páginas não menos cativantes de «L'après

midi de S. outro igual ação texto Qu pectr a su não nha formi sua dami no ci as ci

Qu de re sioni



O «To

No passado dia 10 do corrente mês de Março, falecia, em Neuilly-sur-Seine, Paul Géraudy, o mais velho (como secamente diziam as agências) dos escritores e poetas franceses.

Tinha 98 anos.

Celebriu-o um livro de trinta e um poemas (tantos como os mais dias dos longos meses) intitulado

«Toi et Moi».

Ora em que consistia o livro...?

Consistia pura e simplesmente num «tête-a-tête», numa conversa íntima de namorados, em verso livre, recordando momentos,

qu de m: pié qu

«t nu ar

TRISTEZA

O seu passado! Até você tem um passado! grande passado de alegrias e tristezas... Dizer que há em você com certeza velhos prazeres e cuidados, sombras pequenas ou infinitas de mil visões em que eu nem sequer apareço! Diga de novo as coisas já cem vezes ditas, essas lembranças que eu ainda mal conheço. Que noite e que mistério atrás do seu olhar! É então verdade que uma vez, longe de mim, você gostava de brincar de cabelos soltos assim, como nessas fotografias esquisitas? Conte-me então. Tudo isto é exacto?

ca no abraço de Eros

Joan Arnau

«midi d'un faune» e do «Martírio de S. Sebastião». A estes títulos outros se poderiam juntar, igualmente de peças com conotações eróticas sugeridas por textos literários ou cénicos.

Qualquer que seja a qualificação que queiramos dar ao especto sensual destas partituras, a sua vinculação ao erotismo não resultará em absoluto estranha se considerarmos as multifuncções da música na sua intervenção nos actos fundamentais da vida quotidiana e no ciclo vital do homem em todas as civilizações.

Quando se adjectiva a música de religiosa, dramática, impressionista, romântica, etc., nunca

se chega a concretizar exactamente o alcance da função sugerida por tal adjectivação. Evidentemente que perante uma partitura religiosa uma dúvida assalta quem a escuta: estamos perante, uma mensagem a entes místicos ou ouvimos a sensibilidade do compositor movida por outros intuitos que não os meramente religiosos? Por outro lado, perante uma partitura que se reclama de erótica, o mesmo problema se põe também: escutamos um apelo amoroso ou antes pelo contrário um apelo que transcende as subtilidades da carne?

Um dilema, pois. Um dilema que divide, como não podia dei-

xar de ser, quem compõe e quem ouve, muito embora uns e outros estejam aparentemente seguros daquilo que escreveram e daquilo que escutaram. Que música é esta? Que música é aquela? Só subjectivamente se poderá dar uma resposta, o que significa que depende de cada um proceder à qualificação da música que lhe é dado ouvir. Seja como for, no entanto, Eros abraça sempre quem ouve música. Por mais ténue, acentue-se, que seja a impressão amorosa colhida na audição.

Eros, enfim, é uma constante na arte dos sons: o que se impõe é saber ouvir uma pauta musical, avulte nela um violino, um órgão ou um piano...



«Le Bain de Diane»

Um gabinete privado

II — O uso da cor

Fernando Guerreiro

TAL como do Duplo retrato de Gabrielle d'Estrees e da Duchesse de Villars, também em «Le Bain de Diane (*)» existe uma composição contrastada em que o vermelho (ou as suas tonalidades) e o branco (dos corpos) surgem como opostos sobre o «pano de fundo» (o «reposteiro de cenário») de um outro tom mais indiferenciado (aqui, uma deslocação do castanho-cinza para o verde-lilás).

O que se esmaga na superfície (primeiro plano) do quadro é, contudo, o branco irreal dos corpos (que, já o vimos, irrealiza/espiritualiza a sua nudez quase disforme — quero eu dizer, sem formas, mas nunca absente ou impudica). O manto vermelho que uma criada (aia) depõe sobre os ombros da figura colocada no centro do quadro — e que pela sua importância, posição, se supõe ser Diana (saindo ou entrar no banho)? Eis o que permanece um mistério indecifrável do fictivo... —, vem colorir a brancura da sua carne: isto é, do ponto de vista erótico (do prazer e do sexo) marca-a.

O vermelho mais carregado desse manto (ou toalha?) dilui-se, contudo, nas extremidades (pano laranja, à direita, de uma segunda figura; ocre mais carregado do pelo das pernas, toscas e grossas, do fauno — à esquerda colocado); ou, dito de outro modo, o vermelho central constitui a síntese de uma oposição (entre o ocre phálico e o laranja incólume), mas uma síntese que existe em si mesma (o vermelho do manto contra o branco da pele) como a ambiguidade de uma unidade cindida.

A passagem deste espectáculo, isolado, ao cenário (do teatro que é a Natureza e a paisagem) é feita através de dois mantos que em tons mais carregados, nítidos, definem a amplitude de cores em que se articula o pormenor do cenário: o verde-garrafa da roupagem da aia (que coloca o manto vermelho sobre os ombros da suposta Diana) e o manto-toalha lilás de uma terceira figura feminina (inclinada e despida, à esquerda, na pintura).

Atente-se, contudo, em dois outros traços.

Diana, além de descobrir a sua nudez com diversas jóias

claras (colares — no pescoço e nos braços) e uma fina capa de gaze, traz nas mãos, colocando-o diante do olhar do espectador (à frente do quadro), um pano branco que contrasta com o manto vermelho que lhe põem às costas: como se, desse modo, negasse a marca erótica que, de qualquer modo, no quadro, pela cor lhe é aplicada. A aia-criada, que põe o manto vermelho sobre os ombros de Diana, pelo seu lado, é a única figura vestida deste primeiro plano da tela: única figura que esconde o sexo, é ela que sexualmente Diana marca. Marca social e histórica de uma dupla censura e diferencialidade (*).

Resta-nos agora ver como se articulam esses dois níveis inter cruzados de significação (a ficção e a cor).

Já escrevemos que nos quadros da Escola de Fontainebleau o sexo, inscrito, é ficcionalizado. Não nos é dado pelo carácter metafórico ou metonímico do par, as aberrações da perspectiva ou o cenário, mas pela inscrição, na tela, de uma ficção plural e plurifacetada (diversas «histórias» que, sem se comple-

Continua na pág. 4



«J'ai et Moi» de Paul Géraudy

quadros, horas de efusões sentimentais. Amor, enfim.

Num tempo um tanto seco que por aí vai, talvez que lendo alguns destes poemas sintamos uma certa frescura de sentimento e assumamos (mesmo até nos seus aspectos melodramáticos, um tanto piegas, doces de mais) esse infável hífen que, de quanto em quando, leva um coração a falar a outro coração.

Ouçamos, pois, a palavra de Paul Géraudy através do poema «tristeza», na tradução brasileira de 1932 de Guilherme de Almeida, numa já afastada edição (quase vinte anos) de 1964, e que, por amabilidade de uma nossa leitora, nos chegou às mãos.

Você foi como esse retrato
em que nem mesmo está bonita?
E nesse tempo então, que é que você fazia?
Que é que você pensava e que você dizia?
Como era a sua vida então?
Existiu mesmo esse jardim enorme, que se vê?
E de que lado era o portão?
Tem certeza, é mesmo você
essa horrível menina, ou não?
E esse velho chapéu de uma velha estação
era seu? Não está enganada?
E essas pessoas antiquadas
conheceram você antes de mim? Quem são?
Você lhes deve então sua primeira viagem,
a primeira noite num trem,
a primeira floresta, e a primeira paisagem?
E foi nos seus ombros também

que você se apolou, enfim,
quando disseram: «Veja, ali!...»?
Por que essa gente, que está aí,
não deixou isso para mim?
Eu gostaria de levar
você bem longe, e de inventar
prodigiosos itinerários!
E de ensinar as noites e os verões profundos,
e o gosto longo dos caminhos solitários,
e a aldeia que se avista e o nome que ela tem.
Ah! apresentar você ao mundo...
Eu sei que eu faria isso bem.
E de horizontes tão felizes,
dessas cidades e países,
quem sabe se resultaria
alguma glória para o guia?
Ah! se essa gente, meu amor,
soubesse o que ela me tomou!
Mas nem vale a pena pensar,
é o irreparável, simplesmente...
E no entanto toda essa gente
parece gente tão vulgar...
Cria que se frequentemente
qualquer mal-entendido surge entre nós dois,
é só por causa dessa gente
que, a pretexto de férias, foi
com você por aí, e deixou
o seu rastro, na sua vida, antes de mim...
...Mas isso tudo já passou.
Esconda esses retratos, sim?



APE: Grande Prémio de Romance e Novela

OS actos relativos à atribuição, pela primeira vez, do Grande Prémio de Romance e Novela, no valor de 750 contos, iniciativa da APE, vão realizar-se nos próximos dias 6 e 8 de Abril.

Naquele primeiro dia, logo após a última reunião do júri, realiza-se uma conferência de imprensa e um «cocktail» no Hotel Fénix, sendo revelada a obra galardoada.

A este acto estarão presentes a Direcção da APE, a Comissão Executiva do Grande Prémio e os elementos do júri.

No dia 8, no decurso de um convívio, o Presidente da República entregará ao autor da obra distinguida um pergaminho alusivo à concessão do Prémio. À noite, efectua-se um jantar, no restaurante «Bodegón», de escritores sócios da APE, no decorrer do qual será entregue ao autor premiado um troféu e a importância relativa ao Prémio.

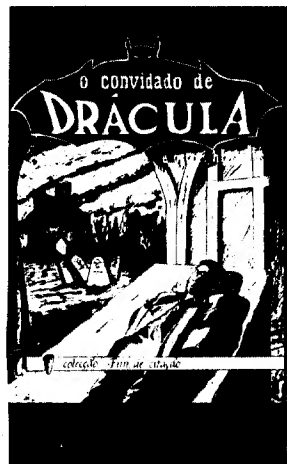
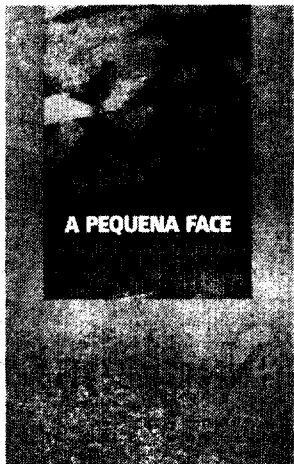
Serão oradores o presidente da Direcção da APE e um crítico literário.

AS LETRAS EM DIA

QUATRO ELEMENTOS EDITORES lançaram mais dois escritos multiformes: «O convidado de Drácula e outras histórias» na colecção Fim de Citação, e «Essas Vozes», de Silva Carvalho, na colecção Marca Amarela. Assinam a primeira destas brochuras Bram Stoker, John C. Blood, Raymond D. Douglas e Théodore Franckel. Uma certa literatura marginal que se impõe, pois nem só no seio da ortodoxia as palavras dizem coisas. E neste «Drácula» e nestas «Vozes» há muitas palavras que dizem coisas. De ler.

ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE, através da editora Assírio & Alvim, está nos escaparates com o livro de poemas «A pequena face». O autor já tem outros títulos: «A distância» (edição do próprio, 69), «Sem palavras nem coisas» (Iniciativas Editoriais, 74), «Cartucho» (vários, edição dos autores, 76), «Os objectos principais» (Centelha, 79) e «Visitação» (Gota de Água, 83).

ANTÓNIO CABRITA — Uma estrela, «O Milagre das Tribos», do autor, na colecção Plural, da dupla chancela Gota de Água/Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Um pouco à revelia do habitual, não se trata duma colectânea de poemas mas, pode-se dizer, dum poema, extenso e sectionado em dois grandes blocos textuais. A estrutura do poema será desde logo um atractivo da atenção — que há-de deter-se certamente com mais pormenor na segurança processual (construção textual, elaboração discursiva) que faz deste livro, mais do que uma estrela, uma revelação pelo menos muito interessante, e, do autor, um nome desde já a fixar.



Fim de tarde

João Camilo

Na pequena rua as raparigas de sete e oito anos sentavam-se no selim da bicicleta quando eu passava e diziam

boa-tarde. Eu sorria, mas os meus passos eram intranquilos nesse fim da tarde do mês de Março. Não sei se via as folhas das árvores e a cor do céu ao fundo perto das montanhas junto ao mar. Chegar a casa antes que em mim se transformasse em ideia nítida a confusão dos sentimentos era a única razão da minha pressa. Compreendia-o algumas horas depois, quando me sentava para ler um livro e pouco a pouco crescia em mim a água de um rio que a solidão ia ajudando. A vida interior seduz como os fins da tarde nos países do Norte, quando a luz se multiplica por elementos desconhecidos e nascem as cores que paramos na rua para contemplar. Não quero dizer se havia algum vestígio de gemido na parte de mim mesmo mais escondida dos outros e da mulher amada. Era de resto no amor que eu pensava. Tu (eu dirigia-me a ela e sabia-a em casa a descer os degraus que tínhamos subido juntos), tu poderás chamar-me amanhã aquele que amaste no Verão passado. Eu sei que é pela linguagem que a dor mais facilmente se insinua em nós. É das palavras que se pronunciam pela primeira vez que a realidade se origina e começa a reordenar-se. Penso na minha ausência do espaço mais familiar todos os dias aos teus olhos. Não sou por momentos senão a sombra daquele que te forçara a organizar de determinada maneira o corpo e o futuro. Ao próprio passado assiste do lado de fora, e dou-me conta de que a paixão pode ser um caminho lateral. Não digo que os meus últimos anos e o tempo que viveste comigo tenham sido mais particularmente de que os outros dias da minha vida criados para virem a lamentar-se. Mas como saber o caminho que nos está reservado ou



em que podemos deslocar-nos com os anos que temos e o que fomos adquirindo? Meu amor, eu não poderia repetir-te que me abandonas à minha solidão tão depressa quanto te seja possível. Se me encontrasse sozinho de novo num quarto pequeno com os meus livros havia de conhecer pela primeira vez o verdadeiro caminho que percorre a dor em nós, quando tende passado tanto tempo a preencher espaços que nunca seriam vazios nos descobrimos mais pobres de que no dia em que come-

cámos. Mas entre tu em casa e eu aqui sentada nenhuma ponte visível transporta as razões que tem cada um de nós para repetir a si mesmo que está vivo. E é urgente aprofundar nos dias que vão seguir-se as razões do descontentamento. Introduzem-se em nós os corpos que hão-de vir a ser estrangeiros, a perturbação. Como prever o uso que em nós se fará das mais pequenas palavras, das mais escutadas frases? Meu amor, conhecerás os mais ínfimos locais do teu próprio tempo esta tarde. Se me

deixasses a sós comigo mesmo, se retirasses a tua mão que eu nem sempre soube tocar, compreenderia que devia perder-te para sempre, embora me doesse a imperfeição com que vivi a teu lado, todos os minutos em que distraído do teu rosto procurei fazer-me à imagem de mim mesmo sem ti.

(in «Na pista, entre as linhas»/Gota de Água/Imprensa Nacional - Casa da Moeda)

Um gabinete privado II — O uso da cor

Continuação da pag. 3

tarem na linha de uma continuidade e de uma contiguidade, se enterpenetram e fundem para congregar os seus diversos sentidos num nível mais abstracto: o da lição, do enigma ou moral do quadro). A censura do acto (ou a sua alusão expressa) é deste modo amplificada e alargada a toda a estrutura da tela — e daí a carácter irónico, segundo, cínico e perverso (intelectualizado) de muitos destes quadros (lado enganador da sua frivolidade ...).

Numa reprodução mais ampla, ainda que a preto e branco da mesma pintura, pode-se ver mais distintamente, à direita, num segundo plano, dois cães que devoram uma peça de caça que tudo indica ter sido abatida pelo homem, a cavalo, que, também em segundo plano, surge na outra extremidade do quadro.

Este segundo tema (ficção) vem, com efeito, precisar o sentido global da tela e dar profundidade à sua primeira cena e se-

quência (o banho propriamente dito).

O banho é, assim, a representação, a branco, teatral e encenada, de outro prazer (ofício/trabalho) mais violento e mortífero: a caça.

Asserção, contudo, que nos impõe desde logo uma segunda, mais profunda, leitura: a de que o banho, afinal, é a própria caça e que a caça está no quadro como cifra (índice) do que a própria cena do banho censura.

A mortal barbaridade da caça, o vermelho da sua cor e o seu fascínio, restitui-nos o que falta à brancura (mortal) dos corpos (a sua espessura): ou seja, repõe a cor (através desse desvio figurativo) como a última instância de significância da pintura.

NOTAS:

(*) Le Bain de Diane, tela datada eventualmente de 1550, é geralmente atribuída a François Chouet (1510?-1572), filho de Jean Couet — e

que sucedeu ao pai no cargo de pintor do Rei a partir de 1541. Cf. L'École de Fontainebleau, Éditions des Musées Nationaux, Paris, 1972. Ver também Louis Dimier, L'Art Français, col. Miroirs de l'Art, Herman, e Claude-Gilbert Dubois, Le maniérisme, PUF.

(**) Num quadro como Le bain et le masque, p. ex., o que mais surpreendente é o carácter decorativo, desenhado e estilizado, dos contornos dos corpos. Alguns, os que estão em primeiro plano, parecem em ingres (Le Bain), 2 enquanto outros, mais magros, lembram as Les Demoiselles d'Avignon de Picasso. Na tela o estilo adianta-se, portanto, à própria representação (de perspectiva, posição ou alegoria). Traços semelhantes aos referidos a propósito de Le Bain de Diane, encontramos-nos noutras duas representações de mulher: numa, Sabine Poppaea, a nudez é descoberta por uma fina gaze, chela de pregas (o sorriso trocista do rosto e o olhar — em amêndas e envesado —, confirmam o sobrefeito das pregas de gaze, desinentem o pretendido tom púdico, ou contido, da pintura); na outra tela, intitulada Femme au lys

rouge (também de autor anónimo), refere-se a uma marca erótica da tonalidade cromática (o vermelho, ainda que disperso e figurado de um modo simbólico ou alegórico — pelo manto, o rubi ou a flor está pelo sexo e contrasta com o branco-nacar dos corpos e a transparência dos véus e da gaze: é, destes, a real opacidade). Se em Procris et Céphale (atribuído ao Maître de Flore, segunda metade do s. 16) descobrimos já a irradiação dos contornos de um Gustave Moreau, numa prancha anatómica (a cores) de Gautier d'Agoty (de 1773), tal como se cude em alguns filmes recentes de fantástico e de horror — The Thing, de John Carpenter, mas também Alien, de Ridley Scott —, a coluna vertebral e as costelas, ainda com os músculos e a carne a elas agarrados, rebentam, fazem estalar a superfície branca e superficial da pele (que contém o corpo, o torna representável e nomeável: lhe dá uma forma figurativa): no entanto, ao mesmo tempo que explode (se rompe) o corpo, o rosto, ligeiramente inclinado para a direita, como que se emociona e ganha uma nova cor — torna-se mais rosado enquanto os lábios, rubros, crepitam como fogo...